

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

HUGO DE SOUZA LOPES
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória de Manguinhos

Entrevistado – Hugo de Souza Lopes (HL)

Entrevistadores - Paulo Gadelha (PG), Rose Ingrid Goldschmidt (RG) e Wanda Hamilton (WH)

Data - 03/04/1986 a 01/07/1986

Local – Rio de Janeiro/ RJ

Duração – 7h56min

Resenha biográfica e Sumário – Lina Rodrigues de Faria

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

LOPES, Hugo de Souza. *Hugo de Souza Lopes. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória de Manguinhos*, 1986. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 138p.

Resenha biográfica

Hugo de Souza Lopes nasceu a 5 de janeiro de 1909, no Rio de Janeiro. Formou-se em veterinária pela Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, em 1933.

Ingressou em Manguinhos em 1931, como estagiário voluntário, sem remuneração, sendo contratado apenas em 1949. Em 1934, foi aprovado em concurso para professor catedrático da Escola Nacional de Veterinária, atual Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Dedicou toda sua vida acadêmica ao estudo de uma única família de insetos: as moscas sarcophagídeas, cujas larvas parasitam animais. Descreveu inúmeros gêneros e espécies novas, publicando mais de 200 trabalhos. Hugo de Souza Lopes tornou-se o maior especialista mundial no tema.

Em 1964, foi perseguido e aposentado na UFRRJ. Na mesma ocasião, perdeu a chefia da seção de entomologia do Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Porém, isso não foi obstáculo para que continuasse o seu trabalho como professor conferencista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, cargo que ocupou até 1970, quando foi cassado pelo Ato Institucional nº 5 (AI-5), juntamente com outros nove pesquisadores do IOC. Conseguiu refugiar-se no Museu Nacional, onde continuou os estudos sobre moscas sarcophagídeas, dedicando-se também à botânica, área em que desenvolveu estudos sobre plantas do gênero *Coleus* (folhagens de jardim das mais variadas cores), que colecionou em Petrópolis (RJ).

Posteriormente, Hugo de Souza Lopes ingressou na Universidade Santa Úrsula, onde foi decano do Centro de Ciência Biológicas e professor titular. Desde 1980 passou também a ocupar o cargo de pesquisador do CNPq.

Em 1986, foi reintegrado ao quadro de pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). De volta à instituição, foi para o Departamento de Biologia, onde prosseguiu seus estudos sobre moscas sarcophagídeas.

Hugo de Souza Lopes morreu, em 10 de maio de 1991, de pneumonia dupla.

Sumário

Fita 1 e Fita 2 – Lado A

A infância no sítio do pai; o ginásio no Colégio São Bento; o exame de história natural em Campos (RJ); o curso de veterinária na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária; o contato com Lauro Travassos e o estágio no laboratório de helmintologia em 1931; a relação de liberdade que Lauro Travassos mantinha com seus subordinados; perfil de Oswaldo Cruz; observações sobre Arthur Moses; a entomologia médica; a sucessão de Oswaldo Cruz no IOC; perfil de Arthur Neiva e de Adolpho Lutz; os conflitos entre Lauro Travassos e Carlos Chagas; a nomeação para professor da Escola de Veterinária; o museu de anatomia do IOC; o Instituto de Biologia Vegetal no Jardim Botânico; o laboratório de parasitologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); as pesquisas desenvolvidas por Costa Lima e Frei Borgmeier no Instituto de Biologia Vegetal; a contratação no IOC durante a gestão Olympio da Fonseca.

Fita 2 – Lado B a Fita 4

As atividades desenvolvidas no IOC; a divisão do IOC em grupos antagônicos; os assistentes de Lauro Travassos; o carteiro entomologista Ferreira de Almeida; a cassação dos cientistas do IOC; observações sobre Costa Lima; a entomologia agrícola; os arredores de Manguinhos no início do século XX; a arquitetura do castelo mourisco; as pesquisas desenvolvidas na seção de entomologia do IOC; a participação de pesquisadores do IOC nas reuniões da Sociedade Brasileira de Biologia; as coleções entomológicas do IOC; as verbas provenientes da venda da vacina contra a manqueira; a importância do Departamento de Entomologia do IOC; as funções dos auxiliares em Manguinhos; os efeitos negativos da pesquisa dirigida no desenvolvimento científico; o Curso de Aplicação do IOC e a decadência de Manguinhos; o Estado Novo e a organização da ciência médica no Rio de Janeiro; críticas à contratação de funcionários na gestão Olympio da Fonseca; a administração de Carlos Chagas; as expedições científicas dos pesquisadores de Manguinhos.

Fita 5 e Fita 6

Perfil de Cardoso Fontes; o prestígio internacional de Oswaldo Cruz e de Carlos Chagas; comentários sobre César Pinto; as administrações de Henrique Aragão e de Olympio da Fonseca; comentários sobre as instalações da Fundação Rockefeller no *campus* de Manguinhos; o telegrama de apoio enviado pelos pesquisadores do IOC a Luís Carlos Prestes em 1946; o abaixo-assinado dos pesquisadores do IOC enviado a Getúlio Vargas pedindo a demissão de Olympio da Fonseca; a gestão Francisco Laranja; o CNPq; a campanha “O Petróleo é Nosso”; o movimento pela criação do Ministério da Ciência e Tecnologia e o apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e da Academia Brasileira de Ciências; a administração de Joaquim Travassos da Rosa; o governo João Goulart e a reforma de base na área de saúde pública; as delações no IOC após o Golpe de 1964 e o inquérito administrativo do Ministério da Saúde.

Fita 7 e Fita 8

A nomeação de Joaquim Travassos da Rosa para o cargo de diretor do IOC; comentários sobre as áreas de pesquisa antes do Golpe de 1964; perfil de Olympio da Fonseca;

considerações sobre a administração de Rocha Lagoa; o “Massacre de Manguinhos”; concepções sobre ciência, pesquisa e educação; perfil de Lauro Travassos; a zoologia no Brasil; as atividades docentes na USU; a reintegração ao quadro de funcionários de Manguinhos em 1986.

Data: 03/04/1986

Fita 1 – lado A

WH - Gostaríamos que o senhor começasse falando sobre a sua infância. O senhor nasceu no Rio? Como era a sua vida na infância?

HL - Eu nasci no Rio, no Méier, subúrbio da Central e a minha mãe morreu muito cedo. Aos sete anos ela já tinha falecido, e eu fui morar com a minha avó no sítio que o meu pai tinha na Serra do Mar. Era um lugar muito agradável, numa estação chamada Palmeiras. E lá levava uma vida muito livre. Eu nunca fui à escola primária. A minha avó me ensinava em casa. Isso é muito importante, eu acho. Então, eu tive uma vida muito livre, vivia trepado nas plantas ou então montado num cavalinho que eu tinha, que era muito bom (*rindo*). E acho que é por isso que estou com 75 anos... 77 anos. Os meus três irmãos já morreram - duas irmãs e um irmão - e eu estou sobrando aqui, com 77 anos. Sempre fui mais robusto do que os outros. Talvez por isso, por causa dessa infância ao ar livre, uma infância mais...

RG - Da família, dos irmãos, só o senhor foi para lá?

HL - É. Eu morava com a minha avó e meu pai. Meus irmãos moravam aqui no Rio. Com 12 anos eu comecei a fazer o ginásio no São Bento. E foi também uma das coisas boas que me aconteceram, porque o São Bento era um colégio muito bom. Os padres eram muito amigos, e tinha professores muito bons. Eu me lembro muito do professor de francês, o Gentil Feijó, que é pai desse cardiologista, Dr. Luís Feijó, que é muito meu amigo, e quem eu consulto sempre, e que também é um dos responsáveis pela minha longevidade. Então, no São Bento eu fiquei até o terceiro ano. Sempre gostei muito do São Bento. Fiz as matérias básicas lá, até que meu pai faleceu, quando eu tinha 17 anos. E aí eu tive muita dificuldade.

RG - O que seu pai fazia?

HL - Meu pai era dentista. Um dentista até muito bem sucedido. Tinha consultório na Rua Sete de Setembro, podia ter um sítio... Nós tínhamos uma vida razoavelmente abastada. Mas quando meu pai morreu, meu irmão... Eu tinha um irmão mais velho que era médico em São José dos Campos. Ele tinha ficado tuberculoso quando era ainda estudante; foi para São José dos Campos, se recuperou bem lá e fez uma enorme clínica. Ele era muito querido por lá, tinha muito boa clientela. E eu também ia muito freqüentemente para lá. Mas com o meu irmão morando longe, eu vivendo só com a minha avó e as minhas irmãs aqui no Rio, deixei de estudar, passei uns dois ou três anos numa vagabundagem horrorosa (*risos*). Mas depois me recuperei, porque aí eu conheci a Jurema, minha mulher, e resolvi continuar a estudar. E aconteceu também uma outra coisa muito pitoresca, que foi uma das razões de eu ter deixado de estudar. É que eu fui fazer exame de história natural e fui ao pau. Eu nunca tinha ido ao pau. Eu estudava no São Bento e o São Bento era muito rigoroso. Quando nós íamos fazer os exames parcelados no Pedro II, já tínhamos passado no exame do São Bento. Fiz todas as matérias no São Bento e passei com facilidade. Só faltava história natural. Latim, história universal, geografia, as matemáticas todas - essas eu gostava muito, principalmente de Geometria. Tive um professor no São Bento que era um comandante, chamado Werneck Machado. Esse Werneck Machado era um professor excepcional de Matemática. Era muito culto,

preparado. Morreu há pouco tempo. Ele teve uma vida muito grande! Então, eu gostava de matemática. E com essa história de gostar de matemática, eu não consegui decorar aquele livrinho de história natural, o famoso livro de Lafayette Pereira, chamado *Zoologia e Botânica*. Tinha uma porção de besteiras, decoreba, não explicava nada, só dava aqueles nomes, aquelas coisas de morfologia muito desagradáveis. Então, eu fui ao pau. Mas quando conheci a minha mulher, Jurema, resolvi voltar a estudar. Fui fazer o exame de história natural em Campos e passei (*rindo*). Aí resolvi estudar odontologia, porque meu pai era dentista e eu sabia que ele sempre teve vontade que eu estudasse odontologia. Mas meu pai era muito liberal e nunca falava nisso, de maneira nenhuma. Mas eu resolvi estudar odontologia. Vontade de casar, aquelas coisas, não é? Mas para ver como a vida da gente é uma coincidência, um brinquedo, quando eu estava fazendo vestibular na Praia Vermelha... O vestibular era o mesmo para a Escola de Medicina, só a classificação era diferente. As pessoas que queriam ir para odontologia não disputavam tanto, podiam ter médias mais baixas do que os aspirantes a médico. Mas quando eu estava fazendo o exame encontrei um antigo colega chamado Artidônio Pamplona, filho de outro Artidônio Pamplona, que era médico. Um clínico muito famoso, muito bom, daquele tipo de clínico que era uma espécie de conselheiro de família. Era um sujeito muito bom. E esse Artidônio Pamplona me disse: "Olha, vamos nos inscrever lá na Escola de Veterinária, porque meu pai é o diretor lá e não precisamos fazer o vestibular". Então, eu me inscrevi na Escola de Veterinária e comecei a fazer os dois cursos, que eram na Praia Vermelha. O curso de odontologia e o curso de veterinária. No curso de veterinária havia uns professores excepcionais: o Miguel Osório de Almeida, o Lauro Travassos, e vários outros. O professor de química também era muito bom. E eu comecei a me entusiasmar pelo curso de veterinária, porque o curso de odontologia era uma porcária. Meu pai, que era um dentista daquele tempo antigo, chamava a odontologia de arte dentária. Naquele tempo a arte dentária era importante, porque era uma arte mesmo, não é? Recompilar um dente, fazer um bloco bem feito, fazer uma dentadura com a articulação perfeita é uma arte. Eu, por exemplo, tenho uma dentadura que fiz quando tinha 40 anos. Tenho a portanto há 37 anos, e é a mesma e perfeita dentadura, nunca me machucou, nunca me incomodou. Foi feita por um dentista chamado Henrique Velner que era famoso, muito bom. Acho que ainda está vivo, porque era um homem muito robusto, mais ou menos da minha idade.

PG - O senhor falou que seu pai era uma pessoa liberal e ao mesmo tempo o São Bento tem a fama de ser um colégio muito conservador, de formação religiosa. Não é uma contradição?

HL - Mas o São Bento não era um colégio muito conservador. O São Bento era um colégio tão pouco conservador que tinha excepcionais professores que, evidentemente, eram ateus. Sem dúvida nenhuma, não era conservador. O Mário Barreto, que era o professor de português, não era religioso. E era um dos melhores que havia! O Feijó também, até caçoava um pouco das coisas conservadoras (*rindo*). O São Bento era um colégio conservador. Quer dizer, era um colégio conservador no sentido de preservar aquelas tradições. Era um colégio muito tradicional, mas não conservador. Uma coisa é ser tradicional, outra coisa é ser conservador nas coisas que a gente não deve conservar, nas bobagens, nos preconceitos, não é? Mas que o colégio era tradicional, era. Mas era até um colégio bem evoluído no tipo de ensino porque admitia um bom professor, não é? E depois o Colégio São Bento tinha como reitor, no meu tempo, o (*inaudível*) um bávaro, um padre alemão, que era baixinho, mas muito ativo. Trabalhava de manhã à noite, era de uma atividade enorme. E o senhor pode ter certeza de que foi o único lugar que eu vi

onde a disciplina era baseada na vontade de não desgostar o (*inaudível*). Isso é muito importante. E o (*inaudível*) tinha lá muitos alunos - mas muitos mesmo - gratuitos. O pai não podia pagar e ninguém sabia que eles eram gratuitos. Por isso é que eu digo: o colégio não é um colégio conservador, porque o colégio conservador ia fazer alarde de ter alunos gratuitos. O colégio também já mantinha uma escola primária gratuita que era praticamente para indigentes. Naquele tempo, aluno gratuito era aluno que só estudava por uma circunstância muito especial. Mas o colégio mesmo, que era um dos colégios mais baratos naquele tempo, muito mais barato do que os que apareceram depois, era um colégio de muito boa tradição de professores, e era um colégio desse tipo.

PG - E a religião lá? Era uma coisa obrigatória?

HL - Não. Não era obrigatória. Eu, por exemplo, já não ia à missa naquela época.

RG - O seu pai não dava ênfase à religião em casa?

HL - Não. Eu não era anti-religioso, como até hoje não sou. Acho que a religião tem milhões de vantagens. Não a beatice, mas a religião, não é? A beatice, aquele negócio de deixar de fazer as coisas, as mulheres que deixam de cuidar dos filhos para ir à igreja já... Aquilo eu acho horrível. Mas a mulher religiosa é uma coisa muito razoável, e o homem também. Mas naquele tempo eles não obrigavam. Bastava o pai dar uma autorização para não ir à missa, e eu não ia à missa. Não ia nem à missa, nem às formaturas pois não suportava aquele negócio de parada, não é? (*rindo*). Então, nunca fui a uma formatura. Também hoje é outra coisa que os colégios fazem como exibição, é mais uma propaganda do colégio. Nunca houve essas coisas no São Bento. Como até hoje não há.

PG - A formatura que o senhor está falando aí são as paradas cívicas?

HL - É, porque havia muito parada. Naquele tempo até 1920, 1918, havia muito isso. De forma que essa disciplina que eu encontrei no São Bento, esse tipo de disciplina, nunca mais eu vi em lugar nenhum. Era realmente uma disciplina consciente dos alunos. Quer dizer, os alunos não queriam desgostar do (*inaudível*) sabiam que ele era uma pessoa que se interessava pelo aluno.

PG - E foi fácil essa passagem da vida da roça, bastante livre, para um colégio com mais disciplina?

HL - Não. Acontecia o seguinte: meu pai morava no Méier, numa chácara que ia da Rua Tocantins até a Rua Castro Alves. Era uma enorme chácara, e cheia de árvores. Eu vivia trepado em cima das árvores, sempre gostei muito, e tinha a mesma liberdade que tinha no sítio, praticamente a mesma. Só não tinha o cavalinho, que a cobra já tinha mordido também, que nem existia mais. De forma que eu continuei a ter aquela mesma liberdade que eu tinha, sem dúvida nenhuma. Depois, meu pai era uma pessoa que não era capaz de acordar um filho botando o despertador. Ele sentava-se na beira da cama e chamava a gente. Mas ele não gostava que a gente estudasse de noite, porque achava - de fato - que a luz de lâmpada não é a mesma coisa que a luz natural, que tem uma iluminação mais difusa. Então ele me acordava às 4:30 hs, mas já com o café pronto e o pão em casa. Ele fazia o café, ia comprar o pão e depois me acordava. As aulas no São Bento começavam às 11:00 hs, de forma que até as 10:00 hs, eu estudava; de 5:30 hs até às 10:00 hs. Tinha muito tempo para estudar. Então, a minha vida sempre foi muito livre, por causa disso.

Quando chegava do colégio tinha a tarde praticamente livre.

PG - O Méier naquela época era quase considerado como a zona do sertão carioca, não é?

HL - É. Depois da minha casa tinha um campo de futebol. Eu sempre fui péssimo jogador de futebol, mas era bom, porque eu saía correndo, brincando de bola (*rindo*). Só três coisas eu fazia bem: andar de bicicleta, equitação e natação. Sempre gostei muito de nadar. No São Bento também tinha essa vantagem: havia uma piscina de água do mar, lá no alto do São Bento!

RG - Que coisa fantástica! Tinha um processo de trazer a água?

HL - É. E água que eles renovavam sempre, água limpinha, todo, todo o tempo.

WH - Em que época o senhor estudou lá?

HL - Eu tinha 12 anos, quando comecei. Fiquei lá de 1921 a 1925.

WH - Fez o segundo grau lá?

HL - Fiz o ginásio lá. Não fiz o ginásio todo porque o meu pai faleceu e eu deixei de estudar. Agora, até isso também era bom. Eu gostava muito de natação. Até hoje eu vou para Guarapari e fico dentro d'água, o tempo que eu quiser (*rindo*). Quer dizer, eu não tenho boa velocidade em natação, mas sou capaz de ficar dentro d'água o tempo que quiser.

PG - Então, para a época, era uma coisa moderna o ensinamento do São Bento?

HL - Sim! Muito moderna, muito moderna.

PG - Nessa época é que estava-se começando a valorizar a idéia dos balneários, da natação, da vida ao ar livre.

HL - Eu quebrei esse braço esquerdo jogando futebol lá. Eu sempre gostei muito de futebol, apesar de ser um péssimo jogador (*rindo*). Mas quebrei esse braço no futebol, numa pelada lá no São Bento, que também tinha um campo de futebol. O São Bento era um excelente colégio. Hoje, se a gente pudesse ter um colégio como era o São Bento, era um avanço. É que o grande número de alunos não permite. Apesar de que o colégio hoje ainda é bom. Eles fizeram uma instalação muito boa, tem uma boa biblioteca, uma porção de vantagens.

RG - O senhor era o caçula da família?

HL - Não. Eu era o terceiro. Éramos quatro. O meu irmão mais velho, a minha irmã mais velha, eu e a minha irmã mais nova.

RG - E os outros também estudaram lá no São Bento?

HL - Não. O mais velho estudou no Pedro II e as duas só fizeram primário e começaram

a estudar inglês, essas coisas. Naquele tempo não era muito comum...

RG - Não era muito comum as mulheres irem à escola?

HL - As moças não estudavam. A mais velha estudou inglês muito tempo, mas não...

PG - Mas o senhor estava falando que tinha um interesse forte pela matemática, entra na odontologia e acaba na veterinária. Como é que é isso?

HL - Exatamente isso. O interesse meu era a matemática por causa disso; porque todas as pessoas são orientadas na vida por um bom professor, sem a menor dúvida. Acontece que o aluno está interessado, tem um certo jeito por uma determinada matéria, mas tem que aparecer um professor que desperte a atenção dele, não é? E foi o que aconteceu comigo. O professor Werneck Machado era um professor que tinha um especial prazer na álgebra, na geometria. Trabalhava muita com a forma. E isso já era uma tendência para a zoologia: o prazer de interpretação da forma. Porque a geometria aborda todos os problemas de demonstração geométrica, a comparação de ângulos, comparação de linhas, comparação de direções. Por isto, acho que a geometria tem muito a ver com a natureza. Tudo na natureza pode se acabar numa expressão geométrica. De forma que isso não deixa de ser uma certa inclinação que eu já tinha. Mas depois fui fazer exame vestibular para a Politécnica. Isso aconteceu naquele ano em que meu pai faleceu. Não, muito; não foi assim, não. Meu pai já tinha falecido, pois eu ainda estava tentando a matemática. Então, eu fui estudar com mais três rapazes. Um deles era estudante da Escola de Engenharia e esse estudante dava muito boas aulas, excelentes aulas. Mas eu estava dependendo do famoso exame de história natural e fui procurar o Paulo de Frontin, que era o diretor da Escola de Engenharia. Pedi uma entrevista com ele. Naquele tempo isso era fácil. Ele me atendeu muito bem: "O que você quer, meu filho?" Aquelas coisas do paternalismo do professor daquela época. Então pedi ao Frontin para fazer a inscrição condicional para poder fazer o exame, que ia coincidir com o vestibular. Mas eu fui ao pau e não fiz o exame escolhido de engenharia. Os outros três colegas meus passaram muito bem na Escola de Engenharia.

RG - Eram colegas de onde?

HL - Colegas desse cursinho que esse rapaz dava lá na Rua Uruguaiana, de forma que a minha vontade pela matemática estava mais ou menos diluída por causa dessas coisas. Depois fui estudar odontologia.

RG - O senhor disse que foi fazer exame em Campos?

HL - É, fui fazer exame em Campos.

RG - Por que? O sítio do seu pai ficava naquela região?

HL - Não. Porque o exame em Campos era conhecido por facilitar as coisas, não é? (*risos*). O exame de história natural em Campos era só ir lá, fazer uma farsa de exame, perguntavam umas besteirinhas e pronto, estava resolvido o caso.

WH - Não precisava nem ficar lá?

HL - É; fui lá apenas duas vezes: uma para fazer o exame e outra para buscar o certificado.

WH - Era comum as pessoas fazerem isso, na época?

HL - Era relativamente comum. Todo aluno que não queria estudar, ia fazer exame em Campos (*rindo*). Em Campos e em outros lugares. Então, me inscrevi na Escola de Veterinária a conselho do Artidônio Pamplona. E lá fiz um curso muito bom. Quando chegou no terceiro ano... Porque o curso de odontologia durava três anos, e o de veterinária quatro. Eu nunca fiz exame na odontologia porque sempre passava por média. Fazia as provas e passava por média. E tinha umas coisas como o exame de histologia, para o qual eles obrigavam a fazer preparações. Eu sempre gostei muito de histologia, dessas coisas manuais. Sempre tive uma certa habilidade manual. Mas aí aconteceu uma coisa muito engraçada. A aula de clínica odontológica... Não sei se vocês se lembram como era o prédio lá da Faculdade de Medicina. O bonde fazia a volta, tinha um canto grande e a aula de odontologia era naquela volta. E tinha janela. Eu vestia o paletó como quem ia para a aula e depois pulava a janela para assistir à aula do Dr. Miguel Osório, que era na mesma hora. Então, eu não ia ficar na aula de clínica, porque eu estava indo ao Moncorvo Filho, fazendo clínica lá, atendendo doentes, etc. Estava bem habilitado com a coisa, não precisava daquela aula boba do... O professor era um sujeito violentão.

PG - O senhor conviveu com o Miguel Osório ou era só aluno?

HL - Não. Do Dr. Miguel Osório eu era aluno lá na veterinária. Depois, quando eu fui trabalhar em Manguinhos, o laboratório do Dr. Miguel Osório era embaixo do laboratório do Travassos. E praticamente todos os dias nós íamos tomar café lá, com o Dr. Miguel Osório. Ele gostava muito de conversar e nós sempre conversávamos muito lá.

PG - Nesta época o laboratório dele era na casa?

HL - O laboratório dele era embaixo do laboratório do Dr. Travassos que é ali, onde é a helmintologia.

PG - Isso é em Manguinhos. Mas e o laboratório na residência deles, dos dois irmãos?

RG - No Flamengo.

HL - Nunca fui lá. Acho que o Haity Moussatché, o conheceu, mas eu nunca fui lá. Com a dona Branca, não é? Era o Dr. Álvaro, o Dr. Miguel e dona Branca. Eu sabia, a gente conversava muito sobre aquele laboratório da Rua Machado de Assis, mas eu nunca fui lá. Mas então, quando o professor de clínica... Sabe, sempre há um assistente, um servente, alguém que contou - eu, nunca soube quem foi - que eu fazia isso. Então, o tal professor de clínica me chamou e disse: "Vou lhe cortar o ponto, porque o senhor responde a chamada e vai embora". Eu disse: "Olha, o senhor não pode me tirar o ponto, porque o senhor deu presença para fulano e para siclano, que nunca vêm aqui". (*rindo*) Eu sempre fui um aluno meio petulante.

RG - Irreverente.

HL - É, meio irreverente. E ele disse assim: "Está bem. Então eu lhe dou presença, mas vou lhe reprovar". Quer dizer, era o tipo do professor de quinta classe. Mas eu fiz o exame

assim mesmo. Quando chegou na hora do exame prático, ele me mandou tirar um dente de um pobre de um motorneiro que estava com a cara inchada (*rindo*). Fez de propósito, para me reprovar. Eu disse a ele: "Ah, eu não vou tirar o dente, porque nesse caso a indicação não é para tirar o dente. A gente tem que mandar ele para casa e bochechar com Mol e Dormideira e quando ele estiver melhor é que a gente tira o dente, porque a anestesia não vai adiantar nada, com a cara daquele tamanho" (*rindo*). Ele disse: "Ah, o senhor não sabe". E mandou o assistente dele tirar o dente. O sujeito quebrou o dente, depois fez uma tristeza lá. Eu sei que era um pessoal horroroso. Mas o resultado é que eu fui mesmo ao pau e não terminei o curso de odontologia, porque nunca mais fiz exame (*rindo*). Porque não ia me meter com um camarada dessa qualidade, não é? E aí terminei no ano seguinte o curso, mas estava no quadro de formatura da Escola de Odontologia que estava na Rua do Ouvidor (*rindo*). Mas depois fiz o exame da Veterinária e aí terminei a Veterinária. Bom, no segundo ano de Veterinária eu conheci o Professor Travassos. Foi a primeira turma para a qual ele lecionou. Eu o conheci em março e as aulas dele eram excepcionais. O Travassos era uma pessoa muito... Ele compreendia muito o aluno. O aluno gostava muito dele. Ele tratava o aluno com uma tal deferência...

RG - Ele era moço nessa época em que começou a dar aula?

HL - O Travassos faleceu com 85 anos, portanto tinha uns quarenta e poucos anos. Era muito robusto, tinha sido remador de baleeira. Ele fazia questão de contar. E então em agosto de 1931, me convidou para trabalhar no Instituto.

WH - Ele dava aula de parasitologia na Escola?

HL - É. Foi o primeiro professor da primeira turma que teve parasitologia. Ele tinha vindo de São Paulo. Quer dizer, ele era do Rio, trabalhou em Manguinhos desde estudante, com o Oswaldo Cruz. Ele contava muitas coisas do Oswaldo Cruz. Mas foi para São Paulo. Lecionou em São Paulo acho que durante dois anos, depois foi para Hamburgo com uma bolsa e ficou por lá um ano inteiro. Na volta de Hamburgo - foi exatamente em março de 1931 - ele começou a lecionar na Escola de Veterinária. Depois nunca mais saiu.

PG - Qual era a imagem que o Travassos passava dessa convivência com o Oswaldo Cruz?

Fita 1 – Lado B

HL - Bom, quando eu cheguei em Manguinhos, em 1931, o diretor era o Carlos Chagas. O Chagas respeitava muito o Travassos, mas eles não eram bons amigos. Eles tinham uma certa ponta. Viviam bem, se davam bem, um respeitava muito o outro. Mas a gente sentia o Oswaldo Cruz, porque aquela era outro tipo de disciplina também parecida com a do São Bento, que eu falei há pouco (*rindo*). Nós íamos de trem. Havia ônibus e trem, mas freqüentemente íamos de trem - principalmente eu, que tinha aula na Praia Vermelha. Tomávamos um ônibus até a Leopoldina, da Leopoldina pegávamos o trem para a estação. Pegávamos depois uma condução da estação até dentro do Instituto, que era chamada de "Viúva".

PG - Nessa época não tinha mais aquele barco que ia até a ponte?

HL - Não. Já não tinha o barco. Existia a ponte lá, mas não tinha mais o barco.

RG - E tinha uma condução direta, do próprio Instituto?

HL - É. Tinha condução da portaria até dentro do Instituto. Era a "Viúva". Quando a gente ou um estudante entrava na "Viúva", os serventes que estavam sentados levantavam-se para dar lugar. Tinha gente que não se sentava. Mas havia esse tipo de disciplina. Por exemplo, o Mário Ventel, que era o principal auxiliar do Travassos, não fumava na frente do Travassos. Mas freqüentemente o Travassos nos convidava a todos para almoçar na casa dele, porque a dona Odete, a senhora do Travassos, gostava muito dessa reunião. E o Mário Ventel também ia. E na hora da mesa o Dr. Travassos oferecia cigarro ao Mário Ventel, ele pegava e fumava na frente dele, compreende? Quer dizer, no trabalho tinham aquela disciplina. Mas o Travassos era uma pessoa também muito liberal. Era um tipo tão liberal que às vezes até me surpreendia.

WH - Como, por exemplo?

HL - Ele parecia conservador e eu tenho certeza hoje que o Travassos demonstra ser conservador porque tinha medo do que aconteceu conosco, compreende? Ele tinha medo que acontecesse com o laboratório dele o que aconteceu conosco. Ele sabia que vivia numa época reacionária, muito reacionária, mais ainda no tempo dele que no nosso. Mesmo no tempo do Getúlio e tudo, podia acontecer o que aconteceu conosco. Então, ele tinha medo disso. Eu vou lhe contar uma história... Estava querendo falar do Oswaldo Cruz e estamos falando do Travassos.

RG - Mas depois a gente volta.

HL - Mas eu me lembro que uma vez, eu estava dando um curso de entomologia na Bahia - isso deve ter sido por volta de 1950 - e o Travassos tinha acabado de dar um curso de helmintologia lá, a pedido do Otávio Mangabeira, que era muito nosso amigo, e que começou a trabalhar comigo e como o Travassos também. E um dia, na porta do laboratório, estava um cachorrinho preso com uma coleira, um cachorrinho vadio, muito bonitinho, e eu virei para o Travassos e disse assim: "Ah, o senhor vai necropsiar esse cachorro tão bonitinho?" O Travassos ficou uma fera e respondeu: "Quer dizer que se fosse um cachorro sarnento, você acha que ele podia morrer; mas como é um cachorro bonitinho não pode!" (*rindo*). Isto é para ver a noção que o Travassos tinha de igualdade. Me surpreendeu! Agora, se contava ainda muitas histórias do Oswaldo Cruz. Eu conheci lá o Tabora, que era o mestre da lancha. E ele contava a seguinte história: que a lancha tinha que sair numa hora determinada da Praça Mauá. Um dia, estava exatamente na hora da saída; o Tabora percebeu que o Oswaldo Cruz vinha longe ainda e esperou com a lancha, atrasou não sei quantos minutos (*rindo*). O Oswaldo Cruz ficou uma fera com ele: "Moço, não senhor, o senhor tem que sair na hora certa". Quer dizer, isso são coisas que contavam do Oswaldo Cruz. Agora, o que o Travassos contava, às vezes, até com muita emoção, que o Oswaldo Cruz tinha uma noção muito precisa da vida de cada um dos assistentes, como se chamava naquele tempo aos técnicos, aos cientistas de lá. Primeiro, ele fez aqueles quartos do quarto andar. E ainda peguei esses quartos, passei várias vezes lá nos quartos, passava durante o dia também, ia descansar no quarto. E o Travassos se lembra, me contou que quando ele se casou, o Oswaldo Cruz o chamou e disse: "Quer dizer que você se casou, não é? Agora não vai mais poder ganhar aquilo que o senhor estava ganhando, temos que te aumentar". Assim, desse tipo! Quer dizer, isso é uma coisa muito importante. Hoje em dia, eu acho muito difícil um diretor fazer exatamente todas

essas coisas, mas deve procurar fazer, não é? Quer dizer, ninguém deve ganhar só pelo que merece, pelo que vale, mas pelo que precisa também.

PG - E nessa avaliação do Oswaldo Cruz sobre os assistentes, o senhor se lembra de alguma coisa particular que o Travassos tenha dito com relação à apreciação de Oswaldo Cruz sobre figuras como o próprio Travassos, o Carlos Chagas...

HL - O Oswaldo Cruz prestigiava muito todos eles. Agora, era muito rigoroso na escolha. Por exemplo, uma coisa que eu me lembro muito bem, uma pessoa que eu conheci muito de perto, que foi o Paulo Parreiras Horta. Ele era uma pessoa que tinha muito preparo básico, e era uma pessoa com muita influência, mas o Oswaldo Cruz não o convidou, quer dizer, não simpatizava com ele. Também uma coisa que eu me lembro muito é do Arthur Moses.

WH - Ele nunca entrou no Instituto. Como é que foi isso?

HL - Esses detalhes eu não sei não, mas o Oswaldo Cruz não gostava do Arthur Moses. Quer dizer, não apreciava.

RG - E por quê não?

HL - Não sei, talvez porque o Arthur Moses era uma pessoa importante. Eu conheci muito o Arthur Moses. Sempre gostei dele e o admirei imensamente, porque se não fosse ele nós não teríamos a Academia de Ciências como temos hoje. Ele teve uma importância muito grande. Agora, a gente não sabe se o Arthur Moses deixou de desenvolver uma atividade científica porque não pode ir para Manguinhos, ou se o Oswaldo Cruz achava que ele não tinha capacidade para desenvolver... Ninguém pode provar isso. Agora, que o Arthur Moses era uma pessoa dedicada, um homem muito inteligente, um homem muito bem preparado, era, sem dúvida nenhuma. Aí a gente fica sem saber.

WH - Depois ele foi contratado pelo Chagas?

HL - O Moses? Ah, eu acho que sim. Disso eu não tenho certeza. Eu sei que o Oswaldo Cruz não estava com vontade.

PG - Mas o senhor tinha falado dessa tensão que existia entre o Travassos e o Carlos Chagas, não é?

HL - É. Isso houve sempre. Quer dizer, eles se respeitavam muito, não é?

PG - No bojo disso está colocada a questão da sucessão de Oswaldo Cruz?

HL - Não. Porque o Travassos não queria absolutamente ser diretor. Nunca quis ser chefe de nada. O Travassos era o anti-chefe. Quer dizer, o prestígio que ele tinha, era prestígio de chefe de escola, de camaradas, de indivíduos que gostavam dele, porque ele os tinha ajudado muito. Mas nunca por ser diretor de nada. Outro também que nunca quis ser diretor foi o Arthur Neiva, pessoa também com quem eu convivi muito, e que, para mim, é o homem que aliou mais qualidades de inteligência e de vivacidade que eu conheci. Nunca conheci ninguém tão vivo e tão inteligente ao mesmo tempo (*rindo*). Era de uma vivacidade enorme. Ninguém era capaz de dizer nada perto do Neiva que ele não

percebesse se era mentira ou se era verdade (*risos*). Era uma coisa extraordinária. De uma vivacidade enorme. O Travassos gostava muito dele e ele gostava muito do Travassos. E era um homem tão inteligente, o Neiva, que até foi ser governador da Bahia. Ele teve fama em administração e uma porção de coisas. Mas o Travassos gostava muito do Neiva, apreciava muito o Neiva, que ele chamava de deputado e dizia: "O deputado vem aí". E então, quando o Neiva percebeu que ele não podia recomeçar, porque não dava para recomeçar - era muito difícil pois ele ficou tanto tempo fora - ele passou a estar presente em todas as pesquisas que podia e a ajudar essas pesquisas.

WH - Não dava para recomeçar uma pesquisa?

HL - Não dava para recomeçar, porque ele tinha perdido o assunto. Na entomologia médica, matéria na qual ele trabalhava, ele tinha ficado tão defasado que muito dificilmente poderia adquirir todas aquelas...

RG - E ele se afastou por muitos anos?

HL - Na posição dele já ficava difícil recomeçar. Então, ele compensou isso muito bem porque, por exemplo, começou a trabalhar com o Herman Lent nos barbeiros. Eu me lembro que eu e o Mangabeira fomos a Lassance e encontramos uns mecópteros, que eram uns insetos, uns bichos que nunca se tinha estudado aqui. Então, resolvemos estudar os mecópteros. Mas havia uma dificuldade grande que era conseguir uma bibliografia do Celine Longchamps, que era um belga, e que tinha um fólio grande. Então nós falamos ao Neiva sobre essa dificuldade. Pouco tempo depois o fólio estava em cima da nossa mesa, compreende? Ele era capaz disso (*rindo*). Aliás, a biblioteca de Manguinhos deve ao Neiva talvez a coisa mais preciosa que ela tem, que são aqueles trabalhos clássicos que estão naqueles livros, aquelas coletâneas de separatas. Porque o Oswaldo Cruz deu ao Neiva carta branca para comprar no Friedlander tudo o que Neiva achasse que devia comprar. Então, tem até os trabalhos de Bauer, todas aquelas coisas clássicas, famosas.

WH - Ele era o encarregado?

HL - Foi o Neiva quem comprou aquilo. O Neiva teve uma importância muito grande em Manguinhos, apesar de ter passado uma grande parte da vida dele fora. Teve uma importância, antes e depois. Porque ele realmente era uma pessoa extraordinária.

PG - O senhor falou da entomologia médica. Como é que surgiu isso? Como foram esses primeiros trabalhos, como é que se caracterizou esse campo?

HL - Os trabalhos começaram por causa do trabalho do Chagas, por causa dos barbeiros da doença de Chagas. Há uns trabalhos sobre a malária e a febre amarela, com mosquitos. Depois apareceu o Dr. Lutz, de quem ainda não falamos. Uma das pessoas mais importantes de Manguinhos foi o Dr. Adolpho Lutz. Ele fez tese na Suíça, falava todas as línguas, mas não falava nenhuma, porque ele misturava tudo (*rindo*). Mas o Lutz falava ou entendia até aquele dialeto havaiano, pois esteve no Havaí algum tempo, estudando lepra. Ele sabia todas as línguas. Era incrível o Lutz. No dizer do Costa Lima - que é outra pessoa de quem também não falamos ainda, e que é uma das mais importantes - o Lutz foi o único sábio que ele conheceu, que tinha o direito de ser chamado de sábio.

WH - Por que sábio? Quais eram as atribuições dele?

HL - Sim, sábio. Ele sabia as coisas bem sabidas.

RG - Tinha uma erudição profunda?

HL - De patologia, de medicina, de entomologia médica, de microbiologia, de todas as coisas. Eu nunca me esqueço do dia em que nós estávamos numa sessão da Sociedade Brasileira de Biologia, então o Dr. Lacorte apresentou um trabalho sobre a microbactéria, uma bactéria da tuberculose, com certas coisas técnicas. Quando, para surpresa nossa, o Dr. Lutz, que assistia à sessão, se levantou e foi no quarto dele no quarto andar - o Dr. Lutz era o único que tinha um quarto só dele no quarto andar, e fazia questão disso, tinha as coisas dele guardadas lá - foi lá embaixo, pegou um folheto, uma separata, entrou pela porta e disse: "Precisamente, Dr. Lacorte, isso eu já fiz há 30 anos!!" (*rindo*) E jogou em cima da mesa aquele trabalho. Quer dizer, o Lutz era desse tipo de gente.

PG - Mas tem um relato dizendo que não era fácil trabalhar com o Lutz, não é?

HL - Bom, comigo aconteceu uma coisa muito engraçada. O Dr. Lutz tinha muito interesse em ter conhecimento dos bichos que não eram mutuca, que ele recebia. Ele tinha caixas, coleções enormes de muitos bichos interessantes que ainda estão na coleção de Manguinhos, e lá estavam os pantoftalmídeos, que parecem uma mutuca, uns bichos enormes que são brocas de madeira. E um dia eu disse para o Dr. Lutz: "Dr. Lutz, eu estou interessado em estudar os pantoftalmídeos". Sempre gostei muito de estudar as coisas próximas do que eu estava realmente estudando. E o Lutz viu o meu interesse, viu que eu estava estudando mesmo os bichos e me tratava com uma deferência muito especial. O Joaquim Venâncio, auxiliar do Lutz, foi um dos maiores amigos que tive. Um dia, ele me pegou na porta, quando eu ia para Goiás e fui perguntar ao Dr. Lutz se ele queria alguma coisa. E o Dr. Lutz me pediu para trazer isso, para trazer aquilo. Ele sempre tinha interesse em tudo, não é? Então, na hora da saída me disse o Joaquim Venâncio: "Está vendo o interesse do velho? Chegou até a lhe oferecer cigarro!" (*risos*). Achei graça, porque o Dr. Lutz era considerado unha de fome, não é?

WH - Unha de fome?

HL - É. Era considerado, mas não era, não (*rindo*). Era uma pessoa muito boa. Ele era um distraído e nunca oferecia cigarro a ninguém. Mas naquela hora, para me agradar, ele me ofereceu cigarro. E o Joaquim Venâncio fazia essa crítica.

WH - Ele trabalhou muito tempo com o Lutz?

HL - Muito tempo. Porque aconteceu com o Dr. Lutz uma coisa engraçada. O Dr. Lutz viu que estava ficando sem vista com a idade. Ele ficou praticamente cego e então passou dos mosquitos, dos insetos, para os anfíbios. Porque - isso eu assisti - ele segurava um anfíbio já fixado, segurava as patas e via se tinha ampolas nas unhas ou se tinha crista ou se tinha glândulas parótidas, e perguntava para o Joaquim Venâncio: "De que cor é esse bicho, Joaquim?" E determinava os bichos assim por palpação.

RG - Por tato.

HL - É. Por tato! Quando Herman Lent e o Teixeira de Freitas fizeram o Livro Jubilar do

Travassos, quando o Travassos comemorou 50 anos de trabalho, nós fomos à casa do Dr. Lutz para conversar com ele, perguntar o que ele tinha achado do Livro Jubilar. Eu me lembro que o Teixeira, o Herman e eu fomos (*inaudível*), o Lutz estava de cama. Mas o Lutz sabia de todos os trabalhos que tinham sido publicados, porque a sobrinhada África dele lia para ele. Sabia tudo. Era impressionante o Dr. Lutz.

WH - Era um sábio.

HL - Era um sábio mesmo. Quer dizer, o interesse dele era real.

PG - Mas não ficou claro ainda para mim uma questão que o senhor colocou. Qual foi o verdadeiro motivo dessa tensão entre o Travassos e o Carlos Chagas?

HL - Olha, eu nunca cheguei a... Eles se tratavam muito bem, mas aconteceu que, à exceção de mim, os outros assistentes do Travassos, como o Herman e o Teixeira de Freitas só foram nomeados depois que o Chagas morreu. Agora, o Travassos tinha uma amizade extraordinária com o Carlos Chagas Filho e com o Evandro. O Travassos adorava o Evandro e o Evandro adorava o Travassos, não saía do laboratório dele, compreende? Mas havia uma ponta entre o Travassos e o Chagas. Eu me lembro que uma vez eu estava em São Paulo com o Travassos e fomos assistir a uma conferência do Chagas sobre a doença de Chagas. Eu fiquei encantado com a conferência, porque o Chagas tinha um processo de falar atraente. Ele era realmente didático, era impressionante. E na hora da saída, comentei com o Travassos: "Ah! Que formidável a conferência!" E o Travassos falou: "É porque é a primeira vez que você ouve". (*risos*) Vocês estão vendo!? Aí está a maior ponta entre o Travassos e o Chagas. Mas eles se tratavam muito bem.

WH - Houve desentendimentos entre eles?

HL - Não. Creio que não. Como se chamava o primeiro filho do Chagas?

WH - Evandro? Carlos?

HL - Não, o outro. Eram o Evandro, o Carlos e um outro que pegou um avião e foi toda a vida. Me esqueci o nome dele. Vocês não sabem disso? Tinha um outro filho, mais velho, eu acho.

RG - Morreu num acidente de avião?

HL - Ele era piloto civil e um dia se aborreceu, pegou o avião e tocou para a costa d'África. Nunca mais se soube dele. Mas o Travassos apreciava, admirava muito o Chagas porque, de fato, o Chagas era uma pessoa de muito valor. Mas tinha uma ponta, porque, se não, ele não tinha falado esse negócio da conferência, não acham?

PG - Mas o senhor falou que o Travassos procurava dar uma conformação mais conservadora, em função do período Getúlio Vargas.

HL - É, da preocupação que ele tinha. Porque o Travassos tinha uma prioridade de trabalho de tal forma que tudo o que vinha depois do trabalho vinha assim como vigésima prioridade, compreende? Até a vigésima prioridade era o trabalho. Ele se dedicou

inteiramente ao trabalho. E teve uma outra condição interessante é que a senhora dele, dona Odete. Era uma pessoa que compreendia muito bem o Travassos, compreendia que ele fosse assim. Ela dava uma atenção especial a ele. Houve um tempo em que o Travassos começou a se interessar pelas borboletas, pelos insetos - coincidiu mais ou menos com a minha ida para lá - e começou a colecionar borboletas noturnas em Petrópolis, na Independência. Ele passava a noite em claro, e um dia chegou com os olhos injetados, todo sujo - era meio desleixado - entrou pelo laboratório, botou a tralha dele e foi telefonar no outro prédio. Quando voltou, ele disse: "A minha mulher é uma santa. Eu disse a ela que não tinha apanhado nada lá em Petrópolis e ela me perguntou se com isto eu queria dizer que ia voltar". (*risos*) Compreende? Uma mulher que tem essa atitude é uma pessoa... A dona Odete cuidava dos filhos, cuidava do colégio dos filhos, de tudo! O Travassos sempre dizia: "Na minha casa eu sou hóspede". A dona Odete é que manobrava tudo. Mas ganhando pouco como ele ganhava - depois da desacumulação ficou só em Manguinhos ganhando uma miséria - ela, coitada, se virava para poder educar os filhos e dar comida em casa. E ela agüentou a vida toda, e o Travassos sempre só trabalhando, totalmente dedicado. Agora, não contei ainda a conseqüência de eu ter ido trabalhar com o Travassos. Eu comecei a trabalhar no laboratório do Travassos e logo depois vieram o Herman Lent e o Teixeira de Freitas, depois o Domingos Machado, que está aqui com a gente, depois o Cavalcanti Proença depois o Ferreira de Almeida, que era o das borboletas. No dia em que o Travassos soube que alguém conhecia o Almeida, ele disse assim: "Olha, eu preciso procurar o Almeida". Foi lá na casa do Almeida e buscou o Almeida para o laboratório. Mas nós tínhamos praticamente um só microscópio e uma lupa, para todo mundo. E o Travassos sacrificava o trabalho dele para a gente poder trabalhar também. Ele era especial nessa coisa. De forma que em 1931 fui trabalhar com o Travassos e, já em 1932, eu o ajudava como assistente gratuito lá na Escola de Veterinária, quando ainda era aluno. Quando me formei, em 1933 o Travassos me indicou para assistente. Mas desde o começo ele me obrigava a dar aula, porque o Travassos era muito engraçado. Ele dizia: "Não, senhor. O senhor tem que dar aula agora. E vai preparar um ponto. Se eu atrasar o senhor entra com a sua aula". Ele era muito disciplinador nessas coisas, daquele jeito dele, liberal.

RG - Da sua turma, o senhor foi o único convidado a entrar para o laboratório?

HL - É. E depois, o Jaime Lins - que era também da minha turma - foi convidado pelo César Pinto para ser assistente de doenças parasitárias. Mais tarde, quando o Travassos desacumulou, o Jaime Lins fez concurso comigo. Mas então eu já tinha o lugar na Escola, e pude trabalhar no Instituto Oswaldo Cruz. Trabalhava no laboratório do Instituto Oswaldo Cruz e dava aulas na Escola.

RG - O senhor vivia só desse pequeno salário?

HL - Fiquei com o salário da Escola, que naquele tempo era pequeno, mas era igual aos outros, não é?

RG - Mas como o senhor era principiante na carreira, seu salário devia ser menor.

HL - É. Primeiro estava como assistente, mas depois, quando o Travassos desacumulou, fui nomeado professor. Aí fiz concurso na Escola. O meu concurso foi uma das coisas mais interessantes que já vi, que já tive notícia. Primeiro, pelo meu preparo no laboratório. Principalmente o Herman Lent me dava tarefas diárias. Porque eu era entomologista.

Então, a entomologia para mim era uma coisa que eu não precisava me preparar muito, bastava ler mais um pouco. Mas a helmintologia era deles. Minhas noções nesta matéria eram rudimentares, até porque, naquele tempo, estava se começando a ensiná-la na Escola. Então, o Herman me passava tarefas. Às vezes eu me distraía um pouco com certas coisas, e ele não deixava: "Você vai ao pau!" Então, foi muito engraçado o meu preparo. Eu me lembro muito bem de um dia em que necropsiei um pato. O pato tem um crematório nas fossas nasais muito engraçado que tem uma evolução muito abreviada. E eu peguei uma preparação do crematório, me lembrei de botar um pouquinho em cima da pedra de gelo - porque naquele tempo não tinha geladeira, era uma pedra de gelo dentro de uma geladeira lá - levei no microscópio e os miracídeos estavam começando a andar. Então eu aproveitei, apanhei os planorbídeos, botei numa cuba e vi os miracídeos entrarem. E comecei a acompanhar aquele bicho: interrédia, interdireto, miracídeo, e depois, cercária. Eu estava tão entusiasmado com aquilo! Quando o Herman percebeu, me deu uma espinafração: "Menino, você vai ao pau!" (*rindo*). De modo que eu tinha essa disciplina e tive que me preparar muito bem para isso, sabe? Bom, aí chegou o dia do concurso. Eu me lembro, pouco antes das oito horas da noite, fui à Praia Vermelha tirar o ponto, eu e o Jaime Lins, que era meu concorrente. Tirei o ponto e fomos para o Instituto, lá para onde é o salão da biblioteca. Aquela parte não era ainda ocupada, a biblioteca tinha um museu, mas tinha muito espaço. Então, levamos três desenhistas: o Raimundo Honório, o Carlos Lacerda - que era o desenhista do Costa Lima e que era muito meu amigo - e a Edite Fonseca, prima do Olympio da Fonseca que também era muito nossa amiga. E ficaram então o Travassos, o Herman, o Teixeira de Freitas e o Proença. Primeiro, eu tinha que fazer o resumo da aula. Então, eu me sentei numa mesa, e em meia hora fiz o resumo da aula. Depois eles criticaram, mas eu tive que fazer o resumo e escolher os assuntos e os quadros que devia fazer e eles ficaram a noite inteira fazendo os quadros da aula. Às 22:00 horas, eles me obrigaram a ir para o quarto andar, para cama, dormir, com o folhetozinho do Lutz sobre o *Trypanosoma cruzi*. Disseram: "Pronto, você lê isso e vai dormir" (*rindo*). No dia seguinte às 6:00 horas, quando eu acordei, estava tudo pronto. De tarde eles me fizeram repetir a aula.

RG - Um ensaio geral?

HL - É. E fazer crítica e aquela coisa toda. Porque eu sempre fui muito encabulado, muito tímido. Depois, com o hábito, perdi um pouco da timidez (*risos*). Então, quando chegou a hora da aula, o Herman Lent estava virando os quadros. Eles não fizeram quadros de botar na parede, eram páginas que iam sendo levantadas. Eu argumentei direitinho, quando acabou o assunto, que era sobre o *Trypanosoma cruzi*.

Fita 2 - Lado A

HL - Falei sobre os *Trypanosoma cruzi*, depois sobre o *Trypanosoma equinum* e o *equiperdum*. Falei rapidamente sobre os tripanosomas africanos. Porque com o macho desses quadros podia dar uma outra aula sobre os tripanosomas africanos. O negócio tinha sido preparado para evitar qualquer fracasso, qualquer problema. Quer dizer, eu nunca vi ninguém se preparar para um concurso essa forma, com essa dedicação. Nunca tive notícias. Quer dizer, é uma questão de um grupo consolidado mesmo.

PG - E o resultado do concurso?

HL - O resultado do concurso foi que eu tirei o primeiro lugar e o Jaime Lins tirou o

segundo lugar. Mas podia ter sido ao contrário. Mas, eu não falei ainda do lugar que tive no Jardim Botânico, não é? Quer dizer, do fato de que fui convidado pelo Travassos para assistente e tive um lugar no Jardim Botânico.

PG - Sim. Mas antes disso, só uma curiosidade. O senhor falou que havia um museu ali no salão da biblioteca, no terceiro andar?

HL - É.

PG - Mas não era o museu anatomo-patológico?

HL - Era o museu de anatomia patológica, é. Tinha uma grande mesa...

PG - Naquela outra ala?

HL - Na outra ala era o museu. Tinha a pedra do Del Pretti, tinha a coleção de anatomia patológica do Magarinos Torres, foi outra pessoa por quem eu e todos nós tínhamos uma grande admiração, uma pessoa extraordinária. Mas o outro episódio interessante da minha vida foi quando eu estava no terceiro ano da Escola e me apareceu uma outra pessoa também que eu gostava muito e que teve muita importância na minha vida, que foi Rodolfo Ugneri. O Rodolfo Ugneri estava implantando a piscicultura nos açudes do Nordeste e era amicíssimo do Travassos. O Travassos gostava imensamente dele, que era realmente uma pessoa extraordinária. O Rodolfo era filho do velho Ugneri, e era muito difícil comparar, porque o velho era um sujeito genial. Um zoólogo tão bom que a taxonomia dos moluscos marinhos ainda é hoje a que o Ugneri propôs. Coisa extraordinária. Mas o Rodolfo Ugneri me convidou para ir com ele para o Nordeste. O Travassos, como sempre, não dava opinião nessas coisas, mas disse: "Você tem que decidir". Mas para eu ir para o Nordeste com o Ugneri, eu teria que deixar o curso pela metade. Ao mesmo tempo, o Costa Lima foi nomeado diretor do Instituto de Biologia Vegetal do Jardim Botânico, subordinado ao Arthur Neiva, que era o chefe geral. E o Costa Lima também tinha me convidado para ir para o Jardim Botânico. Então, eu disse para o Travassos: "Olha, eu prefiro ficar no Jardim Botânico, porque eu termino o meu curso aqui, do que ir com Ugneri. É muito interessante o Nordeste, mas terminar o curso para mim também é muito importante". Então o Ugneri, o Travassos e eu conversamos, eu expliquei isso e o Ugneri disse: "Bom, então temos que ir lá no Costa Lima para ele decidir. Ou ele te contrata logo, ou então eu te levo para o Nordeste". E fomos numa segunda-feira de carnaval na casa do Costa Lima, que já estava morando no Jardim Botânico, na casa do diretor. O Costa Lima falou: "Eu quero que ele venha para cá sim!" Então, eu não fui com o Ugneri. Aliás, quem foi com o Ugneri foi o Mário Viana Dias, que é outro grande amigo nosso, que foi um sucesso lá. Não era um lugar muito bom, mas o Mário acho que já tinha terminado o curso. O Mário me surpreendeu, porque eu sempre o achei uma pessoa muito conservada. A gente tinha a impressão de que ele era mais ou menos da nossa idade, mas era cinco anos mais novo. (*rindo*) Ele deve ter terminado o curso muito cedo! Era muito mais novo. Mas então, fiquei no Jardim Botânico. Dava aulas com o Travassos e tinha o lugar no Jardim Botânico. Até que houve a desacumulação na Escola e eu pedi demissão no Jardim Botânico. Então fiquei só na Escola de Veterinária, já sem Travassos. Mas continuei no laboratório...

PG - O Travassos ficou só no IOC?

HL - É. A Escola de Veterinária primeiro era na Praia Vermelha, não tinha boas instalações. Depois, foi para o quilômetro 47. E lá eu tinha um espaço enorme. Me lembro que eu e o Domingos Machado, que já era meu assistente nesse tempo, ficávamos meio encabulados, porque recebemos uma sala de trabalhos práticos enorme. Conhecem o quilômetro 47?¹¹⁾

PG - Só de passagem.

HL - Tem uma enorme sala, mesas para os alunos, e dois armários, um microscópio e uma lupa para cada aluno, um luxo! E possui cinco laboratórios.

RG - Todos equipados?

HL - Bom, não eram muito equipados, mas levamos muita coisa lá da Praia Vermelha. Tinha muito mais microscópio, muita coisa. Eu me lembro até que o Benedito Soares, que tinha um museu grande, ocupou uma das salas lá no quilômetro, porque nós não tínhamos o que fazer das salas. Hoje em dia, o laboratório de parasitologia do quilômetro 47 ocupa essas cinco salas. Já construiu um prédio ao lado e agora construiu um segundo prédio, só para o laboratório de parasitologia. Quer dizer, foi uma coisa boa, a ida para lá. Mas isso é uma outra história, não é de Manguinhos.

PG - Quando é que a parasitologia surge como disciplina isolada dentro dos currículos das faculdades?

HL - Ah, esta divisão é muito antiga. Lá na Universidade Rural não se chama parasitologia, e sim zoologia médica e parasitologia. Tem também a parte de anfíbios, de morcegos, de serpentes, porque isso é importante no curso de veterinária: animais peçonhentos, zoologia médica e parasitologia. Mas a parasitologia no currículo é muito antiga, é uma cópia do currículo francês. O Brumpt, na França, já tinha o curso de parasitologia há muito tempo atrás.

RG - No depoimento que o senhor deu para o CPDOC, há quase dez anos atrás, em 1977, o senhor diz que considera esse período no Jardim Botânico muito bom para a sua vida, porque lá havia um clima muito especial, não é?

HL - Ah, é! Porque nessa época aconteceu uma coisa que marcou muito a minha vida também. Foi o conhecimento com o Frei Tomas Borgmeier. O Travassos me ensinou muita coisa de entomologia e eu aprendi muita coisa com ele, que era um excelente professor de parasitologia. Mas o Frei Borgmeier era um dipterologista; quer dizer, o que eu aprendi com ele foi muita coisa. E Frei Borgmeier era outro também que tinha todas as qualidades de um alemão e não tinha defeito nenhum, tinha todas as qualidades do padre e não tinha nenhum defeito de padre, compreende? (*risos*). Olha, vou lhe contar uma coisa de Frei Borgmeier que foi muito importante para mim. O Frei Borgmeier primeiro brigou com o Costa Lima, por ciumezinho. Quando Frei Tomas veio a ser o chefe da seção, o Costa Lima, era o diretor do Instituto, mais ou menos por imposição do Neiva. Mas o Neiva era muito amigo do Frei Borgmeier, gostava muito dele. E então o Costa Lima ficou meio de ponta com o Frei Tomas; mas depois ficaram amigos, porque o Frei Tomas era mesmo uma pessoa de quem ninguém podia deixar de ser amigo. Era

¹ O entrevistado refere-se à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, localizada no quilômetro 47 da Rodovia Presidente Dutra.

um coração enorme. E o Costa Lima também tinha qualidades pessoais extraordinárias. Também era sempre muito amigo. Tinha um prazer em ajudar as pessoas. Ele era casado com uma senhora que tem uma história muito engraçada. O Costa Lima era um homem muito responsável, oriundo de família muito pobre, e para poder cursar a escola ele tinha que ensinar. Era aluno que ensinava aos outros, e com isto ele ganhava um dinheirinho. E fazia trabalhos para os outros, até que conheceu uma senhora casada. Ela se separou do marido, mas já não era flor que se cheirasse, não é? (*rindo*). Isso a gente não pode ficar divulgando muito porque é um lado meio esquisito; mas eu conheci bem essa senhora. Ela infernizou a vida do Costa Lima, depois de lhe dar três filhos: o Ângelo, a Naná e esse que é médico, que ainda está aí. Me esqueci o nome dele. O Costa Lima tinha um apego com os filhos tremendo, mas a mulher infernizava a vida dele. Era o contrário da história que eu contei do Travassos. Ela achava que o Costa Lima estava perdendo tempo com aquela história de estudar, não entendia. Eu trabalhei muito tempo em cima da casa onde eles moravam, e essa senhora brigava com o Costa Lima o tempo todo (*rindo*). Então, o Costa Lima saía pra diretoria às 7:00 horas. Aí, ela brigava com o filho, que ainda era estudante e só deixava de brigar com o filho quando chegava a empregada. Aí ela começava a brigar com a empregada. Era uma coisa horrível, a mulher. E o Costa Lima um dia se desesperou e a largou. Foi viver com uma senhora, uma portuguesa, que era uma pessoa extraordinária. Eu acho que ela ainda está viva, sabe? Era uma pessoa extraordinária, uma bondade. Então, o Costa Lima renasceu. Foram morar em Campo Grande para ficar perto da Escola, pois o Costa Lima era professor da Escola de Agronomia. Então, essa segunda mulher era uma pessoa extraordinária, uma pessoa mesmo bondosa, amiga dele. E eu sei que o Costa Lima ficou outra pessoa. Bom, um dia o Costa Lima convidou Frei Tomas para almoçar e Frei Tomas disse: "Hugo, o que você acha?" (para ver a qualidade do Frei Tomas) "O Costa Lima me convidou para ir almoçar, e eu conheci a senhora dele, a verdadeira. O que você acha de ir lá?" Eu disse: "Olha, Frei Tomas, a verdadeira mulher do Costa Lima é essa, a outra foi um acidente desagradável na vida dele". (*risos*) E Frei Tomas concordou: "Isso é verdade, isso é uma verdade". Compreende? Quer dizer, ele era um padre, não é? Eu acho isso uma coisa formidável. Era uma pessoa de qualidade, o Frei Tomas.

RG - Quando o senhor fala desse Instituto de Biologia Vegetal o senhor se refere a um clima especial que tinha lá.

HL - É. Eu chegava às 8:00 horas lá. Quando me casei morava em São Francisco Xavier, pegava um ônibus, saltava na cidade, pegava outro ônibus e chegava lá às 8:00 horas, porque eu sempre acordei muito cedo. Juntos eu, Frei Borgmeier e o Dario Mendes, que era também uma pessoa com quem eu convivi e que foi muito importante na minha vida. Ele era um entomologista agrícola famosíssimo; sabia tudo de entomologia agrícola, era impressionante! Então os três almoçávamos juntos, às 11:30 horas, meio-dia, e passávamos até às 18:00 horas lá. Então, foi uma época em que eu tive uma tranquilidade enorme. Três vezes por semana eu ia à aula do Travassos. Então, em vez de chegar às 8:00 horas já chegava ao meio-dia, mas ficava até às 18:00 horas. Chegava lá para almoçar, falávamos alemão, que era outra coisa também muito importante. Frei Tomas fazia questão de falar em alemão no almoço para a gente aprender um pouco de alemão. Então, foi um tempo agradabilíssimo, porque foi lá também que eu tive possibilidade de fazer um trabalho muito calmo. O ambiente lá ajuda, não é? Aquele Jardim Botânico, com a natureza ali tão perto! Todos os dias depois do almoço eu dava uma voltinha, sempre achava alguma coisa qualquer interessante e trazia para o laboratório. Quer dizer, para mim foi de uma utilidade enorme essa época.

PG - Lá no IOC era diferente?

HL - Não, lá no IOC tinha também muito conforto, sem dúvida nenhuma, mas foram poucos anos, de 1933 até 1938; foram cinco anos.

RG - Também era menor, era uma instituição pequena, não é?

HL - Eu não sei... Também era novidade para mim, porque eu tinha começado pela entomologia médica com o Travassos, e lá a abertura para uma entomologia mais geral foi muito importante, com aquelas coleções muito grandes, uma biblioteca muito boa. De forma que para mim foi muito importante na minha vida esses cinco anos de Jardim Botânico. Foi onde eu aprendi a entomologia mesmo, porque no laboratório de Manguinhos eu fazia mais entomologia médica com as moscas que eu estudava. E na Escola tinha as aulas que também foram importantíssimas para mim. Eu acho que um entomologista que é obrigado a estudar helmintologia leva uma vantagem enorme, porque a técnica e a própria microscopia da helmintologia e da protozoologia ajuda muito o entomologista. Eu não poderia fazer nem metade do que eu consigo fazer, se não tivesse esse preparo da helmintologia e da protozoologia. A gente se habitua a ver coisas e quando vai ver o inseto, vê dez vezes mais que o entomologista comum vê. Entende o que eu quero dizer?

PG - Entendemos.

WH - Mas lá no Jardim Botânico havia um clima bem tranqüilo, bem calmo. E como era no Instituto?

HL - Foi uma coisa deliciosa. Eu tenho recordações deliciosas do Jardim Botânico.

WH - E no Instituto também era assim calmo?

HL - No Instituto mais ainda; lá eu me sentia mais em casa. Agora, eu quando estava lá no Jardim Botânico, eu ia uma vez por semana para o Instituto.

RG - O senhor nunca perdeu o vínculo com o Instituto, não é?

HL - Não. Eu passava no Instituto uma vez por semana. Eu entrei para o Instituto em 1931 e só fui contratado em 1949 ou 1950, depois de quase vinte anos. E me lembro muito bem quando o Mangabeira quis me levar para Bahia, para dar um curso lá. O Dr. Aragão, que era o diretor, também é outra pessoa de quem eu gostava muito. Alguns não gostam, mas eu gostava muito do Dr. Aragão. De fato, ele tinha uma noção de que tinha que ser o pai de todo mundo, compreende? E muita gente não queria ser filho do Aragão (*risos*).

PG - Esse era o problema.

HL - Agora, alguns não se incomodavam. Eu, por exemplo, não me incomodava, sempre me dei muito bem com o Aragão. Mas o Aragão forçava um pouco a disciplina. Ele descontou um dia do Haity Moussatché. Acho que nunca ninguém se dedicou tanto ao Instituto Oswaldo Cruz como o Haity Moussatché. Ele chegava lá de manhã cedinho e saía às oito ou nove horas da noite. Um dia ele teve que se mudar e não pediu ao Aragão

um dia de licença. E o Aragão cortou o ponto dele, porque ele não foi pedir um dia. Entendeu como é a história? Quer dizer, de fato é desagradável isso. Mas comigo... O Aragão disse que o Mangabeira: "Não, não posso. Nós não podemos dispensar o Hugo aqui". O Mangabeira disse: "Pois se ele não é seu funcionário, como é que não pode?" (*risos*). Quer dizer, todo mundo me considerava do Instituto. Os serventes, muita gente não sabia que eu não era do Instituto. Eu sempre tive laboratório lá laboratório do Travassos, eu e o Domingos Machado. Aquele primeiro laboratório da helmintologia sempre foi meu e do meu amigo Machado. Um que fica perto de uma cozinha que tem lá.

PG - Por que isso? Por que tantos anos com esse vínculo não formal?

HL - Bom, eu tinha o ordenado da Escola e não se podia acumular. Eu só podia ter um cargo, um lugar. Mas eu podia ir fazer alguma coisa, um serviço particular. Agora, as afinidades nossas lá entre mim o Travassos, o Herman, o Teixeira, o Almeida, o Domingos e o Proença era uma coisa assim de irmãos. Não havia possibilidade da gente pensar em se separar um do outro. Aquilo era...

PG - Contra a lei.

HL - É. Aquilo era um negócio muito natural. Não tem a menor dúvida.

PG - Mas o senhor falou da desacumulação e disse várias vezes que o salário das pessoas era miserável.

HL - Ah, era reduzidíssimo, miserável.

PG - Mas nós temos algumas informações de que em algumas situações o nome de Manguinhos era utilizado por pessoas que trabalhavam em consultórios, em outras coisas.

HL - É, o que era muito criticado, porque o pessoal de Manguinhos se sujeitava a ganhar aquele dinheiro, e todos trabalhavam lá em tempo integral. Por exemplo, o Olympio da Fonseca tinha consultório na cidade e era muito criticado por isso. O Olympio da Fonseca é um caso muito especial do Instituto, porque ele já não era de Manguinhos antes e quando se preparou pra fazer o concurso na Escola de Medicina, todo mundo o ajudou muito. Ele era preparadíssimo, um sujeito muito inteligente, muito capaz. Agora, ele se aproveitou do Instituto, não correspondeu, de maneira nenhuma.

WH - Aproveitou em que sentido?

HL - Aproveitou porque o Instituto dá nome, porque qualquer instituição, não precisa ser Manguinhos, dá nome as pessoas até que as pessoas tenham um nome suficiente para reforçar o nome do Instituto, não é?

RG - É uma troca?

HL - É, é uma troca. Quer dizer, a instituição dá nome, a pessoa é considerada porque é do Instituto. Até o dia em que ele tem um certo renome que vai reverter para o próprio Instituto. Por isso o Instituto tem nome. Porque se o Oswaldo Cruz, o Neiva, o Lutz não tivessem feito o que fizeram o Instituto Oswaldo Cruz não teria o nome que tem. Agora, o Olympio não correspondeu por isso, porque ele foi para a Escola e não foi um bom

professor. Ele não gostava de dar aula, arranjava os piores assistentes do mundo. Seus primeiros assistentes foram o Herman Lent e o Arêa Leão, que é outra pessoa também extraordinária do Instituto, mas não teve uma produção muito grande. Foi um homem que teve uma importância enorme no Instituto, na micologia. Bom, o Olympio levou três assistentes de primeira classe. A primeira coisa que fez foi brigar com todos eles. E quem é que ia brigar com o Arêa Leão? Ainda com o Herman é possível que o sujeito brigue porque ele é meio desaforado, não era tão garoto. Ainda podia ter dito alguma coisa que o Olympio não gostasse, e que o deixasse brabo. Mas quem é que vai brigar com o Arêa Leão, um homem extraordinariamente bem educado? Mas o Olympio acabou brigando com todo mundo. Quer dizer, ele não correspondeu ao esforço que o Instituto fez para botar ele lá. De fato, fez um concurso extraordinário, eu assisti o concurso dele. Foi com o Hildegardo Noronha, que também era uma pessoa muito boa; mas não se comparava o conhecimento de um com o outro. Ele fez e tirou a cadeira com muita justeza, mas eu acho que ele não correspondeu. Ele podia ter feito outra coisa. Os assistentes dele eram os piores.

PG - Seria uma indiscrição dizer que o próprio Oswaldo Cruz não foi uma pessoa que de certa forma se tornou rico com a sua atividade? Ele inclusive não era contratado por firmas para desenvolver trabalhos em regiões de expansão?

HL - Como é?

PG - Algumas vezes se falou que o Oswaldo Cruz, veio de uma família não tão abastada, acabou como um homem rico, também. Isso era comentado?

HL - Não, nunca ouvi. O que eles falavam do Oswaldo Cruz é que ele, naturalmente, não ficou até o fim no Instituto. Ele ia para Petrópolis, aquela coisa, mas continuava a prestigiar o Instituto, porque ele tinha um prestígio grande. Eu acho que a importância do Oswaldo Cruz foi muito grande. Nunca vi uma só referência desairosa a ele. Nem ao Chagas, também. Agora, os diretores do Instituto, de um modo geral eram muito bons. O Aragão, por exemplo, era um homem rico, abastado, Beuarepaire Aragão. Toda aquela vegetação que cerca o Instituto foi o Aragão que botou ali. Isso não deixa de ter sido uma contribuição muito boa, não é? Agora, que ele era paternalista, isso era. Queria ser pai de todo mundo, só por ele ter a vida assim, não é? E esse paternalismo dele era muito exagerado. Mas era bom diretor.

Data: 09 /04/1986

Fita 2 - Lado B

WH - Na entrevista anterior, o senhor falou da sua infância e da sua entrada no Instituto. Nós gostaríamos que o senhor continuasse traçando essa trajetória. Como foi sua entrada no Instituto, e as atividades que o senhor desenvolveu aqui logo que entrou?

HL - Meu primeiro contato com o Instituto foi quando eu estava no segundo ano da Escola de Veterinária, e o professor Travassos deu suas primeiras aulas lá. Ele tinha voltado de Hamburgo - isso eu já falei aqui - e me convidou algum tempo depois. Comecei em março com ele, em agosto eu vim para cá. Passava o pouco tempo que eu tinha disponível na Escola de Veterinária - que era parte na Praia Vermelha, parte no Maracanã, em tempo integral mesmo - passava aqui. Me lembro que às vezes passava a noite também. Por exemplo, houve uma Semana Santa em que eu tinha que acabar o meu primeiro trabalho - isso já foi quase em 1933 - para entregar para a revista de entomologia do Frei Borgmeier. Era a discussão de cinco espécies novas de sarcophagídeos e eu fiquei durante a Semana Santa desenhando aqui nesse prédio do Quinino. Naquele tempo só tinha dois andares. no andar térreo do lado direito, ficava o professor Travassos e do lado esquerdo o professor Miguel Osório. Na entrada do Quinino, havia uma praça que a gente chamava de praça Emânculo (*rindo*)... Emânculo é o nome de um gênero de helminto que o Travassos estudava. Em cima tinha o Dr. Gilberto Villela, que era também um nosso grande amigo, uma pessoa muito especial para nós todos. Tanto que... (*defeito na fita*)... quando começou a aparecer aqui a nossa oposição. Corria uma história que no Instituto havia os subversivos, os marginais e o Dr. Villela. O Dr. Villela não era subversivo, de maneira nenhuma. Era um homem muito conservador, que nunca tinha a fama de subversivo.

PG - Os subversivos eu imagino quem seriam. E os marginais, quem eram?

HL - Os marginais eram aqueles que tinham estado à margem durante muito tempo, que não trabalhavam, não faziam coisa nenhuma (*rindo*). Mas o Dr. Villela como era um homem de uma atividade científica muito grande; além da atividade de laboratório, de produzir trabalho, de ter uma equipe muito boa, ele ainda escreveu uma porção de livros, coisa que não é muito comum no cientista. Já reparou isso, não é?

WH - Ele morreu muito cedo?

HL - Morreu muito cedo. Nós fomos colegas na Academia de Ciências. Eu era tesoureiro quando o Dr. Villela foi convidado para ser secretário. Eles faziam muita questão de colaboração do Dr. Villela porque ele era uma pessoa muito organizada. Então eu propus a ele: "Por que você não fica como tesoureiro, que você tem muito mais jeito, e eu fico como segundo secretário?" Assim fizemos, e foi muito bom, porque o Dr. Villela tinha um jeito muito especial. Mas lá em cima trabalhavam o Dr. Villela e o Dr. Carneiro Felipe, que vinha quase todo fim de semana, porque era um homem muito ocupado. Mas era uma pessoa muito útil ao Instituto pelo conhecimento que tinha das coisas. Era uma pessoa muito especial, o Dr. Carneiro Felipe. E me lembro que às vezes eu estava cá em baixo, fazíamos café e levávamos para o Dr. Felipe, porque ele não comia nada, era só café mesmo. Não sei o que ele comia em casa, mas aqui ele só tomava café. Quando eu vim para cá em 1931, no laboratório estavam somente o Dr. Travassos e os auxiliares: o Mário

Ventel, que era uma espécie de *technician* naquele tempo - e isso é uma coisa que o Instituto também está tentando reaver - o Chico Trombone, o Isaac, da fisiologia, o Manuel Adão, e o Joaquim Venâncio que é o patrono do curso... O Dr. Travassos tinha vindo recentemente de São Paulo e tinha começado a organizar a equipe dele aqui. O primeiro que ele convidou fui eu.

RG - Por que ele convidou o senhor? Quais foram os critérios?

HL - Porque o Dr. Travassos tinha uma preocupação muito interessante como professor. Quando ele chegava numa turma qualquer, fazia muita camaradagem com vários estudantes para saber das coisas, porque ele era muito curioso. Depois eu soube ele perguntou a um estudante, um colega meu: "Quem é que eu posso chamar para trabalhar comigo no Instituto?" E esse rapaz respondeu: "O melhor aluno é o Jaime Lins, mas eu acho que quem deve estar interessado nessas coisas é o Hugo". Por isso ele me chamou, para experimentar, claro. Então, eu vim para cá e logo depois chegaram o Herman e o Teixeira, que eram alunos do Travassos no Curso de Aplicação. Mas aí já foi diferente do meu caso, porque aqui era muito fácil para o professor ter contato com os alunos, pois eram poucos alunos. Algum tempo depois, uns dois anos talvez, o Travassos conseguiu o Ferreira de Almeida, que era um carteiro. Não sei se vocês já souberam a história do Romualdo Ferreira de Almeida. Ele era carteiro e o pai dele era músico, mas músico do Encantado. Quer dizer, gente muito modesta, extraordinariamente modesta. E o lugar que o Ferreira de Almeida conseguiu arranjar lá foi de carteiro. Ele só teve colégio primário mas aprendeu línguas por conta própria, e escrevia corretamente o francês. Publicou os primeiros trabalhos em francês, numa revista belga, e continuava com o seu cargo de carteiro, tendo coleção de borboletas. Mas o trabalho dele não era de amador de borboletas, era um trabalho científico de borboletas, feito sozinho. O Travassos conhecia os trabalhos dele, mas não tinha localizado o Ferreira de Almeida.

RG - Foi porque ele publicava os trabalhos?

HL - É. Ele conhecia através dos trabalhos dele, publicados em uma porção de revistas alemãs e francesas. Então, um belo dia, estava aqui no laboratório quando vi J. Pinto que também foi muito nosso amigo, o famoso J. Pinto (*rindo*). Ele era baiano e morava defronte da minha casa, quando me casei, em São Francisco Xavier.

RG - Quando o senhor se casou?

HL - Foi em 1935. Então, o J. Pinto estava aqui, entrou no laboratório e disse assim. Ele tinha muita intimidade com o Travassos, com o Costa Lima. O J. Pinto tomava intimidade mesmo e as pessoas gostavam muito dele, porque ele era um técnico muito bom, fazia muito boas fotografias. Naquele tempo, então, era extraordinário.

WH - Ele fazia fotografia para a entomologia?

HL - É. Fazia fotografias no porão do quarto andar. Este é o único prédio em que o quarto andar teve porão. Então, o Pinto entrou lá no laboratório, bateu a porta - ele batia a porta com força - e disse assim: "Travassos, conheci ontem uma pessoa que você devia conhecer. Fui na casa de um camarada que tem uma coleção de borboletas". O Travassos disse assim: "É o Ferreira de Almeida!" E o J. Pinto confirmou: "Éle mesmo". O Travassos suspirou: "Ah, eu preciso encontrar com ele". Então, o Ferreira de Almeida

veio trabalhar aqui, nas horas vagas, e o Travassos arranhou um jeito dele ser transferido da carreira de carteiro. Parece mentira que no Brasil se fez isso, hein? Eu gostaria de ter a idéia exata do ano em que aconteceu, mas o Travassos conseguiu, porque era um homem que tinha muito prestígio e nunca pedia nada a ninguém. Então, quando ele demonstrava vontade de uma coisa qualquer, todas as pessoas faziam. E o Travassos conseguiu passar o Almeida da carreira de carteiro do Ministério da Viação para o Ministério da Saúde. Agora, ele ainda fez uma coisa interessante. Foi um estágio em São Paulo, que ele conseguiu que o Museu Paulista fizesse uma espécie de contrato com o Almeida. Então o Almeida pediu licença no Instituto e ficou no Museu Paulista durante algum tempo. De lá, então, teve mais argumentos. Eu me lembro que o DASP fez isso. Parece mentira. Já ouviu falar de DASP daquele tempo? DASP foi uma repartição feita pelo Getúlio para botar freio nos funcionários públicos, para não deixar os funcionários públicos fazerem muita coisa. Então, eu dei opinião sobre a passagem do Ferreira de Almeida. Eu e um rapaz lá do Jardim Botânico... Como é que se chamava mesmo? Eu acho que tenho a cabeça cheia de nome de bichos e esqueço o nome das pessoas (*risos*).

RG - Ah! O senhor tem muito nome na cabeça.

HL - É hábito, não é? Ele não era botânico, era do Jardim Botânico, mas tinha alguma afinidade em botânica, mas era botânico de publicar trabalhos. E era um professor dava boas conferências, mas não era um pesquisador, um cientista. Mas estávamos os dois e eu cheguei meio atrasado, e estava uma pilha de trabalhos em cima da mesa. Uma pilha mesmo, porque o Almeida, no Museu Paulista, começou a publicar muitos trabalhos. Então, tinha um maço de trabalhos assim, e esse rapaz disse para mim quando cheguei: "Oi, estão querendo que a gente dê opinião de transferência de carreira, mas pela bagagem científica desse homem, até é ridículo a gente fazer uma coisa dessas". Aí, fizeram um parecer lá e a transferência foi dada, para cá, para o Instituto.

WH - Mas ele não tinha formação universitária?

HL - Nenhuma, nenhuma.

WH - E todo o conhecimento dele era...

RG - Audidata.

HL - Absolutamente autodidata, e não era só autodidata, não.

WH - Uma pessoa bem informada.

HL - É. Porque a única coisa que ele tinha a favor dele era ser músico. Como o músico tem facilidade para aprender línguas, porque ele tem bom ouvido, essa era a única vantagem que ele levava. Mas ele sabia entomologia, conhecia regra, nomenclatura, conhecia tudo. Tudo ele tinha fuçado, tinha achado, tinha sabido. Quer dizer, ele redigia aqueles trabalhos dentro daquelas normas técnicas todas, fazia desenhos muito bem feitos.

RG - Mas ele é de outra geração. É mais velho que o senhor.

HL - É. Ele era um pouco mais velho, sim. Era mais ou menos da geração do Travassos.

Porque quando o Travassos tinha 40 anos, eu tinha 20, não é? E o Almeida também. O Almeida morreu há bastante tempo. E eu o conheci muito de perto. Ele tinha três filhos. Tentou que algum filho continuasse o trabalho dele, mas não conseguiu, porque então era mais difícil ainda. E depois, ele fabricou uma casinha no quintal da casa dele em Encantado, para ter a enorme coleção de borboletas lá. Eu fui muitas vezes na casa dele. A senhora dele, dona Ada, era muito habilidosa, uma pessoa extraordinária. Dessas mulheres também que apoiam. E me esqueci de dizer isso também, que ele tinha o apoio da mulher. Pois para uma pessoa que ganha o ordenado de carteiro, comprar livros, comprar revistas estrangeiras é mesmo uma coisa... (*rindo*).

PG - E onde ficou a coleção dele?

HL - Ah, a coleção dele hoje faz parte de uma das melhores coleções de lepidópteros que existe, e que está no Paraná, em Curitiba. Ele tinha um aluno, Wilker, esse Wilker que fez mestrado, fez doutorado, é um descendente de alemão, de forma que tem essa vantagem de saber bem alemão. Era um rapaz que começou a estudar com o Almeida e agora está lá em Curitiba. E o padre Moura também é uma pessoa que a gente precisa sempre ter em mente. O padre Moura hoje está aposentado, mas teve uma influência enorme lá em Curitiba. Ele era um paulista de Ribeirão Preto, que foi para Curitiba. E não sei qual é a formação do padre Moura, nunca soube. Eu sei que ele sabe muitas línguas e é um dos principais especialistas em abelhas no mundo. Ele é um homem muito viajado, muito conhecido em toda a parte. Tem mesmo um nome internacional. E ajuda muita gente. Ele é meio esquisito, não é assim do tipo do Travassos, que aglutina fácil, mas tem ajudado muita gente. Quando eu estava em plena cassação, o negócio ficou meio desordenado. Ele me chamou para dar umas aulas de dípteros, no curso de graduação lá em Curitiba. Eu gostei muito porque eu gosto de Curitiba, acho um lugar bom. Então passei uns 15 dias lá. E o padre Moura me apresentou ao diretor da faculdade dizendo assim: "Olha, aqui tem o Hugo. Ele é cassado, sabe, mas eu não me incomodei e chamei aqui para dar o curso". (*risos*) Eu não gostava muito disso porque podia até anular um crédito qualquer, não é? Naquela época, isso podia anular, o sujeito podia alegar qualquer coisa, que eu não tinha atestado de ideologia, como é que eu podia dar o curso lá, não é?

PG - O senhor enfrentou algumas situações assim?

HL - Nunca enfrentei, não. Essas coisas aconteciam de um modo muito engraçado. Outra anedota que eu preciso contar aqui é o seguinte: há uma pessoa também que nós gostamos muito no nosso grupo todo que é Peter Wygodzinsky. Ele era até há pouco tempo curador de dípteros no Museu de Nova York. Quer dizer, é o cargo mais importante que um dipterologista pode ter, porque é, pelo menos, o melhor remunerado. Mas o Peter Wygodzinsky era da minoria sudeta na Tchecoslováquia, e o pai dele era professor de sociologia na Alemanha, em Berlim, porque a minoria sudeta fazia parte de Berlim. Então, o pai dele era professor da universidade, de sociologia, quando o Hitler tomou conta. E ele era judeu. Agora imagine a consequência disso. O pai morreu logo. A mãe dele foi uma das últimas pessoas que entrou num daqueles campos de concentração, na câmara de gás. Ela deu uma medalhinha para pessoa que ficou atrás dela, que não ia entrar naquele dia, para a pessoa passar adiante, mandar para o filho. Nesse tempo, ele estava na Suíça, fazendo tese, e não pode voltar, nem valia a pena voltar. Mas sabe como é a neutralidade suíça, não é? Imediatamente botaram ele num campo de concentração. Então, ele ficou nesse campo de concentração.

RG - Tinha campo na Suíça?

HL - Não, não é campo de concentração. Ele ficou na Suíça...

PG - Recluso, não é?

HL - É, ficou recluso, sei lá, não podia viajar, uma dessas coisas. Sabe como é; a neutralidade Suíça era total, para não atrapalhar os alemães. Ele tinha uma noiva, chamada (*inaudível*), que era uma pintora, muito interessante, muito simpática. Essa moça teve uma certa influência lá e conseguiu passaporte do Vaticano. E os dois viajaram para o Brasil. Chegaram aqui e ele conhecia a irmão do Fábio Werneck, que também é outra pessoa que todo mundo já deve ter falado nele. O Fábio é uma das pessoas mais interessantes que nós tivemos aqui. Um especialista muito bom. Então o Fábio me indicou ao Wygodzinsky: "Você vai procurar o Hugo". E ele foi me procurar. Chegou lá em casa, a minha senhora estava chegando da feira com umas tangerinas do tamanho de um bonde (*rindo*), e o Peter, coitado, com fome eu não sabia que ele estava com fome - começou a olhar com um olhar tão comprido naquelas tangerinas que eu ofereci! E ele comeu várias tangerinas, com uma fome.... Mas o Peter aqui não tinha emprego. Então, como ele era muito bom desenhista, desenhou para várias pessoas, e muitos o ajudavam. O Herman, do bolso dele, pagou desenho para Peter Wygodzinsky, para ele poder comer! Bom, um belo dia, por intermédio do Heitor Grillo - que também era uma pessoa muito chegada a nós, do conselho de pesquisa, bom administrador de ciências - o Peter começou a trabalhar. Mas trabalhou pouco, pois o Grillo arranhou um lugar pra ele no quilômetro 47. Então, o Peter, me telefonou quando recebeu o primeiro ordenado: "Vamos nos encontrar lá na cidade e vamos jantar!" E eu fui jantar com o Peter. Quando cheguei perto dele perguntei: "Onde é que a gente vai jantar?" Ele disse: "Eu não sei, nunca entrei em um restaurante no Rio de Janeiro!" Ele estava no Rio há um ano, e não tinha entrado num restaurante. Mas a história que eu queria contar, à parte do todas essas do Peter, é a respeito da noiva dele. Ela não era igual ao Peter que estava trabalhando lá. Apesar de ter uma posição política bem de esquerda, ela não era uma pessoa ativa; era do movimento subversivo alemão do tempo do Hitler e ficou num esgotamento nervoso. Sabe o que é uma pessoa ser perseguida meses seguidos pela GESTAPO, não é? Então, o comando da subversão lá na Alemanha resolveu dar férias à ela. Sabe o que ele fez? Mandou-a para Itália, que também era fascista. (*risos*) E ela foi passar férias na Itália. Essa anedota serve para contar como é que são as coisas com os latinos, não é?

PG - O fascismo italiano era muito pior.

HL - É. Porque a nossa ditadura militar não era muito parecida com a do Hitler. Era mais parecida com a ditadura latina. De forma que eu digo francamente, eu nunca tive nenhuma... A não ser aquela inquisição horrorosa do Olympio da Fonseca. Mas mesmo o General Falcão, que era o presidente do inquérito militar aqui, era uma pessoa distintíssima, que pedia por favor, pedia desculpas por estar incomodando. De forma que era uma coisa latina, para nossa felicidade, não é? Então eu nunca tive muito dessas coisas, não. Também tem uma outra história para contar o que era essa... Não sei se já falei aqui sobre um episódio ocorrido na década de 70, em 1975 mais ou menos. Já tinha uns cinco anos que eu tinha saído do Instituto, quando recebi uma carta de uma pessoa que se correspondia muito comigo, um inglês que morava lá em Ottawa, Canadá, chamado Roy Shewell. Ele me escreveu uma carta dizendo que eles tinham comprado lá a coleção de Heinhart, que era um americano que trabalhava no Texas; e que além disso,

tinham muito material dessa família que eu estudo, comprado no Lúcio Peña, um chileno que é muito bom colecionador. Então eles acumularam esse material todo do trópico e não tinha ninguém estudando esse material. E o Shewell me perguntava se eu não queria ir passar um ano lá, porque o Brasil tinha um convênio com o Canadá e ele tinha muito boas relações lá no Conselho de Pesquisa do Canadá e podia conseguir isso. Quando li aquela carta, a primeira coisa que eu pensei foi: "Ah, não vou tentar porque não vai adiantar nada". Como o Conselho de Pesquisa daqui iria reagir quando recebesse um pedido desses, não é? Eu tinha bons amigos no Conselho de Pesquisa, mas o diretor era pessoa de lá deles.

RG - O senhor se lembra quem era o diretor nessa época?

HL - Não. Mas eu ainda tinha muito bons amigos lá no Conselho de Pesquisa. Um dos nossos amigos lá era o Couceiro, mas o Couceiro já tinha morrido nesta época. E havia também o Manuel Frota Moreira, que morreu recentemente. Mas então, pensando no que eles iam fazer, eu respondi ao Shewell meio no chute, que teria uma vontade enorme de ficar não um ano, mas por uns seis meses, me lembrando do frio. O frio no Canadá é horrível. A gente está sempre respirando sorvete, pois o vento chega do Polo Norte. A gente está sempre respirando aquele fresquinho. Mas então, resolvi aceitar. O Shewell me mandou cópia das cartas que o diretor de lá escreveu para o diretor do Conselho de Pesquisa daqui, carta que o Conselho de Pesquisa mandou aqui para o Instituto. Eu estava a par de todo o movimento, mas nada de aparecer nenhuma notícia do Conselho. Então pensei: "Bom, michou mesmo, não deu certo". Nesta época um parente do meu genro, que era militar, teve uns problemas de bicho no quartel dele. Então passou aqui no Instituto várias vezes, viu nossas instalações, o trabalho da gente e gostou muito. Ele vinha aqui de vez em quando, vinha me visitar. E eu totalmente metido na revolução.

Fita 3 - Lado A

HL - Então eu mandei um recado a esse militar pelo meu genro, falando sobre a proposta do Canadá e ele foi ao Golberi, de quem era amigo. Depois eu soube que o Golberi escreveu um bilhete ao presidente do Conselho de Pesquisa, que tirou o convite da gaveta na mesma hora. E aí eu recebi a notícia.

RG - Rapidamente.

HL - Isto é para vocês verem o que foi esse negócio. Quer dizer, era subversivo, mas não para os amigos que não o consideram assim. Porque esse camarada sabia perfeitamente que eu não era subversivo. Eu podia inclusive ter conversado com ele uma série de coisas. Ter rebatido algumas idéias meio fascitoides que ele devia ter. Aliás, ele era uma pessoa que tinha certas qualidades, era um bom chefe de família. Porque às vezes o sujeito é ruim para os outros, mas é bom para família e isso não deixa de ser... A gente quando está do lado da família está vendo mais isso do que as outras coisas. Mas então o meu negócio veio imediatamente e aí eu fui para o Canadá onde passei seis meses. Isso demonstra como é que as coisas aqui não eram levadas tão à sério, não é? Eles tiveram a preocupação de intimidar todo mundo, mas depois de intimidados fizeram de latino mesmo, não é? "Faz a fama e deita-te na cama". Essa é que é a verdade. Mas vamos voltar às coisas do Instituto, que são mais interessantes do que essas. Eu passei a aproveitar o pouco tempo que tinha de folga, inclusive os dias feriados, para tocar as coisas para adiante. Depois, veio o contrato do Jardim Botânico e aí eu passei a vir só uma vez por semana aqui. Lá

no Jardim Botânico tive a vantagem de ter o Frei Borgmeier, já contei também isso, e de ter uma certa convivência com o Costa Lima. O Costa Lima era uma das pessoas mais extraordinariamente correta que eu já tinha visto. Como diretor, ele era de uma correção absoluta, incapaz da menor arbitrariedade. Era incapaz de ajudar um funcionário que achasse simpático e enquadrar o outro. Tinha uma preocupação muito grande com a justiça. Mas era um diretor meio emperrado, como todo camarada que é assim, não é? (*rindo*). Ele era talvez um pouco exagerado nessas coisas, mas para nós foi um bom diretor. Ele teve certo atrito com o Frei Borgmeier, mas depois voltaram às boas. Isso também já contei.

RG - Ele também foi pesquisador aqui no Instituto?

HL - Foi. E eu também já disse que ele era um pesquisador que nunca deixou de aproveitar nem meia hora. Conversava com a gente trabalhando. Era um cara muito engraçado, o Costa Lima. E além de ser um pesquisador muito bom, ele era um professor excepcional, lá da universidade Rural.

WH - Ele se formou aqui no Brasil?

HL - O Costa Lima veio para o Instituto como estudante ainda, mas depois fez concurso, através de títulos, na Escola de Agronomia da Praia Vermelha e lá foi professor de entomologia. O primeiro professor de entomologia que já houve no Brasil. Quer dizer, é um pioneiro, inteiramente pioneiro. Aquele livro dele é uma consequência do seu trabalho como professor.

RG - Ele tem uma obra muito importante, não é?

HL - Tem. A obra dele é tão importante que eu me lembro que o John Lane, que era um entomologista de São Paulo, muito amigo nosso também... John e Fred Lane, dois irmãos descendentes de americanos e de canadenses. Mas o Fred Lane foi um dos primeiros cientistas a fazer um curso de entomologia no exterior, na Universidade de Cornwell nos Estados Unidos. O inglês para ele era a língua nativa, a língua paterna, e ele a falava com toda a correção. Mas o professor de entomologia lá de Cornwell disse que aqueles que entendem português tinham uma vantagem enorme sobre qualquer outro, pois podiam estudar no livro do Costa Lima.

RG - Era obra de referência.

HL - Exato. Principalmente para os alunos de regiões tropicais que estavam lá, porque os professores tinham uma preocupação de ensinar uma entomologia básica, mas com uma certa aplicação tropical.

WH - Mas os trabalhos do Costa Lima não foram publicados no exterior?

HL - Foram, muitos trabalhos. O Costa Lima estudava entomologia médica. Fazia muitos trabalhos com mosquitos, flebótomos, e outros bichos de interesse médico, mas também fazia uma entomologia agrícola. Hoje se cria vegetais comestíveis, isto é, plantas cultivadas no Brasil, porque o Costa Lima conseguiu descobrir as pragas.

RG - Ele é o pioneiro?

HL - Ele praticamente nomeou pela primeira vez todas as pragas do milho, do arroz, do feijão, da batata, no Brasil. Aquela coleção dele que está lá no quilômetro 47 é uma referência impressionante. Até há pouco tempo tinha o Cincinato Gonçalves que foi o sucessor dele e agora tem um rapaz também muito bom lá, Josué Pereira. A coleção está perfeita. São as primeiras pragas que foram determinadas. Isso é uma coisa, em matéria de história da ciência no Brasil e principalmente dessa parte aplicada, que é importantíssima.

PG - Ao que parece, a entomologia no Brasil tinha padrões comparáveis ao nível internacional.

HL - Sim, sem dúvida.

PG - A que o senhor atribui que esse campo específico da ciência tenha se desenvolvido tanto no Brasil?

HL - À importância dos insetos. Desde o tempo do Oswaldo Cruz, ninguém duvidava que o mosquito era coisa importante, não é?

PG - Começa aí, com Oswaldo Cruz?

HL - É. Mas a história que eu queria contar do Costa Lima é a seguinte: quando o Howard foi organizar a entomologia americana, lá pelos 1800, ele organizou a primeira equipe que criou essa fabulosa entomologia agrícola que tem nos Estados Unidos. Montada de uma forma que não existe em parte nenhuma no mundo. Eu não sou muito americanófilo, mas os americanos têm algumas coisas, como essa, que é um negócio que a gente tem que tirar o chapéu. Eles têm uma tal organização em matéria de combate biológico, que também se faz muito na Europa, e muito bem feito. Mas os americanos têm um negócio organizado, com cursos. Na Califórnia, eles montam aquelas enormes estufas e o pessoal... Bom, um dos camaradas que o Howard escolheu para trabalhar na equipe dele foi o Costa Lima! Mas o Costa Lima, como todo brasileiro, não queria deixar a terra dele, os brasileiros tem essas bobagens... Mas foi uma das pessoas em todo mundo que o Howard escolheu para trabalhar com ele, e muitos foram, para formar a primeira equipe dele.

PG - Mas foi só no final do século XIX que isso deslanchou, ou a coisa já existia antes? Não houve todo o trabalho dos naturalistas?

HL - Já tinha muito, mas no fim do século é que começou a aparecer.

PG - Deslanchou mais, inclusive também pela questão da entomologia médica?

HL - É, principalmente aqui no Brasil. Em toda a parte do mundo, a entomologia era muito acadêmica. Os homens conheciam os insetos ou os insetos os devoravam, não é? Era uma verdadeira esfinge. Mas aí é que tiveram que se meter a estudar insetos mesmo. E aconteceu uma coisa muito engraçada. Não parece, mas os inseticidas de contato, fabricados, provocavam um atraso terrível na entomologia, porque aí foi para matar, não é? Quando se descobriu o DDT, parecia que era uma descoberta fabulosa. Até o dia em que descobriram que o DDT já estava acumulado no fígado do urso polar, e ia matar

aquele urso. Aí é que se resolveu acabar com os inseticidas de contato, essas coisas fabulosas, esses fosforados, esses clorados, essas coisas todas. E o resultado ficou mais para o biológico.

PG - Para variar mais um pouco. A gente compreende o desenvolvimento da entomologia médica a partir do final do século XIX pela associação do vetor usado pela microbiologia.

HL - ... pela descoberta da transmissão.

PG - Agora, e a entomologia agrícola, quer dizer, a questão das pragas?

HL - Também. Os bichos não eram tão conhecidos. E há também uma coisa que foi muito importante em tudo isso: os meios de comunicação fizeram as pragas cosmopolitas, não é? De forma que, além de tudo, ainda tem isso. A velocidade com que os próprios navios rápidos, que não eram de vela... Enquanto o navio era de vela, o bicho vinha no navio de vela; às vezes pegava uma cebola podre, ou outra coisa, e vinha vindo.

PG - E aí teria havido uma maior preocupação por parte dos grandes centros estudarem?

HL - Sim. Cercar os focos, conhecer bem os bichos para saber como combatê-los. Mas a gente devia falar do Costa Lima, pois ele foi um dos expoentes aqui do Instituto, sem a menor dúvida. Ele era um homem de uma tal capacidade de trabalho que, apesar dele trabalhar em dois lugares - na Escola de Agronomia e aqui - e ser um excelente professor, não mandava ninguém dar aulas. Ele dava as aulas e fazia as práticas. Tinha os auxiliares, mas foi uma das pessoas mais importantes aqui do Instituto. Entre as pessoas que deram nome ao Instituto; é preciso nunca esquecer isso. Costa Lima era uma pessoa muito especial! Ele chegava muito cedo, geralmente trabalhava até mais tarde e no fim da tarde começava a procurar quem ia levá-lo de volta. Tem uma outra figura também que eu me lembro com muita saudade, apesar de não ter sido um cientista muito ativo aqui, que era o Nogueira Penido. Ele era muito amigo do Costa Lima, e sempre o levava de volta. E a gente também, porque ele era o único que tinha carro aqui, e levava a gente em excursão. (*rindo*) Era uma pessoa extraordinária. Agora, é a tal coisa das instituições, que têm às vezes umas pessoas que não são capazes de fazer um trabalho científico, mas ajudam de tal forma os outros e se encarregam de tal forma das coisas de rotina... Por exemplo, exame de sífilis era o Penido que fazia sempre, então já descarregava um pouco. Ele era também um bom bacteriologista na prática. E isso eu acho também muito importante, porque as instituições também tem que ter gente para carregar as coisas.

RG - Mas isso foi depois que abriu a avenida Brasil, não é?

HL - É. Antes a gente vinha ou de trem ou de ônibus, depois pegava a "viúva", que era um ônibus que nos trazia até cá em cima. Ou íamos à pé. Quantas vezes descí à pé! Agora, uma coisa também que eu me lembro com muita saudade é dos sábados. Isso foi invenção do Dr. Miguel Osório: em vez da gente fazer sábado inglês, fazia sábado português (*rindo*). Às vezes ficávamos aqui até de tarde, até o escurecer, porque era o dia em que ninguém amolava e a gente podia trabalhar à vontade. Nós íamos almoçar no hospital. E na volta, principalmente o pessoal que morava na Tijuca como o Moussatché, eu e vários outros, íamos à pé. Daqui eu tomava o bonde Vila Isabel-Engenho Novo, lá no Engenho Novo. Ia à pé e era uma coisa muito agradável. A gente ainda era moço e tinha disposição para esse exercício de andar à pé. Fazíamos sempre o sábado português assim.

PG - E como é que eram as redondezas de Manguinhos na época?

HL - Os arredores aqui eram pouco povoados. Principalmente antes da Avenida Brasil ser aberta, era muito pouco povoado, mas no morro já tinha muita gente. E depois, no lado de lá da estrada, já tinha entre Cachambi e aqui Higienópolis. Quando eu vim para cá Higienópolis já era bem grande.

RG - O senhor lembra do impacto que lhe causou - e que causava em geral - a visão do castelo? Como é que era a impressão de um jovem chegando aqui, vendo esta arquitetura assim tão extraordinária?

HL - É uma coisa que me impressionou; mas eu fiquei muito mais impressionado com o movimento do laboratório do Travassos do que com o próprio castelo. Pois o castelo, eu me lembro, nunca me esqueço disso, eu vim visitar a minha avó, quando menino... Eu tenho muitas lembranças dos meus quatro, cinco anos. Vim tomar um lumbrigueiro na varanda lá do Instituto. Subi aquela escada com a minha avó e tomei um lumbrigueiro; não me pergunte qual (*rindo*). De forma que para mim já era um hábito ver esse castelo.

RG - Era um hábito das famílias trazerem as crianças aqui?

HL - Não, não era.

RG - Quer dizer que era uma coisa excepcional?

HL - Não sei como é que aconteceu. Só me lembro disso: que a minha avó me trouxe aqui um dia. De forma que eu já tinha um certo conhecimento do castelo. Agora, me impressionou muitíssimo a vida aqui no Instituto: a camaradagem de todo mundo, aquele famoso almoço embaixo da árvore... Vocês devem ter fotografia daquilo.

PG - Temos.

HL - Então tem muitas coisas que alguém já deve ter contado. Por exemplo, tinha um termômetro naquela primeira tora de madeira que tem na entrada quando se desce a escada. O Dr. Lutz, todos os dias na hora do almoço, vinha e olhava para ver a temperatura. E alguém percebeu isso. Então, pegaram uma pedrinha de gelo, encostavam na cúpula do termômetro e ficavam esperando até o Lutz aparecer lá em cima da escada. Aí, todos se esconderam depressa. Naquele dia, o Lutz olhou assim, virou-se para o pessoal todo que estava lá, deu um muchocho e foi sentar. Quer dizer, ele percebeu, não é? (*Rindo*) Aquele refeitório também me impressionou muito. Havia um espanhol que servia a mesa e que pegava pratos enormes, todos quebrados, e vinha trazendo. Quer dizer, era uma camaradagem. Quando vim pra cá e ainda era estudante, almoçava com o Pinto, com o Porciúncula - que era outro desenhista - e com o outro desenhista, que foi o mais famoso de todos, o Castro e Silva. O Castro e Silva é uma história à parte. O Travassos, o Costa Lima, todo mundo tinha uma camaradagem com ele, que era uma das pessoas mais simpáticas. E ele era um artista primoroso. Como trabalhava! Estava sempre trabalhando. Fez uma porção de carrapatos para o Aragão, fez aquelas moscas de estrídeos para o famoso trabalho do Lutz. Muitas das mutucas do Lutz foram feitas pelo Castro e Silva e pelo Fisher, que também tinha trabalhado aqui, e que estava em São Paulo.

RG - O Fisher era outro desenhista?

HL - Era. Rudolf Fisher. Esse não era daqui, estava em São Paulo, mas já tinha passado por aqui.

RG - Esse pessoal foi formado aqui mesmo em Manguinhos?

HL - Não. O Castro e Silva acho que era inclusive da Escola de Belas Artes. Ele tinha um conhecimento teórico de arte.

PG - E o J. Pinto, o senhor sabe qual foi a origem dele?

HL - O J. Pinto era baiano, não é? Ele veio da Bahia. Não sei onde ele aprendeu a fotografia. Mas tenho a impressão que ninguém o ensinou, de que ele foi concluindo as coisas e foi fazendo. (*risos*) Porque eu nunca vi pessoa tão arrojada como o Pinto. Tudo ele se metia a fazer.

PG - O que, por exemplo?

HL - Nada impedia que ele tivesse uma certa atividade, não é? Ele nunca conversou comigo dizendo onde é que tinha aprendido fotografia. Mas tenho a impressão de que ele aprendeu a revelar ou fazer como qualquer um aí, mas aquelas coisas que ele fazia são todas invenções dele. Eu fui muitas vezes, de vez em quando ele me levava lá naquele porão do quinto andar para me mostrar as coisas que fazia. Ele tinha bastante presença de espírito de usar a fotografia, virava, fazia assim na luz, passava em cima na hora da revelação, fazia uma porção de coisas esquisitas, era meio alquimista, não é? (*rindo*)

RG - Ele trabalhava sozinho ou tinha ajudante?

HL - Ele tinha um ajudante, mas era mais para limpar as coisas. Eu não creio que ele tivesse deixado alguém. Quer dizer, ele não escondia o leite, era bem aberto. Mas com a estrutura daquele tempo era difícil imaginar pegar uma pessoa para botar como fotógrafo, para aprender.

RG - Ele era uma pessoa também de origem humilde ou já tinha uma formação?

HL - Eu acho que sim. Era um baiano que veio para o Rio de Janeiro ganhar a vida. Ele morava numa casa própria, a mulher dele era uma pessoa muito simpática, tinha um filho. O filho dele deve estar aí, ainda é possível achá-lo. Ele morava na Rua Figueira. A minha casa era na Rua Figueira, número 29, defronte da casa dele. Talvez fosse até interessante passar lá e ver se tem alguém que pudesse dizer alguma coisa. Pode até ser que alguém da família ainda more naquela casa; por que não? Não era uma casa bonita, com um terreno grande que pudesse ser destruída.

PG - Dr. Hugo, acho que nós poderíamos talvez conversar um pouco sobre depois desse período de estágio, sobre como foi o desenvolvimento dos trabalhos do departamento de entomologia?

HL - Bom. A entomologia aqui foi realizada primeiro pelo Lutz, que tinha montões de trabalhos. Mas o Lutz era um compartimento à parte, ninguém o incomodava. Ele

trabalhava muito, não tinha nenhuma outra atividade que não fosse pesquisa. Haviam aqui no Instituto verdadeiros tabus: "Ah, isso vai incomodar o Dr. Lutz". (*rindo*) O negócio era assim. Havia essas brincadeiras de botar gelo no termômetro, mas que não incomodavam o Dr. Lutz. Então, o Lutz e a entomologia dele era uma coisa à parte. É verdade que ele tinha trabalhos com o Costa Lima. Eles se gostavam e se admiravam muito. E com o Neiva também. O Lutz não era uma pessoa fechada. Eu mesmo já contei aqui como é que eu me dava com ele, como estudei os bichos que ele gostava, aquelas coisas todas. Ele ficou muito camarada. Então, tinha essa entomologia do Lutz e tinha o laboratório do Costa Lima, que também era um mistério. O Costa Lima vivia determinando pragas, estudando bichos de interesse médico, e publicando aqueles trabalhos de espiga, tudo aquilo. Havia também o Cesar Pinto, uma pessoa que também teve muita importância, que também viveu a vida aqui e trabalhava no laboratório do canto, naquele primeiro andar todo. Lembram-se de onde era antes o laboratório do Dr. Lutz, onde hoje fica o museu? Depois tinha aquele outro laboratório, que era a sala das coleções e logo vinha o primeiro laboratório, que era o do César Pinto. Depois vinham os dois laboratórios do Costa Lima. O Costa Lima tinha sempre gente para desenhar. O Orlando começou a trabalhar desenhando para o Costa Lima. A entomologia do Travassos aqui já era diferente. O Travassos tinha um laboratório de helmintologia. Um dia ele resolveu estudar borboletas. Aí coincidiu com a fase em que ele veio para cá, e que escolheu este assunto para trabalhar. Esse assunto tinha sido escolhido por ele aqui em São Paulo para o Severino Vaz. Ele tinha até umas preparações feitas pelo Severino Vaz. Mas depois o Severino Vaz entrou na helmintologia e o Travassos veio aqui para o Rio com aquela preocupação de estudar sarcophagídeos, que era um bicho que ia dar muito trabalho, porque era um bicho que nunca tinha sido estudado. Então, eu comecei a estudar a entomologia no laboratório da helmintologia. É por isso também que eu acho que o importante não é a gente fazer uma sessão com chefe, com assistente. O importante é dar a cada um condições para trabalhar. Eu acho que ainda estamos nessa época. Cada um vai pelo caminho que acha mais agradável; porque também o trabalho científico ou é um trabalho agradável ou é feito. Nunca tive notícias de alguém que tivesse recebido como encomenda um trabalho científico e tivesse tido a capacidade de deixar o que está fazendo para fazer uma determinada coisa a contragosto, é um pouco assim, não é? Quando a gente tem um laboratório aparece um camarada que está estudando helmintologia... O Herman estudava helmintologia. Tem uma porção de trabalhos com o Teixeira de Freitas. De repente, começou a estudar barbeiros e hoje é o melhor especialista que já apareceu de barbeiro, não é?

WH - Então, naquela época, cada pesquisador trabalhava no seu laboratório?

HL - É, fazia as suas coisas.

WH - E como é que funcionava?

HL - Por exemplo, um dia apareceu o Lulu Proença, que foi talvez uma das melhores pessoas que esteve no laboratório, um sujeito de uma vivacidade, de uma inteligência enorme. Era um veterinário e professor da Escola de Veterinária do Exército. Ele gostava muito e ensinava a helmintologia lá, e aqui no Instituto ele se interessou por morcegos. Fez uma excelente coleção de morcegos, publicou trabalho sobre morcego. Agora, nesse meio tempo fez um trabalho de simicilio com o Herman. Quer dizer, eu acho que depende da oportunidade. A gente estava fazendo uma excursão, via um material interessante, e não precisava ser da especialidade. É até bom que o sujeito faça de vez em quando umas

digressões assim, não é?

PG - É. Era sempre uma coisa assim informal ou havia algum conselho, alguma instância onde as pessoas se reuniam para discutir os trabalhos?

HL - Não. De maneira nenhuma. Nós sempre discutíamos os trabalhos todos, mas depois do almoço, ou na hora do cafezinho, sem interromper uma pessoa que estivesse trabalhando. Isto é um péssimo hábito: interromper uma pessoa que está trabalhando para conversar. Agora, nós tínhamos as sessões regulares da Sociedade Brasileira de Biologia, que eram muito interessantes, e as quais eu já me referi aqui, quando falei no Dr. Lutz com o Lacorte.

RG - Essa Sociedade se reunia regularmente em Manguinhos?

HL - Essa Sociedade se reunia em Manguinhos, na Biblioteca. Até um dia...Um bolo de pessoas aparecia aqui no Instituto, e muita gente não fala, porque também não significavam nada. Um era médico da Marinha, foi assistente do Dr. Miguel, que era da fisiologia, mas nunca trabalhou lá.

WH - O Xavier?

HL - Antônio Augusto Xavier. O Xavier era uma das pessoas mais deslocadas que eu já conheci na minha vida. Não sei o que ele fazia o dia todo no laboratório. Ele tinha uma sala no laboratório do Dr. Villela. Quando ele foi diretor, começou a querer mandar, porque toda pessoa medíocre... É a tal história do ditado português, que eu acho o mais certo do mundo: "Se queres conhecer o melhor...".

Fita 3 - lado B

HL - O Xavier era uma pessoa que... Eu não sei como aquele homem passava o tempo. Ele não queria que se fizesse a reunião lá na Biblioteca. Então aí apareceu uma outra figura que também é muito discutida, mas que eu acho que tinha certas qualidades - principalmente morais - importantes, que era o Souza Araújo. O Souza Araújo tinha um pouco de idéia fixa com a lepra. Era a lepra e acabou. E é uma coisa importantíssimo no Brasil - naquele tempo e hoje também. Mas o Souza Araújo era presidente da Academia e resolveu reunir a Academia no Museu Nacional. Mas não era a mesma coisa, porque o interessante era a Sociedade se reunir como era aqui, uma coisa muito espontânea. A gente pensava: "Ah! Hoje é dia de Sociedade". Depois do almoço se juntavam todos naquela sala. Era a única reunião que havia realmente.

RG - Não vinha gente de fora? Era só o pessoal de Manguinhos?

HL - Às vezes, mas muito pouco. Agora, vinha muita gente de fora, mas no laboratório, na hora que se estava trabalhando, compreende? Manguinhos era um centro cultural por causa da biblioteca. Então, todo mundo que vinha ao Rio de Janeiro ia à biblioteca, como o Raul de Plínio, por exemplo, um parasitologista lá de Porto Alegre. Sempre que ele vinha ao Rio, não saía do laboratório, estava sempre lá conversando.

RG - A troca se dava informalmente?

HL - É. Eu acho que devia ser sempre assim, sabe? Eu sou inclusive até um pouco contra esses congressos muito programados. Eu só fui a um congresso que era mesmo bom, que foi realizado numa churrascaria em Porto Alegre (*risos*). Esse foi um congresso bom.

PG - Um pouco de chope, carne...

HL - É. E quanto mais civilizado é o país, pior é o congresso, assim no sentido da gente fazer coisas que não gosta. Já pensou pegar o sujeito para ser presidente de banca? A mim nunca pegaram, pois eu não suporto isso. Mas Herman, por exemplo, foi vítima disso: presidente de banca. Já pensou o que é isso? Ficar duas, quatro, cinco horas, 14:00 horas até às 19:00 horas numa banca? É muito desagradável!

PG - Mas voltando ao Instituto, quando é que surgiu o Departamento de Entomologia?

HL - Ah, essa idéia do departamento resultou de uma reorganização. Agora, isso só o Herman pode dizer, pois datas é não comigo.

PG - Mas a criação do Departamento mudou a dinâmica das pessoas?

HL - Sim, mudou. Um departamento era interessante, não resta a menor dúvida. Eu sou contra a burocratização, mas não sou contra a organização; uma organização, tem que haver. Agora, eu acho que em organização decente, principalmente dentro de uma instituição, não há necessidade de haver papéis, compreende? Por telefone o sujeito pode resolver as coisas. Quer dizer, eu sou favorável à organização no sentido de que ela seja ampla, cada um tem a sua obrigação, cada um cumpre a sua obrigação, mas sem aquela papelada, sem aquelas reuniões, sem ter reunião todo dia; acaba a gente não podendo fazer mais nada.

RG - Então, nessa época em que o senhor entrou, havia muita autonomia?

HL - Ah, completa. Havia laboratórios, cada um isolado do outro.

RG - E os pesquisadores eram autônomos para fazer o que quisessem?

HL - Acho que já havia divisões, isso não funcionava, não estava no papel.

RG - Quer dizer, a direção respeitava.

HL - É. A direção dava material para cada um trabalhar, desde que trabalhasse, não é?

PG - Esse material do laboratório era um material relativamente simples?

HL - Sim, era material relativamente simples. Havia uma outra coisa que nós não falamos aqui e que era a verba da Manqueira. Não sei se vocês conhecem a história da verba da Manqueira.

PG - Não; queríamos saber.

HL - Pois o Dr. Machado e esse que era inventor, como é que chamava?

WH - O Godoy?

HL - Godoy! Era uma simpatia o Godoy; eu gostava imensamente dele. O Godoy dizia assim: "Olha Travassos, eu não entendo nada desses bichinhos que você estuda aí, mas por isso é que eu respeito, porque eu não entendo". (*risos*) Era grande, não é? Quer dizer, muitas pessoas, quando não entendem, não são capazes de fazer uma coisa, começam a desvalorizar. Mas o Godoy e o Machado inventaram a vacina da manqueira, que era fabricada pelo Instituto e dava uma verba enorme. Eu mesmo recebi verba da manqueira; acho que quase todo mundo. Então, foi uma espécie de auxílio do Conselho de Pesquisa ao instituto. Nisso o Travassos conseguiu me convencer. Ele falava sempre muito disso. Era um negócio do tempo do Oswaldo Cruz, uma coisa que eu acho que tinha que continuar a ser adotada e que era a participação, mesmo da pessoa que está engajada no trabalho científico muito absorvente, de contribuir também para as coisas práticas do Instituto. Travassos sempre dizia isto para nós. No tempo do Oswaldo Cruz, quando ele chegava, passava 10, 15 ou às vezes 20 minutos no laboratório. Acho que era de peste, só poderia ser, porque ele era o responsável pela vacina antipestosa, pelo soro antipestoso. Então, o que custa a uma pessoa que vai para seu laboratório dar um pouco do seu conhecimento para uma coisa dessas? Pode ter um jovem lá, ter uma pessoa muito responsável, que a gente nem precisa botar uma pessoa diretamente naquilo, não é? Você treina bem os auxiliares, mas sabe como são essas coisas de laboratório; fica controlando. Não custa nada. Eu acho que cada um devia fazer um pouco disso, não é?

PG - Dr. Hugo, se o material era muito simples, o senhor poderia dizer o que constava de um laboratório de entomologia?

HL - Bom, nesse tempo era microscópio e coleções. Coleção, microscópio e fenol, creosoto, agulhas... Desde muito cedo aprendi a pegar os próprios alfinetes com o dedo, em vez de usar agulhas ou qualquer coisa. Acho que para mim me dá muito mais habilidade, porque a peça é curtinha. Não me acostumo com aqueles cabos grandes; eu sempre pego os alfinetes com a ponta do dedo. Eu me lembro que uma vez faltou verba na Escola de Veterinária e não tinha potassa, aquele bastão que é muito cômodo porque a gente não precisa nem pesar: pega o bastão, mede a água, e sai potassa a 10% direto. O que foi que eu fiz? Comprei uma lata de soda cáustica e fiz potassa. Quer dizer, para entomologia não precisa grande coisa.

PG - Isso talvez fosse uma das razões pela qual a entomologia...

HL - Teve tanto desenvolvimento. Também acho que é. Agora, na fase em que nós estamos, principalmente com o tipo de trabalho que é possível realizar a partir dessa taxonomia que está mais ou menos já feita e que é um trabalho de observação de comportamento, de ecologia, bionomia, essa coisa já é mais importante. Eu acho que um bom laboratório de entomologia, hoje, teria que ter pelo menos umas três salas com ar condicionado com umidade e temperatura controladas. Mas isso não impede que aquelas atividades entomológicas, taxonômicas e de coleta continuem. Mas eu acho que para as coisas prosseguirem bem na entomologia, precisa isso.

PG - E em termos de equipamentos, esses avanços são importantes?

HL - Ah, são. Na entomologia, sim. Ainda mais na entomologia médica, de transmissão e tudo mais.

PG - E hoje os equipamentos de laboratórios nacionais acompanham essa evolução?

HL - Não muito. Quando nós saímos daqui o Herman tinha conseguido uma verba para montar umas salas de temperatura e umidade constantes para continuar a fazer os trabalhos, porque uma porção de gente ia se aproveitar disso. No quilômetro 47 na Universidade Rural, tem um pouco, porque a parasitologia lá é muito desenvolvida; sorte que eles têm bastante coisa lá. Precisa ter um laboratório lá no campo mesmo, onde tem criadouros de bichos e espécies que têm importância médica. Quer dizer, acho que a gente tem que partir para um negócio desses. O trabalho taxonômico tem que continuar a ser feito, mas já dá para começar a fazer uma etapa mais apurada.

WH - E além desses equipamentos, um instrumento fundamental também para a entomologia não é a habilidade manual?

HL - Ah, lógico! A coisa que eu acho mais importante para a entomologia ou para qualquer coisa de história natural é o contato direto. Quer dizer, o entomologista, o naturalista brasileiro é diferente do naturalista americano ou europeu que estuda material brasileiro. Até hoje o material brasileiro foi estudado por pessoas de fora. Então, pegam aqueles bichinhos secos dentro de uma gaveta e estudam. O naturalista brasileiro tem que ter uma noção muito maior de população e daí a vantagem deste instituto que está localizado num lugar como este. É preciso incentivar muito as excursões. Esse pessoal dos insetos, como esse Ricardo, por exemplo, é uma pessoa que para mim é excepcional. A disposição que esse rapaz tem de ver coisas, de estudar troços, de ir para o campo estudar, com a capacidade que ele tem de trabalhar no laboratório! Então, tem que entremear muito. Isso primeiro para preservar bem o material que coleciona, senão é uma pena. Depois é preciso estudar bem esse material. Agora, o trabalho de campo passou a ser muito mais importante, porque é o que diferencia o naturalista estrangeiro do naturalista brasileiro quando estuda a fauna brasileira. Isso é importante.

PG - O senhor falou das coleções?

HL - Ah, isso já é uma outra história. Coleção é uma coisa seríssima é um patrimônio do país, e é um crime que muita gente não compreende que tem que ser preservada. O senhor imagina, por exemplo, o Carlos Alberto Seabra. Já ouviu falar em Carlos Alberto Seabra? É um rapaz cuja mãe era muito amiga do Costa Lima. Ele sempre foi um rapaz endinheirado, o pai tinha fábrica de tecido e deu-lhe dinheiro para comprar a coleção do Zican lá de Itatiaia e colocar aqui. Bom, essa coleção do Zican era uma coleção enorme, tinha muita coisa espetada, muita coisa também ainda guardada nos envelopes, que na nossa época nós fizemos montar tudo. É uma boa coleção. Mas isso feito em Itatiaia de 30 anos atrás. Hoje não se tem mais aquele material, compreende? Quer dizer, só esse lado da coleção é importante.

RG - Acabou o material que existe lá?

HL - Acabou. A mata, a natureza acabou. E você tem uma amostragem dessa natureza preservada num instituto científico. Só isso já é importante, mesmo sem contar os tipos. Não se pode trabalhar a coleção sem ver os tipos, pois as técnicas vão melhorando. O que tinha há duzentos anos atrás, um bicho descrito há cem ou há oitenta anos atrás não adianta nada a gente ler a descrição, nem ver nada; tem que pegar o exemplar para ver. E

provavelmente daqui a cem ou duzentos anos vai ser a mesma coisa com o material estudado agora. Então, a coleção passa a ter um valor enorme. Tem as coleções em toda parte do mundo. Agora, o que é mais difícil no Brasil é que aqui as coleções têm que ser preservadas com ar condicionado, como nós tínhamos no Instituto.

PG - E como é que o senhor avalia a coleção que está hoje no Instituto?

HL - Ah, a coleção já foi muito mexida. Apesar do José Jurberg e o Orlando terem muito cuidado. Mas eu me lembro que logo depois que eu saí daqui apareceu um chileno, que até se dava muito comigo, falou com o diretor, foi lá na coleção, apanhou uma porção de bichos para ele. Coisas desse tipo.

PG - Levou os animais?

HL - É, e ainda falou comigo. Ainda outro dia desses eu recebi uma carta dele, de passagem por São Paulo. O sobrenome dele é Artigas. Ele veio aqui e apanhou uma porção de coisas para ele.

RG - Apanhou o que quis e ninguém...

HL - Apanhou o que ele quis. Quer dizer, a coleção está muito mexida. Alguma parte foi para São Paulo, e está muito bem lá.

PG - O que foi para São Paulo?

HL - Foram os acariptratos, microdípteros; o material mais interessante e o mais precíval que estava aí.

PG - Como este material foi para lá?

HL - Foi por empréstimo, mas está muito bem lá.

PG - E a coleção que restou aqui? Ele ainda tem uma importância?

HL - Bom, tem muita importância e ainda tem mais coisa. A coleção Costa Lima está aqui, essa é preciosíssima e está muito bem conservada. A coleção do Mangabeira se espalhou também. Ficou parte na Bahia. Fora essa tem a do Amilcar, em Belo Horizonte, uma coleção muito boa. A coleção de carrapatos do Aragão, feita neste laboratório, também é muito importante. A coleção do César Pinto também é importante. Quer dizer, essas coleções pequenas deviam ser bem preservadas.

WH - Tem a coleção do Fábio Werneck também.

HL - Epa! Essa então nem se fala.

WH - De que é?

HL - É só piolho. Piolhos e malófagos.

WH - E como é que se mede a importância de uma coleção?

HL - Pelo número de tipos, e pela conservação. O Werneck, quando morreu, deixou toda a coleção ou em lâminas - é que eterna - ou então o material está em álcool está fechado a lâmpada. Eles fecharam com maçarico e também está perfeita. Tudo classificado, tudo arrumado e com boa indicação de procedência.

PG - Existe algum cadastro publicado dessas coleções, algum guia que indique as coleções existentes nas instituições do Brasil?

HL - Não, não tem. A única coisa que está muito bem publicada, são os tipos de tabanídeos do Lutz, uma publicação feita pelo Frei Charles. Mas fora isso, não há. Não tem publicação.

PG - O senhor falou que a entomologia de Manguinhos tem nomes muitos nomes famosos, como o Costa Lima, o Travassos. Qual é a importância desse departamento frente a outros departamentos de Manguinhos?

HL - Olha, durante o tempo que estive em Manguinhos, eu achei muitos pontos altos aqui, que eram a fisiologia, a entomologia, a helmintologia, a microbiologia e a bioquímica. Eu acho que uma instituição não é obrigada a ter todos os laboratórios. Isso era uma idéia do Olympio da Fonseca. Olympio da Fonseca dizia assim: "Como é que se pode imaginar o Instituto Oswaldo Cruz sem microscópio eletrônico?" Então vamos comprar o microscópio eletrônico. Mas para que se vai comprar um microscópio eletrônico? "Ah! a gente vai precisar". Não é assim. Claro que se tem uma linha de pesquisa que precisa de um microscópio eletrônico ou de uma outra aparelhagem qualquer, eu acho que uma instituição que se preza tem que providenciar isso, se puder comprar; se não puder comprar arranja um jeito de mandar a pessoa trabalhar onde tiver o negócio. Tem que resolver. Agora, eu acho que nenhuma instituição do mundo tem que ser completa. Agora, o que a gente deve ter é a preocupação que em toda a atividade que terminou, ou que é interrompida - isso em ciências naturais é muito importante - é que as coleções e o acervo, trabalhos e tudo, tenham uma preservação, até que apareça uma nova pessoa para tornar a pegar. Como esse material do Werneck. O Werneck tinha a preocupação de morrer cedo. Ele fez duas operações, e na véspera da operação ele fazia como se fosse um testamento. Ele chamava cada um de nós e dizia: "Isso está assim, assim e assim". Quando ele morreu, foi a mesma coisa. Tudo estava em ordem, não tinha nada fora de ordem, quando ele saía do laboratório estava sempre tudo em ordem. Agora essa coleção está em condições de qualquer pessoa chegar e em dois ou três meses começar a trabalhar, se tiver um conhecimento básico de entomologia. Isso já é uma vantagem enorme, não é? Agora, eu soube uma vez que uma menina que estava cuidando da coleção do Werneck disse: "Ah! Atualizei os nomes todos". Eu senti um frio na espinha e disse: "Como atualizou? Como você podia atualizar os nomes?" Ele respondeu: "Ah! Pela monografia de um americano que apareceu aí". Eu falei: "E você sabe que a monografia do americano está certa e você pode mudar o nome do Werneck? Não pode mudar". Então, tem que ter essa preocupação. Isso é muito importante.

WH - E hoje aqui no Instituto não está sendo manipulada essa coleção?

HL - Eu penso que ela está preservada. Pelo menos o Orlando é muito caprichoso; aprendeu isso com o Costa Lima. Ele é muito caprichoso, não deixa a turma bulir. O que eu acho errado em toda instituição é que a instituição tem um quadro, então tem um dessa

categoria, outro daquela, outro daquela outra, um para isso, outro para aquilo. É claro que toda instituição tem que ter um quadro, mas não tem que haver a preocupação de preencher esses quadros, porque vai botar a pessoa errada no lugar, daí a três meses aparece o sujeito certo e o lugar está ocupado, compreende? Quer dizer, acho que a instituição científica não pode estar nos moldes de uma coisa burocrática que tem que ter tantos datilógrafos, tantos escriturários.

RG - De fato, vocês contavam com que tipo de auxiliares no seu laboratório, por exemplo?

HL - Bom, esses auxiliares são um capítulo à parte. E também há os auxiliares autodidatas. Por exemplo, o Mário Ventel fazia todo o serviço de necrópsia, tudo muito bem feito. Agora, houve um dia que o Travassos precisou de fotografias de livros e o Mário Ventel foi para lá com o Pinto, aprendeu fotografia durante muito tempo fez fotografia aqui. Quer dizer, a gente tinha esse auxiliar brasileiro...

RG - Polivalente.

HL - E que é sempre em potencial uma pessoa capaz de fazer. Então se tinha excelentes auxiliares, mas que viviam igual ao cavalo da igreja: estavam quase aprendendo a viver sem comer, e acabavam morrendo, porque não tinham condições. Agora, o que eu acho muito importante para os auxiliares é dar uma gratificação, um aumento conforme a capacidade, quer dizer, fazer o que se chama produtividade, mas não no sentido mal aplicado da palavra, mas de produtividade mesmo. Eu tinha dois auxiliares aqui: o Frutuoso e o Antônio Rosa. O Frutuoso ainda está lá. O Antônio Rosa está aposentado. Ele era pracinha, pôde se aposentar mais cedo. Mas eram duas pessoas que viviam trabalhando. O pessoal até me olhava com um pouco de inveja: "Como é que os teus auxiliares ficam trabalhando tanto?" Eu arranjava uma verba do Conselho de Pesquisa para pagar a eles, compreende? Agora, não é só você arranjar uma série de coisas, eles tinham tarefas. O Antônio Rosa, se acabasse de fazer o que eu tinha mandado ele fazer, sabia que tinha mais uma porção de outras coisas que eu tinha dito a ele: "Olha, quando você tiver tempo, você faz isso, faz aquilo". E o Frutuoso também. Em 1968, estive aqui durante nove meses um japonês, chamado Hokuro Kano, que veio trabalhar comigo. E então, quando a gente tinha qualquer dificuldade, ele falava naquela língua dele, trocava a língua: "Pede ao Frutuoso" (*risos*) Ele já tinha aprendido. Quer dizer, o Frutuoso resolvia. Uma droga qualquer, ele sabia qual era o laboratório que a gente podia pedir emprestado. Isso é que eu acho importante no auxiliar. O auxiliar tem que ter a noção do que a pessoa à qual ele está auxiliando, está sempre querendo que ele melhore, principalmente financeiramente. O Travassos, quando recebia dinheiro de excursão para ir à Saloba, Mato Grosso, a gente pegava um trem da Noroeste e ia. Eu nunca fui, mas o Herman foi, o Teixeira foi. Mas o Travassos tinha uma diária, que dividia irrimavelmente com os auxiliares. E ele dizia, com muita razão, assim: "Eu vou fazer uma coisa que vou utilizar; quer dizer, o material que eu vou apanhar vai servir para o meu trabalho, mas o auxiliar também vai apanhar material de trabalho para mim, não é? Então ele tem que ter pelo menos a mesma retribuição que eu tenho". E está certo isso!

PG - Desses auxiliares, quem ficou mais famoso assim foi o Venâncio, não é?

HL - O Venâncio era o mais famoso. A entomologia é a área onde tem mais técnica. Para fazer uma repicagem o sujeito precisa mesmo fazer, porque senão contamina aquilo tudo. Já para pegar o material de uma coleção helmintológica só tem que ter cuidado para o

vidro não cair e quebrar. Então é bem diferente. Agora, na fisiologia também havia aqueles auxiliares para aquelas preparações. Isaac e Manuel Adão eram dois auxiliares. Manuel suicidou-se. Isaac, eu nunca mais eu soube dele. Isaac era um sujeito meio escurinho, comprido. Tinha sido cabo de cavalaria no exército, era um sujeito muito engraçado. O Joaquim Venâncio era um pouco diferente, tinha mesmo uma coisa diferente dos outros. Ele tinha assim uma personalidade especial, era muito senhor de si. Você devia sempre pedir opinião dele, porque a opinião dele era importante, compreende? Já os outros, como auxiliares, parece que tinham um pouco de vício de fazer muita vontade. Joaquim Venâncio, não. Ele trabalhava com o Dr. Lutz, que era um homem que tinha um espírito forte. E, no entanto, ele era tão forte quanto o Lutz. Quer dizer, ele tinha sua opinião. Eu sei, porque o Venâncio morreu por uma descompensação cardíaca e durante alguns anos ele ficou praticamente de cama. Ele morreu numa casinha que tem aqui atrás e a senhora dele era uma senhora muito simpática. Um duas ou três vezes por semana, depois do almoço, eu passava lá para bater um papo com ele, e o que ele contava, as coisas do instituto que eu aprendi com ele era um negócio tremendo. E o modo dele encarar a vida, como ele compreendia cada pessoa! Ele dizia: "O senhor está enganado, não é assim, não". Tesourava um pouco, compreende? (*rindo*) Ele era o auxiliar diferente, era uma pessoa que tinha uma convicção muito arraigada, firme. Agora, as histórias do Joaquim são muito engraçadas. Não sei se eu já contei aquela que uma vez o Teixeira de Freitas pediu ao Joaquim para determinar um sapo. Já contei essa?

PG - Não. Pode falar.

HL - O Joaquim Venâncio entrou no laboratório e o Teixeira disse: "Joaquim, você quer determinar esse sapo para mim?" Joaquim olhou, virou, puxou, observou bem e disse assim: "Isso é tal". E deu o nome. Mas ele não escrevia; quer dizer, ele sabia ler e escrever mal. E o Teixeira - não sei se porque o Joaquim respondeu depressa - olhou assim para cara dele. O Joaquim não disse nada: é o tal negócio da personalidade. Daí uns 15 ou 20 minutos, ele chegou com uma revista alemã com a figura colorida do sapo e disse: "Pois é, Dr. Teixeira, veja se não é esse".

Fita 4 - Lado A

HL - Os anfíbios são facilmente reconhecidos pelo som. Eu não tenho muito bom ouvido, mas o Eugênio Hiuzecson, lá do quilômetro 47, muitas vezes eu fiz excursões noturnas com ele. É um professor da cadeira de zoologia lá... Ele identificava anfíbios. O Joaquim identificava também, ele tinha um ouvido muito bom. Agora, o Joaquim não era só isso, ele era mateiro mesmo. Ele nasceu no interior de Minas, foi o Chagas que o trouxe para cá. Então, um dia estava o Mário Ventel lá em Angra dos Reis na fazenda do Travassos, Fazenda da Japuiba. Nós íamos muito lá colecionar. Hoje já está cortada pela estrada de ferro. A casa ainda está lá, com aquelas paredes e tal, aquela casa de fazenda. Então, o Mário Ventel estava lá de noite quando ouviu alguém bater na porta. Chovia muito, com trovoadas. Era o Joaquim Venâncio com o Dr. Lobo, aqui do hospital, nas costas. O Dr. Lobo era um homem forte, meio gordo. Ele pegou no meio do caminho, e o Joaquim o botou nas costas e veio andando. Era um homem muito robusto.

WH - Ele carregava o Dr. Lutz nas costas?

HL - Pegou o Lobo, botou nas costas e foi.

WH - E o Dr. Lutz também.

HL - Ah! O Lutz era magrinho, era muito fácil

WH - E esses auxiliares, Dr. Hugo, iam trabalhar no laboratório por que meios?

HL - Eles tinham um ordenado, mas os ordenados geralmente eram muito ruins. E muitos esses que eu estou falando aqui, depois, com um certo tempo, iam trabalhar de noite, de tarde em laboratório de análises. O Emanuel Bambo ia trabalhar em laboratório de análise. Esses que trabalhavam na bioquímica, na fisiologia e na microbiologia ainda se defendiam um pouco, mas Mário Ventel, foi um que não. Passou a vida toda com dificuldade financeira. Depois, quando casou, casou muito tarde com uma mulher de quem se separou logo e ficou com dois filhos. Era uma luta. É um negócio penoso mesmo, sabe? Quer dizer, o importante desse pessoal auxiliar é que, como dizia o Travassos nas excursões: “A gente tem que ganhar bem porque é aqui, a gente tem que retribuir aqui. Que o cientista receba mal, não faz mal, ele está fazendo nome. Ele está ganhando muito mal agora, mas se ele está trabalhando, dentro de pouco tempo podem convidá-lo para um lugar dez vezes melhor. Já o auxiliar, não. O auxiliar é aquilo, tem que ser retribuído pelo que ele faz”.

WH - Esses auxiliares também recebiam pela verba da manqueira?

HL - Alguns recebiam só da manqueira, mas muitas vezes eles tinham gratificação. A manqueira foi uma salvação!

WH - Como é que terminou essa verba?

HL - Bom, a manqueira terminou de uma maneira muito engraçada, muito desagradável. Num dado momento o Ministério da Agricultura fez um decreto: só o Ministério da Agricultura podia produzir produto veterinário. Então, o Instituto não pode mais produzir a vacina de manqueira. E o que aconteceu? O diretor chamou o Godoy e o Machado e disse a eles: "Vocês tratem de levar isso. Aqui nós não podemos produzir". E eles enriqueceram. Ficaram ricos.

PG - Quem?

RG - Os inventores?

HL - Bem ricos. Muito honestamente, ficaram ricos. Os descendentes do Godoy e do Machado devem estar cheio da grana por causa da vacina da manqueira.

WH - E com o fim dessa verba, como é que ficou o Instituto?

HL - Ah, a verba desapareceu no dia em que não puderam mais fabricar a vacina.

WH - E como é que ficou o Instituto?

PG - A patente era do Godoy ou ela estava vinculada ao Instituto?

HL - Não. Não havia aqui nada dessas coisas. Era um negócio pacífico, que uma

descoberta do Instituto devia ser explorada pelo Instituto. Naquele tempo não se pensava de outra maneira. E eles só foram explorar quando o Instituto não pode mais explorar. O que eles iam fazer?

WH - Mas eles tinham a patente registrada?

HL - Deviam ter, é claro. O próprio Instituto tinha a patente da vacina, mas não podia mais produzir.

RG - Isso tudo ocorreu na época do Estado Novo, não é? Acho que é o Lent que falou numa entrevista que foi o Gustavo Capanema que fez esse decreto. Quer dizer, imagino que não houve possibilidade de recorrer. Não haveria uma chance, da direção do Instituto fazer alguma coisa.

HL - Pois é. Já pensou se hoje, com a organização que o Instituto tem, houvesse coisas desse tipo? Talvez o Instituto pudesse se manter sozinho com essas coisas. Aliás, quando eu me lembro que o Mangabeira, quando fez o Instituto de Saúde Pública da Bahia, tinha na organização essas coisas. Ele pretendia que o Instituto se valesse futuramente das próprias verbas de produção. Aí, começou a querer fazer produção em tudo, fazia inclusive coisas de laboratório.

RG - Qual é esse Mangabeira de quem o senhor fala?

HL - O Otávio Mangabeira.

RG - Esse é o Mangabeira filho ou é o pai?

HL - O filho. O pai era o governador da Bahia por esse tempo. Então, eles reviveram o tal Instituto de Saúde Pública que havia lá e o Mangabeira fez, na organização, uma coisa desse tipo, que o Instituto tem uma seção de produção, para agüentar a parte científica.

RG - Você tinha vínculo com ele porque ele tinha trabalhado aqui em Manguinhos?

HL - Não. Mangabeira foi funcionário daqui até morrer. E nós nos dávamos muito, éramos muito chegados. Nós íamos dar cursos na Bahia: eu, o Travassos, o Herman e vários outros daqui. De forma que isso é uma coisa interessante numa instituição. Que haja uma possibilidade de fabricar dinheiro.

PG - Então o senhor não vê isso como uma coisa contraditória à questão da pesquisa científica?

HL - Não, pelo contrário. Eu acho que a única coisa que atrapalha a pesquisa científica é a pesquisa dirigida, como o Instituto teve aqui por muito tempo. Quer dizer, só se pode trabalhar em assuntos que tem interesse médico. Isso está errado. Você vai trabalhar onde achar melhor, onde tiver condições de trabalhar. Agora, vai se preocupar sempre em fazer uma pesquisa que possa ser aplicada. Toda vez que você fizer uma pesquisa veja qual é a aplicação que pode ter aquela pesquisa; isso já é outra história, não é? Eu acho que isso é muito importante.

PG - E como é que o senhor vê a relação dessa área, que é uma área de pesquisa básica,

com a atuação do Instituto na área de saúde pública? O Instituto sempre teve essas três vertentes: ciência básica, formação e atuação na área de saúde pública.

HL - Eu acho que uma coisa completa a outra, não acha?

PG - O senhor vê possível essa integração?

HL - Ainda um dia desses eu estava recebendo um trabalho feito no Uruguai, até mimeografado, de um pessoal pobre, uma revista pobre, com um estudo completo sobre as poças perenes, que são tão importantes no estudo dos (*inaudível*).

RG - São importantes para onde?

HL - Um levantamento completo, com tudo: crustáceos, protozoários, com a vegetação toda. Isso é importante. Isso é que eu estou dizendo. Agora, o Olympio cismou de botar um assessor de botânica aqui. Não tem que ter assessor de botânica aqui. O pessoal que trabalha pode-se valer dos botânicos. E se um dia alguém quiser estudar botânica ligada a atuantes que vivem nas poças, esse tipo de coisas, melhor ainda. Compreende o que eu quero dizer? Eu acho que a pesquisa deve ser completamente aberta, deve ter planejamento. Agora, como é que nós vamos fazer? Num país como o Brasil, isso é problema de quem está trabalhando, mais do que quem está dirigindo.

WH - Na entomologia existia também um chefe de seção, existia também um chefe de divisão. Eles tinham alguma participação nessa definição de linhas de pesquisa?

HL - Tinham pouco. O que aconteceu sempre no Instituto foram uma chefia muito natural. Geralmente o chefe da divisão tinha uma influência muito grande em todos os outros pesquisadores da divisão. Depois de um certo tempo, o pessoal mais antigo foi se aposentando, já mudou mais um pouco. Mas de um modo geral, o chefe da divisão tinha importância, tinha uma ascendência grande sobre os outros e isso dava uma orientação. Agora, nunca se planejou muito, nunca se teve assim um planejamento. Estivessem trabalhando no que estava se trabalhando.

WH - E esses chefes eram definidos por quem? Quem é que nomeava os chefes de divisão, de seção?

HL - Bom. De um modo geral, o pessoal mais chegado era quem estava mais disposto, porque ninguém queria ser chefe. (*rindo*) E depois, com gratificações muito pequenas sempre, pela gratificação ninguém queria ser chefe. Agora, conosco aqui, o Herman era o chefe da divisão. Eu fui chefe de seção muito tempo, apesar de não gostar nada disso. Certo dia o Amilcar pediu: "Ah, você não quer tomar conta do curso lá?" Eu falei: "Eu? Tomar conta do curso?" E fiquei ali. Bom, aí tinha uma experiência grande porque era professor a vida toda. Depois, arranjei bons auxiliares. Aliás, eu acho que em toda seção o importante é ter gente que trabalhe. Lá no curso eu tinha uns auxiliares muito bons.

PG - O senhor falou no curso e tinha comentado antes que muita gente passou pelo curso, apesar de alguns deles terem depois...

HL - De alguns nunca terem feito o curso. O Herman e o Teixeira fizeram o curso. E era importante; naquele tempo não se entrava para o Instituto sem ter feito o curso. Até

aconteceu uma coisa muito engraçada. O concurso do Instituto estava aberto e tinha um rapaz lá no quilômetro que ainda não tinha se formado. Era estudante de agronomia, e estava com umas linhas de pesquisa muito boas. Era um sujeito muito capaz, chamado Marcos Kogel. E eu tanto fiz que o Marcos veio se inscrever; no curso não precisava nem ser formado. É outra coisa também que eu acho muito importante. Essas limitações não são boas, porque se uma pessoa que não é formada não tem condições, a gente vê logo no concurso. Quer dizer, é preciso ter a coragem de botar gente no concurso que saiba selecionar e que possa dizer: "Você não serve por isso, por isso, por aquilo". Não acha? Quer dizer, eu acho que nas instituições científicas a gente deve lutar para não ter os moldes dessas coisas muito fixadas.

PG - Mas o senhor falou e é uma coisa conhecida, que o número de alunos que passou pelo curso foi muito pequeno. Compensou? Quer dizer, qual a avaliação que o senhor faz depois do Curso de Aplicação?

HL - Mas o curso não era muito pequeno, tinha muita gente. Todo ano tinha uma turma grande. É que muitos não ficavam aqui, a maior parte era o pessoal da saúde pública. Eu mesmo tive um concunhado que fez o concurso. Da primeira turma de saúde pública ele era um dos alunos. E tinha feito curso aqui. Só podia fazer curso de saúde pública quem tinha feito curso aqui, aquele curso básico de aplicação. Mas aqui fez muita gente, sim. Tem muita gente que estava aqui no Instituto que não fez o curso, é claro.

PG - Em média tinha quantos alunos por turma?

HL - Ah, em torno de 20. Era um pouco limitado. Antigamente cada um trazia o seu microscópio. No tempo do Oswaldo Cruz era assim, cada um trazendo o seu microscópio. Isso era curso para rico. Faziam de propósito.

RG - É tinha que ter tudo. Como era o estudante de ciência como é que o senhor caracterizaria esses estudantes de ciências? Era uma pessoa que vinha em geral de uma situação de classe privilegiada?

HL - É claro, sem dúvida.

RG - Era para quem podia se dedicar, não é?

HL - É. O próprio estudo universitário antigamente ainda se fazia com privilegiados. Hoje é que a gente já vê o camarada estudando de noite para trabalhar de dia, ou trabalhando de noite, para estudar de dia. Pelo menos eu vejo isto lá na Santa Úrsula, muita gente pensa que a Santa Úrsula só tem alunos de boa situação financeira, quando não é assim. Hoje em dia está todo mundo proletarizado. A classe média ficou proletarizada logo, a primeira coisa que eles arrumaram aí foi isso.

PG - Mas o senhor falou do concurso, e o senhor passou 20 anos trabalhando no Instituto sem ser do Instituto, não é isso? Por que?

HL - Porque eu tinha um ordenado. E primeiro, não se podia acumular, então eu só podia ter um lugar. Eu tinha um lugar razoavelmente remunerado que era o lugar de professor catedrático lá da Rural. Então, o laboratório do Instituto era muito favorável para isso. Quer dizer, isso foi uma vantagem louca, não foi desvantagem, só foi vantagem.

RG - E o senhor se sentia igualmente bem fazendo pesquisa e ando aula?

HL - Ah, bom. Eu acho que toda pessoa que faz pesquisa mesmo, que conhece bem o assunto, tem facilidade de dar aula, não acha?

RG - Tem pessoas que não gostam de trabalhar com alunos.

HL - Ah, não! Eu conheci, por exemplo, um que eu aqui ainda agora, o Cincinato Gonçalves, que era um entomologista muito bom, dos melhores que já houve. Morreu há pouco tempo com problemas cardíacos. Mas ele não tinha capacidade de expressão e foi um dos melhores professores que já vi. Ele substituiu o Costa Lima na entomologia lá na Universidade Rural. Ele foi um professor à altura do Costa Lima, porque compensava aquela dificuldade de expressão com as demonstrações práticas. Ficava muitas vezes até às 22:00 horas com o pessoal trabalhando com ele então, os alunos trabalhavam. Já que ele tinha essa dificuldade de comunicar para todo mundo, ele comunicava a um por um, o que é melhor, não é? Eu acho que o pesquisador pode não gostar de dar uma aula de falação, conferência, mas das aulas práticas eu acho que pode. O importante é saber.

WH - É a relação entre a universidade e a pesquisa, por exemplo?

HL - Bom. Eu acho que o mal do Instituto é não ter contato direto com estudantes. O Instituto devia estar engajado, devia ter convênio com as universidades, qualquer que fosse ela, para dar aula de graduação.

PG - Com destino à formação?

HL - À formação.

WH - Isso não prejudicaria?

HL - Só adianta pegar para pesquisa estudante novo, estudante que ainda não está viciado. Porque senão eles querem é bolsa, não querem trabalhar. A diferença é muito grande, entende? O professor tem que convidar; o aluno não tem que pedir a bolsa, o professor tem que ter um tal contato com os alunos, que ele possa convidar o aluno para vir trabalhar com ele.

WH - Agora, tem muitos pesquisadores que acham que a atividade do professor prejudica a atividade de pesquisador.

HL - Bom. Prejudica se ele ficar dando aula a vida toda. Mas a mim nunca prejudicou, porque eu tinha três ou duas aulas por semana. E geralmente não eram duas aulas: duas tardes, ou uma tarde e uma manhã, o que pode prejudicar? Pelo contrário, não prejudica nada.

PG - Quando é que o senhor começou a sentir que Manguinhos estava caindo? Que as coisas não estavam andando bem?

HL - Olha, desde que eu vim para cá a gente tinha essa sensação, compreende? Porque o Instituto tinha sido qualquer coisa de muito importante, muito mais importante do que

era. Agora, não se sentia muito porque certas especialidades estavam sempre bem. A helmintologia, a produção do Travassos, a produção do Teixeira, a produção do Herman, estavam sempre bem. A fisiologia estava sempre bem, a microbiologia estava sempre bem, a bioquímica estava sempre bem. Agora, todo o Instituto, de um modo geral, como era no tempo do Oswaldo Cruz, que foi fabricado para ter uma função, isso estava sempre caindo, eu acho. Mas acho que devia cair mesmo, já tinha tido a sua função e estava no declínio natural, biológico, sendo substituído por outros institutozinhos, como o Instituto de Helmintologia, o Instituto de Fisiologia, compreende? Manguinhos já estava sendo substituído por essa instituição didata. Acho que era muito natural isso. Eu não entendo de sociologia como gostaria de entender, mas tenho a impressão que a gente não deve ficar chateado por uma coisa ter acontecido. A gente deve estar verificando que uma coisa está acontecendo, vendo as razões. E não impedir que essas coisas aconteçam.

PG - Mas não houve aí uma incapacidade de redescobrir outras áreas em que o Instituto pudesse se manter atuante?

HL - Não. Porque a instituição isolada para trabalho científico, praticamente é muito raro, existem poucas instituições assim. O que acontece na realidade é a substituição da instituição pela universidade. E o que é uma universidade? Universidade é uma série de disciplinas, umas crescem mais, outras crescem menos e as que crescem suficientemente formam seus institutos. Isso é que é a pesquisa científica, é assim. Isso é constatado em toda a parte do mundo. Acho que tanto nos países socialistas como nos países capitalistas é a mesma coisa. É ajudar aquela parte que está crescendo. Agora, a permanência de um instituto do tipo do Instituto Oswaldo Cruz, eu acho que é muito importante, que não se pode deixar de fazer; a gente tem que planejar. E essa coisa, por exemplo, de se valer a si próprio numa atividade remunerada, acho isso muito importante. Agora, da mesma forma que um professor pode ajudar no ensino, pode ajudar na produção. Se bota na produção uma pessoa que não tem um conhecimento básico profundo, a produção também não vai bem.

PG - O senhor disse que desde que chegou a coisa vinha caindo. Agora, na última entrevista o senhor comentou que, durante a época do Vargas, a repressão era grande e o senhor tinha um cuidado muito especial.

HL - Eu sempre discuti muito isso com o Travassos. Nós conversávamos muito. O Travassos sempre me ouvia muito e a opinião dele para mim sempre foi uma coisa muito importante, principalmente por causa da experiência que ele tinha das coisas e da honestidade que ele sempre teve. Nunca percebi que o Travassos tivesse um deslize, quer dizer, uma segunda intenção. Eu gosto muito das pessoas assim, acho que se todas as pessoas fossem assim, piores ou melhores, mais importantes ou menos importantes, a vida seria outra coisa. Então, eu discutia muito isso com o Travassos. Aliás, o Herman teve uma vez essa expressão: "O senhor está feito o avestruz metendo a cabeça na areia. Não pode meter a cabeça na areia, tem que enfrentar". O que aconteceu conosco foi muito bom, nós não nos safamos direitinho? E o Instituto já estava mesmo assim, não tinha outra chance.

PG - E o que o Travassos dizia?

HL - O Travassos sempre teve essa preocupação de estar numa posição neutra. E a gente não pode estar. Já o Garcia Lorca dizia: "Até as pedras fazem política". Porque a gente

tem que ser menos ainda que uma pedra? Não pode, não é

RG - Mas quando o senhor diz que não sabe se valia a pena, que coisas o Travassos deixou de fazer para se projetar, por exemplo?

HL - Olha, essas coisas a gente não pode assegurar, mas pelo que eu conhecia do Travassos, pela liberalidade que ele era, pela honestidade que ele tinha, certas atitudes suas de dar razão a certas coisas de ditaduras dizendo: "Ah, é assim mesmo" e tal, e comentar que tem que fazer senão isso vira bagunça... Não era disso. Ele justificava muito as coisas.

PG - E como é que isso afetava o Instituto? O Governo Vargas, de alguma forma, como repercutiu aqui.

HL - Ah, o Governo Vargas tinha certas coisas, mas o pessoal do Instituto sempre teve muita influência. Não sei se souberam do fato da dona Darci. Ela vinha de Petrópolis e caiu uma pedra no automóvel em que ela viajava. E ela teve uma perna que ia ser amputada, quando o patologista daqui, não deixou amputar a perna: "Não, não senhor. Que amputar coisa nenhuma". Então diziam que a perna da dona Darci era o braço direito do Instituto. (*risos*) Quer dizer, o Instituto sempre teve uma certa influência, mesmo no tempo do Getúlio.

PG - Mantinha essa influência?

HL - Mantinha uma certa influência, porque tinha gente importante aqui, gente que ele considerava. Então, o Instituto sempre teve boas verbas, nunca pode se queixar disso. Agora, na realidade, uma transformação funcional uma melhoria, um aumento de quadro, quer dizer, uma possibilidade de botar mais gente bem colocada, com concurso, isso sempre foi difícil. Houve concurso do DASP aqui. Isso é um absurdo! Como também houve no Museu concurso do DASP. Isso é um atraso de vida, botar uma repartição burocrática para escolher, para fazer concurso. Essa história do DASP foi muito engraçada. Isso foi no concurso daqui do Museu e eu sei porque eu e Frei Borgmeier fizemos parte da banca do Museu. Então, estava um daqueles nordestinos, - aliás, um rapaz muito simpático, inteligente como geralmente são os nordestinos - e ele tinha sugestões para fazer o tal concurso. Então, uma hora lá, ele me disse assim: "Pois é, eu queria a sugestão do Dr. Miguel Osório, mas ele não deu. Ele fez malcriação". Eu disse: "Pior para você". Porque qualquer sugestão do Dr. Miguel era muito importante para fazer o concurso, compreende? Ele tinha essa mentalidade. Então, o Dr. Miguel Osório não colaborou porque achou que era desaforo fazer concurso no Museu. O Dr. Miguel tinha ligação na França e nesses países civilizados onde nunca houve esse concurso. O sujeito é convidado, porque lá tem opinião pública. Aqui, o governo não pode convidar uma pessoa para ocupar um cargo, porque todo mundo vai dizer que é filhotismo. Já num país civilizado, quando o governo convida uma pessoa para ocupar um cargo é porque essa pessoa merece, porque tem opinião pública. Se o governo fizer errado, então vem o jornal em cima, não é? É diferente. E naturalmente foi por isso que ele disse que estava contra o concurso, por isso fez malcriação, não quis colaborar.

RG - Mas o senhor falou que conheceu bastante bem o Dr. Miguel, que vocês conviviam. Mas ele me parece que era uma pessoa um pouco fechada, não é?

HL - Não! O Dr. Miguel não era uma pessoa fechada. Pelo contrário. O Dr. Miguel Osório era uma pessoa muito aberta, muito franca, muito amável, dava muita importância às pessoas com quem ele lidava. O que podia parecer talvez é porque ele era uma pessoa assim muito polida, muito bem educada. Mas depois, com uma certa intimidade, ele era uma conversa especial. O tempo que nós deixávamos de trabalhar conversando com o Dr. Miguel... Também outra coisa importante é que o americano chegava para trabalhar e trabalhava. O latino não vai trabalhar, assim, a gente tem que conversar, ter o *dolce far niente* é o mais importante que tudo! Se não tiver aquilo, não vai. Já o anglo-saxão tem aquela disciplina, mas é muito de fase. Tem aquela hora de interromper para conversar, mas nós não temos esses casos. Aqui, deu vontade de conversar, a gente conversa mesmo, não é?

WH - E o que conversavam além de discutir sobre os trabalhos? Quais eram os assuntos?

HL - Ah, o Dr. Miguel tinha interesse em tudo; em literatura, em tudo. Ele tinha uma gama de interesses enorme. Ele era músico - ele e a mulher - tocavam piano, conheciam muito sobre música.

PG - O senhor falou que a perna da dona Darci...

HL - Foi o braço direito do Instituto.

PG - E eu já tinha uma versão que outra pessoa que também teve uma postura de evitar que a perna fosse amputada e assumiu a responsabilidade por isso, que foi o Pedro Ernesto, teria se fortalecido com o Getúlio.

HL - Também.

Fita 4 - Lado B

PG - Então, o Pedro Ernesto teria intervindo, dizendo que assumia a responsabilidade sobre isso. Depois, o Pedro Ernesto vai ser preso por Vargas e demitido da prefeitura.

HL - Ah, sim. É verdade.

PG - O senhor acompanhou essa época de 30 até 37, o período do Pedro Ernesto? Porque me despertou a curiosidade o seguinte: esta foi uma época extremamente importante para a organização da ciência médica no Rio de Janeiro e eu gostaria de saber se isso, de alguma forma, repercutiu em Manguinhos. Como é que se dava essa relação entre a área de saúde pública e a ciência médica?

HL - Não. Eu acho que não repercutiu. Manguinhos só não tinha a possibilidade de fazer coisas diferentes, compreendeu? Entrava no ramerrão. Não havia nem chance, com o Congresso fechado, com o Congresso de vaquinha de presépio, não adiantava fazer nada, fazer uma mudança, qualquer coisa. Agora, o caso do Getúlio com o Pedro Ernesto, eu tenho a impressão que o Getúlio não podia ver ninguém crescendo em popularidade, que aquilo era uma autodefesa. Pouca gente foi tão popular como o Pedro Ernesto. Primeiro, sendo médico e sendo um realizador, como ele era, estava a um passo para substituir o Getúlio e o Getúlio não queria, não tenha dúvida disso. (*rindo*) Acho que foi por isso que o Pedro Ernesto não foi... Agora, Getúlio era um caudilho, não é? Mas eu não sei se estou

dando a idéia que vocês estão querendo do Instituto.

RG - Mas a gente quer saber de tudo.

WH - Justamente o que nós queremos é a idéia que o senhor tem do Instituto.

HL - Vocês querem os subsídios para fazer uma idéia de como era o Instituto?

WH - É exatamente isso.

RG - E já está dando, mais do que suficientes.

HL - Eu acho que o Instituto era pequeno. O grande mal de todas essas coisas que acontecem conosco está no grande número. Quando eu vim para cá, o Instituto tinha 40 técnicos graduados; em pouco tempo passou a 400. Então, se caçoava que o Dr. Olympio da Fonseca, todo sujeito que passava na rua ele mandava entrar. (*risos*). E era mais ou menos assim. Mas isso é que é o mal, porque numa instituição qualquer e não precisa ser só numa instituição, qualquer grupamento é bom, quando tem uma parte significativa que é boa. A gente vê em uma turma de estudantes - uma turma de 30 ou até 40 alunos - se tem uns dez ou 12 que levam à sério, os outros ficam com vergonha de não levar à sério. Mas se tem um número significativo de vagabundos, de moleques e tal, a turma vira uma turma de moleques. Quer dizer, os bons ficam em minoria e não aparecem. No Instituto é a mesma coisa. O importante é botar gente séria. E não é preciso ser gente boa, não precisa ser gente brilhante, com prêmio Nobel. O importante numa instituição científica é ter gente séria, que faz o seu trabalho - por mais modesto que seja, desde o servente até o graduado - com honestidade. Isso é que é tudo. Gente que tem preparo para fazer esse trabalho. E o mal do Instituto foi exatamente esse. Começaram a aparecer uma porção de pessoas, gente muito boa, tinha grandes amigos aqui. A única dificuldade deles é estarem deslocados. Eles podiam estar brilhando em outros assuntos, em outras coisas, compreende? Não é que o sujeito seja incapaz, mas às vezes o sujeito é muito capaz, mas não é capaz naquele lugar, não está escolhido para o lugar certo.

PG - E quando é que começa essa "inchação" de Manguinhos?

HL - Bom, sempre houve um pouco. No começo só entrava aqui quem o Oswaldo Cruz queria. Era uma outra instituição, com um pequeno grupo e sempre foi assim em toda a parte. Agora, depois disso, começou o pistolão de deputados a influenciar. Aí é que começou, mas começou em toda a parte, não foi só no Instituto. Era em São Paulo, era em toda a parte. Quanta gente entrou!

PG - Mas é sabido que o Oswaldo Cruz tinha algum prestígio e tinha uma maneira muito particular de encarar isso. Ele rejeitava essas pressões externas.

HL - Pois é.

PG - E o jogo das ditaduras, como é que era com o Carlos Chagas?

HL - Olha, o Carlos Chagas acho que era muito mais político que o Oswaldo Cruz. Cedia um pouco mais na coisa política, porque era mineiro. (*risos*) O Oswaldo Cruz era paulista e o Chagas era mineiro. De forma que eu acho que todas as coisas são como são, não tem

nada da gente ser contra nem a favor daquilo. As coisas são como são, não é? E eu acho até que o Chagas foi bom diretor, apesar de que o Travassos não tinha muita afinidade com ele. Mas ele representava, eu acho. Só ficou ruim com esse Xavier que não representava nada. Há pouco tempo nomearam um diretor para o Museu Nacional, que o Aristides Leão me disse assim: "Isso parece um escárnio à uma instituição". Pois a nomeação do Xavier aqui era um escárnio!

WH - E como é que ele conseguiu ser nomeado?

HL - Foi aquele nordestino, que foi presidente interino. Como é que se chama?

RG - Café Filho?

HL - Exato! Foi o Café Filho que botou. E o Xavier só saiu porque o pessoal entregou uma carta direta ao Juscelino. Sabiam disso? O Juscelino veio visitar o Instituto, então eles entregaram uma carta ao Juscelino, dizendo que se ele queria saber se era verdade, perguntasse ao Amilcar, que era seu compadre. E o Juscelino, que era aquele brilho todo - eu sempre fui muito fã do Juscelino porque ele era um homem realizador e inteligente - perguntou ao Amilcar e ofereceu-lhe o cargo. Amilcar recusou: "Eu não quero ser diretor coisa nenhuma. Você deixa eu recusar?" Mas tanto nós fizemos daqui, que ele aceitou ser diretor. Acho que é assim. O diretor é bom quando o sujeito não quer ser diretor. Eu nunca vi um sujeito que cavasse para ser diretor que fosse um diretor bom.

PG - Mas existiam estilos diferentes com conseqüências sobre a pesquisa do Instituto. Como o senhor compararia essas gestões?

HL - Ah! Eu acho o seguinte: o Carlos Chagas era uma pessoa à altura de ser diretor do Instituto, isso não tem a menor dúvida, é ponto pacífico. Agora, se ele tinha capacidade... As coisas que se contam do Chagas é que ele tinha um inconveniente grande para dirigir a instituição. Ele tinha uns repentes, ficava irritado quando você fazia uma coisa mal feita. Todos nós ficamos, mas o bom administrador, por mais irritado que fique, nem deve deixar perceber isso. Então, o Chagas suspendia logo por 15 dias; não dava advertência, não suspendia por dois dias, suspendia logo por 15 dias. (*rindo*) E tinha o coração dele que estava aí, não é? Quando o sujeito voltava dos 15 dias, ia lá: "Dr. Chagas, como é que eu fazer com a minha família, como eu vou dar comida para ela?" Ele aí abonava. Então, em vez de suspensão, o sujeito tinha um abono de férias, compreende? Isso foi muito importante. Agora, eu também seria assim. Talvez não fosse violento, porque não sou uma pessoa violenta, mas eu não poderia compreender tirar o ponto de uma pessoa fazendo com que a família vá passar fome. Devia haver outra maneira de punir a pessoa, que não a de fazer a família passar fome.

PG - Agora, isso acontecia com funcionários subalternos, não é? E com os cientistas, como era a relação?

HL - Ah! Tenho a impressão de que ele era muito amável. Aliás todos eles.

WH - Havia muito respeito entre todo mundo e o Chagas?

HL - Ah, havia bastante, sim. O pessoal aqui sempre teve; mesmo aqueles que não se gostavam, sempre tinham um modo de encarar, um modo de vida.

WH - Mas havia discordâncias em relação a alguns?

HL - Sim. Uma discussão, uma discordância.

WH - Que tipo de discordâncias, por exemplo?

HL - Mais discordâncias no ponto de vista científico, do trabalho, nunca uma coisa mais ligada à administração.

PG - O Chagas teve uma polêmica externa muito grande com relação ao reconhecimento do achado dele na faculdade. Internamente não houve nada disso, quer dizer, havia um reconhecimento?

HL - Não. Eu acho que todos compreenderam que a descoberta do Chagas era uma coisa muito importante. Pelo menos que eu me lembre, por exemplo, o Magarinos Torres, logo depois fez um trabalho lindíssimo sobre a patologia. É um apoio, não é? Nunca percebi assim uma inveja. De maneira nenhuma. Nem um inimigo - que ele nunca teve - nem inveja do trabalho. Nunca percebi. Mesmo entre aqueles que não tinham muita capacidade de trabalho, havia um certo princípio, sabe?

PG - O senhor conheceu o Maurício Pedreiras?

HL - Conheci, ele foi meu professor na Escola de Veterinária. Era um sujeito brilhante, o Maurício Pedreira. Mas a aula dele era de patologia geral, um negócio que não existe mais, hoje em dia não se compreenderia uma coisa dessas. Mas era um sujeito brilhante. Dava boas aulas.

PG - Mas o senhor não acompanhou nenhum tipo de polêmica entre o Maurício Pedreiras e o Chagas?

HL - Não! Se houve, eu não soube. É possível que tenha havido, mas eu não estava aqui.

RG - Mas é bem provável que, se o senhor não ouviu falar, não fosse uma coisa extremamente importante no meio científico, não é?

HL - Ah, não. Podia ser sim.

RG - A não ser que o senhor fosse muito jovem, talvez ainda não participasse da comunidade.

HL - Era muito no começo. Quando eu vim para cá já não se falava mais em descoberta do Chagas. A gente via muito a repercussão dos trabalhos que eram feitos sobre a doença de Chagas.

PG - E o senhor também não percebeu nenhuma mudança, depois que surgiu o Governo Vargas, da relação do Chagas com o governo?

HL - Não. Mas eu tenho a impressão que o Chagas sempre teve muito prestígio.

WH - Mas o fato dele ser uma pessoa muito política, influenciou os rumos que ele deu ao Instituto em relação à política do governo? Por exemplo, é nessa época que o Instituto passou a ser do âmbito do Ministério da Saúde. Como é que isso se refletiu aqui dentro, entre os cientistas?

HL - Eu tenho a impressão de que não havia muita repercussão. Não senti muito isso. Pode ser que tenha tido, mas isso já tem tanto tempo... Não tenho idéia de como repercutiu. O Chagas morreu em que época?

PG - Em 1934.

HL - Então, foram por três anos só que eu estive aqui com o Chagas. Não dá para muita coisa. Agora, quem teve uma influência muito grande aqui, que a gente não falou ainda, foi o filho do Chagas, o Evandro Chagas. Esse era excepcional. Se aquele homem não tivesse morrido tão cedo, o Instituto seria completamente diferente do que é hoje.

PG - Por quê?

HL - Porque ele era um homem de uma atividade enorme. Botava todo mundo para trabalhar! Tinha uma capacidade de trabalho incrível. Depois era uma simpatia, o Carlinhos é muito simpático, mas o Evandro, multiplica por dez a simpatia do Carlinhos e ainda fica devendo. Ele tinha muitas idéias, juntava todo mundo, botava todo mundo para trabalhar. Pegava um grupo de oito, dez jovens aí, botava numa ilha daquelas no Amazonas para fazer pesquisa. A pessoa passava a semana toda. Ou então passava do dia, chegava no sábado levava o pessoal direto para o Pará. Era incrível! Ele tinha uma capacidade tremenda. Quando cheguei, lá estavam o Mangabeira, o Lobato, o Leoberto Ferreira. Conhece o Leoberto Ferreira?

PG - Leoberto Castro Ferreira?

HL - É. Quem mais? Tinha o Carlos Lima - os dois Lima, esse e o outro. Quer dizer, o Evandro botou toda a cambada para trabalhar. Então, ele fazia aquela gente trabalhar e trabalhava-se mesmo, com prazer enorme, compreende? Quer dizer, foi uma pena aquele desastre com o Evandro Chagas. Ele morreu num avião. Um aviãozinho bateu no avião dele, que caiu. Isso foi uma pena. Se o Evandro estivesse vivo, o Instituto - aí sim - tinha uma visão de...

PG - Qual era a visão do Evandro para o futuro do Instituto? Ele tinha uma diretiva?

HL - Acho que ele nem pensava. Evandro só trabalhava, nem pensava no futuro. (*rindo*) Não dava tempo, estava sempre trabalhando. Virava a biblioteca, via um troço e vinha para cá e carregava para lá. Corria tudo.

RG - Então o senhor em parte pensa que o que faltou ao Instituto não foi um projeto de modelo acadêmico, e sim uma pessoa dinâmica?

HL - Ah, não. O Evandro faltou. O Instituto ia muito bem na fisiologia. Repare que nada disso é de interesse médico direto: a fisiologia, a bioquímica, a microbiologia teórica, microbiologia especulativa, todas essas coisas cresceram. Mas com o Evandro teria crescido a parte médica, a parte de epidemiologia, o estudo de doenças tropicais, que seria

e sempre foi uma coisa muito importante para o Instituto.

PG - O Leoberto também se refere a essa tentativa de criar um departamento de grandes endemias.

HL - Tinha um departamento de grandes endemias.

PG - Mas depois a coisa não vai adiante.

HL - Pois é, esse departamento de grandes endemias é que teria sido a atividade do Evandro. Isso é que eu acho: faltou uma pessoa com a desenvoltura do Evandro. Porque o importante no administrador não é trabalhar, é botar todo mundo para trabalhar, não é?

PG - Certo. Então o senhor acha que com o Evandro o ramo da saúde pública teria se desenvolvido?

HL - Ah, teria sido uma beleza. Se o Evandro tivesse 30 anos de atividade, isso seria completamente diferente, o Instituto seria completamente diferente. Isso eu tenho certeza. Diferente por isso: porque além de todas essas coisas que o Instituto tem desenvolvido, teria mais essa parte que era a parte importantíssima, não é?

PG - O senhor me faz só um depoimento. O senhor disse que ele era uma pessoa muito simpática, mas também tem o outro lado que as pessoas falam muito do toque de *bon vivant*, das farras que aconteciam.

HL - Mas eu acho que isso era uma compensação. Por isso é que o pessoal trabalhava. Ele saía direto do campo para a farra. (*rindo*) Para um rapaz solteiro de 20 e poucos anos, isso é um comportamento agradável. Quer dizer, é uma compensação.

WH - Como é que era a farra que ele fazia?

HL - Ah, todo mundo sabe. Farra de Belém do Pará, não é? O que pode ser farra de Belém do Pará (*risos*). São as pequenas...

PG - Nessa história o Lobato também ia, não é?

HL - O Lobato? Nessas coisas?

PG - É.

HL - Mas acho que o Deane não entrava nessa farra. Será que entrava? Era um menino tão sério... Acho que o Deane não entraria na farra, não.

PG - Vamos perguntar isso a ele. (*rindo*)

HL - Pergunta a ele. (*rindo*) O Leoberto era de farra. Ele tinha um automóvel desses, uma baratinha, que ele vivia a...

PG - Com as francesas, não é?

HL - É. (*rindo*)

WH - E havia algum lugar assim onde se reuniam para beber?

HL - Ah! Tinha o Pardelas, o famoso Pardelas. No famoso Pardelas tinha uma reunião. Eu não tomo álcool, tomo assim uma cerveja, um vinho... Tomava, porque agora estou com os triglicerídeos alterados e vou ter que parar, mas eu ia muito ao Pardelas. Estava lá o Mangabeira e uma porção de outros. Aquele Hugo Lemmert, que era tocado a cachaça, a uísque. Ele não suportava viajar de avião. Tinha um medo terrível de viajar de avião. E o serviço dele na Rockefeller era viajar de avião ficava para lá e para cá. Então, diz que um dia ele pegou o avião na Bahia para vir direto e o avião pousou em Vitória. Ele estava tão alto que tomou o avião errado e não dava mais para vir ao Rio. Ele ficou desesperado. O avião desceu em Vitória. Quando ele viu o avião descendo em Vitória...

PG - Teve que pegar outro avião?

HL - Teve que pegar outro.

RG - Mas havia dia certo para ir nesse Pardelas?

HL - Não. Todos os dias depois das quatro horas da tarde estavam lá.

RG - E o senhor também ia? O senhor freqüentava?

HL - Eu ia muito lá, quando estava na cidade, e estava na hora do Pardelas, a gente passava lá, para conversar um pouco com o Mangabeira, com o Lemert. Tinha um camarada, que eu não me lembro o nome, tão engraçado, era um médico de saúde pública. Um dia esse camarada disse assim: "Veja só que coisa horrível que me aconteceu: a minha noiva vai chegar de Vitória!" Depois é que eu soube disso, que ele estava noivo há 20 anos! (*risos*). Ele disse isso dentro do Pardelas para mim.

RG - E a noiva finalmente ia querer casar.

HL - É. A noiva ia chegar de Vitória.

WH - Tinha o Restaurante Lamas também, nessa época?

HL - Não, o negócio era o Pardelas.

PG - Esse grupo era um grupo mais fechado ou se encontrava com intelectuais de outras áreas?

HL - Não, era geralmente o pessoal da saúde pública, somente. Falavam naquele chavão, parece até chofer de ônibus, trocador de ônibus que só sabe falar de passageiros.

PG - Só falava naquelas coisas?

HL - É. Só falava naquelas coisas. Mas era um grupo muito engraçado. O Mangabeira era uma pessoa muito simpática. Uma vez fomos fazer uma excursão em Lassance. Fomos o Amilcar, o Mangabeira e eu, para apanhar flebotomos. Mangabeira tinha que ter sacos,

criações de flebotomos, para estudar leishmaniose. Então, nós chegamos em Lassance, porque o Instituto tinha casa em Lassance, sabia disso? Bem defronte da estação. A casa está muito escangalhada, tinha pedaços de tábuas podres, uns desvios, escorpião lá embaixo a passear. Então, no dia em que nós chegamos lá, compramos uma cachaça, porque estava chovendo. O Amilcar toma cachaça assim, um bocadinho, como todos os sábios, todos os mosquitos. Eu também tomo só quando estou molhado. E o Mangabeira se encarregava do resto da cachaça. (*risos*) Mas a primeira cachaça que nós tomamos não era boa. Depois se descobriu uma outra cachaça melhor, comprou-se uma outra garrafa. E no dia em que o Mangabeira descobriu pela primeira vez flebotomos no buraco do tatu, começou a fazer aspirações, ficou até às três horas da manhã separando as fêmeas para botar naqueles tubinhos. E aí tomou a outra garrafa que ele disse que tinha sobrado. Quando chegou de noite o Mangabeira diz assim para um de nós: "Você não acha que eu estou meio alegrete, não?" (*risos*). Era uma bola! Engraçado ele deixou de beber. Tinha uma força de vontade danada e deixou de beber, seis meses depois fez uma cirrose de fígado e morreu. Uma pena. Ele era um sujeito de uma capacidade de trabalho também muito grande. O Evandro gostava muito dele. Ele transformou o estudo do flebotomo. Até o jeito de fazer a estampa do trabalho do flebotomo é o jeito do Mangabeira que está lá, o jeito de arrumar.

PG - E nessas expedições no caso Lassance, o senhor se referiu também à Bahia, o que lhe marcou mais em termos de expedição?

HL - Bom, eu nunca fiz aquelas expedições do Travassos. Eu nunca fui. O Travassos fez acho que umas 10 expedições. Sempre acontecia que eu estava em aula ou fazendo qualquer coisa e não podia ir. Ele tomava o trem, fazia uma expedição, tomava o trem da Noroeste e ia acampar em Saloba, em Porto Esperança. Daí pegava o trem pro Pantanal. Mas isso eu nunca fiz. Eu sempre fiz excursões assim meio cômodas, meio confortáveis, pois não sou muito de acampar, não. Apesar de ser bom mateiro, de gostar de mato, eu nunca fui muito de acampar. Em Lassance era muito bom porque a gente ficava numa casa. Uma vez que se foi à Serra do Cipó também ficamos numa casa; lá na confluência do rio Doce naquele... nunca fui muito de expedição não. Sempre apanhei muito bicho. mas assim, nos arredores.

WH - O senhor também não gosta de viajar?

HL - Goto. De viajar gosto muito, claro.

RG - Não gosta de acampar.

HL - É. Nunca fui, mas eu acho que foi falta de coincidência, de circunstância.

RG - De oportunidade.

HL - Porque, por exemplo, eu fiz uma excursão uma vez de um mês e meio em Goiás, mas estava num convento de Antonistas. Morava na casa do lado do convento. Quer dizer, sempre tive assim um... Nunca fui de acampar, nunca dormi uma noite acampado. Agora, já fui a muita excursão, mas sempre assim.

PG - O J. Pinto foi a algumas dessas excursões?

HL - Não. O Pinto não ia a excursões, não.

PG - Ele seguia algumas excursões de Oswaldo Cruz.

HL - É. Ah, sim! Acho que Lassance. Uma vez teve uma fotografia do Pinto lá em Lassance é, tem sim. Ele ia sim. Mas havia convite entre um diretor e tal. Bom. Eu acho que eu vou embora.

PG - Tá ótimo. Tá.

Data: 23/05/1986

Fita 5 - Lado A

WH - Dr. Hugo, nessa terceira entrevista gostaríamos que o senhor começasse falando sobre o Cardoso Fontes, sobre a trajetória dele, o perfil dele como pesquisador e como pessoa.

RG - Foi justamente na gestão dele que o senhor entrou, no Instituto?

HL - Não. Quando eu entrei ainda estava o Carlos Chagas.

RG - Exato. Mas já era o finalzinho, não é?

HL - Era o final da gestão do Carlos Chagas. Eu não tinha grande contato com o Dr. Cardoso Fontes. Apenas era uma pessoa muito amável e que não teve uma influência muito grande, pelo menos sobre os pesquisadores da minha área. O que acontecia é que o Professor Travassos reuniu em torno dele muitas pessoas. Nós formamos um gueto, uma república um pouco separada do resto do pessoal. Então, eu não tenho uma recordação muito grande do Dr. Cardoso Fontes. Apenas era uma pessoa muito amável e que não causava atrito nenhum. Agora, quando veio o Dr. Aragão, era completamente diferente. O Dr. Aragão, apesar de não ser dos mais avançados do nosso grupo, era uma pessoa muito influente, em todo o grupo.

WH - O Cardoso Fontes não era influente em que sentido?

HL - Era uma pessoa que, no nosso grupo, não tinha uma influência maior. Pelo menos eu não me lembro de nada que pudesse afetar nem a favor nem contra o Cardoso Fontes.

WH - Ele trabalhava em que?

HL - Ele trabalhava com tuberculose. Tuberculose experimental. Tanto que ele falava numa fórmula que filtrava o bacilo da tuberculose. E eu me lembro que pessoas como o César Pinto, que era muito sarcástico... Aliás eu nunca falei sobre o César Pinto, e preciso falar alguma coisa dele. É uma pessoa muito importante.

RG - Fale, fale.

HL - Ele dizia que o Cardoso Fontes era a "vela rachada". Quer dizer, sabe como é o filtro? O filtro, para filtrar a água tem que passar por uma determinada abertura. E como o Cardoso Fontes obteve, repetiu a tuberculose passando através dessa vela, dizia o César Pinto que a vela é que estava rachada, por isso é que passou. Quer dizer, brincadeira, bobagem. Não acontecia isso. Mas fora essas coisas assim, eu não tenho uma lembrança do Fontes.

WH - E o senhor sabe como é que o Cardoso Fontes foi nomeado diretor do Instituto?

HL - Ah, não sei. O que acontecia muito aqui era que determinadas pessoas, como o Travassos, o Dr. Neiva, de maneira nenhuma queriam ser diretores. O Travassos porque não queria largar a pesquisa. Por mais que quisessem, ele não queria. Mas eu acredito que

o Fontes não tenha tido muita dificuldade, já que ele pensou em ser diretor.

RG - Mas em relação aos períodos anteriores, do Oswaldo Cruz e do Carlos Chagas, que eram personalidades muito fortes, houve uma mudança então, não é? Um outro estilo de direção?

HL - Ah, sim. Não tinha a mesma significação. De maneira nenhuma, de maneira nenhuma. Não tinha essa mesma significação do Chagas que era uma pessoa de projeção. O Cardoso Fontes tinha projeção profissional, fazia muitos trabalhos, mas não tinha a influência do Chagas. Talvez se pudesse achar o Murilo Cardoso Fontes. É o filho dele.

RG - Que era um pesquisador também?

HL - Era médico. Ele era daqui, trabalhava junto com o Eugênio Gudin na cirurgia experimental, que é outro capítulo à parte aqui no instituto.

WH - Essa época, Dr. Hugo, é a época do Governo Vargas, quando o Ministério da Saúde passa a interferir também no Instituto. Existe alguma ligação do Cardoso Fontes com o Governo Vargas?

HL - Que eu saiba, não. Aliás, o Instituto era muito respeitado pelo governo e pelo ministro. De forma que o Instituto era tão respeitado que não havia muita interferência do ministro. Não porque ele não quisesse interferir, mas havia um respeito muito grande pelo Chagas.

RG - O senhor falou que a cirurgia experimental era outro capítulo? Que capítulo é esse?

HL - Havia uma Instalação do Dr. Eugênio Gudin... Não é Eugênio Gudin, é o irmão do Eugênio Gudin. Como é que se chama? É... Bom, era o Gudin que era médico e que era um tipo muito engraçado, que andava de Rolls Royce. Ele vinha trabalhar de Rolls Royce. Eu uma vez andei no Rolls Royce dele. Foi a única vez que andei em um Rolls Royce. Mas ele tinha sido assistente do Murilo Cardoso Fontes, que era o filho do Cardoso Fontes. E eles tinham uma Instalação na entrada da helmintologia. A gente não sobe uma escada, naquele prédio onde está a helmintologia, sabe qual é?

RG - Atrás?

HL - Atrás. Ali tinha uma Instalação para fazer cirurgia asséptica. Eles tinham em mente um sistema de ter tudo asséptico. Então se podia fazer uma cirurgia e se o bisturi caísse no chão, podia pegar e continuar. Era um negócio que a gente via que não dava certo e a prova que não dava certo é que não foi continuado. Mas era uma idéia. Então eles tinham uma instalação lá própria para isso. Ele teve prestígio para fazer essa instalação, mas nunca saiu nada de especial.

RG - Foi um período curto?

HL - Foi um período curto, sem uma repercussão maior.

RG - E o César Pinto, de quem o senhor gostaria de falar?

HL - O César Ferreira Pinto era um pesquisador muito ativo. E era parasitologista também. Ele era muito ligado ao Travassos, tinha sido assistente do Travassos em São Paulo e aqui ele ficou com um laboratório exatamente neste lugar onde nós estamos.

RG - Ah, que fantástico!

HL - Mas ali se tinha um laboratório muito bom.

RG - Na sala 30, do Castelo?

HL - É. O César era uma pessoa que teve muita influência em todos nós porque era muito ativo, muito crítico. Ele tinha um espírito crítico muito grande. E tem uma porção de trabalhos. Tem um manual de parasitologia que é especial, com capítulos sobre helmintologia, protozoologia, entomologia, era muito bom esse manual. E ele era um camarada que tinha muita atividade didática. Ele gostava muito de ensinar e isto se pode ver pelos trabalhos dele. Aliás, para cada um desses personagens a gente devia talvez fazer uma análise dos trabalhos, fazer um levantamento. A Biblioteca deve ter os trabalhos deles.

RG - A biblioteca daqui é bem completa, não é?

HL - Eu acho que uma das coisas mais importantes daqui, da memória do Instituto, seria uma lista completa dos trabalhos de cada um pesquisador. Porque o pesquisador vale pelos seus trabalhos, não é? Por exemplo, o Herman Lent e o Teixeira de Freitas fizeram um livro jubilar com o Travassos. Até aquela época tem uma lista completa dos trabalhos do Travassos. E o próprio Travassos tem a sua lista de trabalhos, que lá na helmintologia eles têm que ter. De forma que se tiver uma ficha de cada pesquisador antigo, eu acho que numa memória precisa ter, não é? Se possível até com retrato, com tudo. Devia haver uma ficha de cada um, com uma lista completa dos trabalhos, nessa ficha.

RG - É possível que isso seja feito, num futuro não muito remoto.

HL - Ah, eu acho que isso é muito importante, porque o valor do pesquisador está exatamente na qualidade dos seus trabalhos.

RG - Agora, tem esse lado didático, que muitas vezes não está no livro.

HL - Sim, mas o César Pinto demonstrou isso muito bem com um esplêndido livro que ele publicou e que só saiu uma edição. É um livro muito procurado.

RG - E a outra questão que também é muito importante é o administrador da ciência, a pessoa que às vezes não é um grande pesquisador mas que tem um papel importante enquanto administrador, gerenciador, de fazer com que a instituição ande bem.

HL - Claro. Também é muito importante. Apesar de que quando a pessoa é um bom administrador de ciência, também é um bom pesquisador. Porque nós vimos, por exemplo, no Conselho Nacional de Pesquisa. Depois do fundador, pois o fundador do Conselho de Pesquisas foi muito importante, o Almirante Álvaro Alberto, que também era um pesquisador na área dele, mas que depois foi substituído pelo Antônio Couceiro, que era lá do Instituto de Biofísica. O Conselho até hoje tem uma estrutura mais ou menos

feita por ele. Ele era um administrador de ciência, mas era também um bom cientista. Depois, nós tivemos como vice-diretor lá, por exemplo, o José Cândido de Mello Carvalho, que foi também um excelente pesquisador. E em comparação nós tivemos, por exemplo, o Heitor Grillo, que era um esplêndido camarada, um sujeito muito inteligente, muito culto, mas que parou de fazer ciência para fazer administração. E não era tão conceituado, entende? Acho isso muito importante. Eu, por exemplo, era amicíssimo dele, gostava imensamente dele. Ele foi professor de fitopatologia da Escola de Agronomia, no meu tempo, mas a gente não pode, por exemplo, comparar o respeito que o Couceiro impunha lá na comunidade científica e o respeito que o Grillo impunha, apesar do Grillo ser uma pessoa excepcional, compreende? Há um pouco de diferença nisso. Agora, estranhamente, se a gente tira um bom pesquisador para fazer administração da ciência, está tirando o pesquisador da sua atividade, compreende? O que eu acho é que no Brasil, a administração de ciência é difícil por causa da dificuldade que em todo sistema administrativo o administrador tem com seus auxiliares. Nunca o administrador, no Brasil, tem bons auxiliares. Ele pode ter auxiliares dedicados, de confiança, mas nunca bons no sentido firme da palavra, quer dizer, capazes de substituí-lo com uma palavra. Como a gente tem por exemplo, uma boa secretária? É uma secretária que o chefe diz: "Você escreve uma carta para fulano de tal sobre esse assunto". Ela faz a carta melhor do que o chefe, porque ela é uma redatora de cartas, compreende? Aqui é difícil a gente encontrar um diretor que tenha uma secretária desse tipo. E elas não aparecem também porque o administrador não procura. Porque há esse sentido também do administrador ser muito absorvente. Ele faz tudo, redige a carta e diz: "A senhora agora bate essa carta". Secretária não é para bater carta, secretária é para fazer carta.

RG - Mas o senhor acha que isso é uma característica brasileira? Que em outros países é diferente?

HL - Ah, sim! Em outros países é completamente diferente. Qualquer um pode fazer uma administração usando uma hora, duas horas do seu tempo por dia. A direção de um Instituto, por exemplo; eu vi lá no Canadá isso muito bem. O chefe de seção lá ficava meia hora com a secretária, por dia. Não ficava mais de meia hora. Fazia tudo!

RG - Despachava rapidinho e tinha tempo de trabalhar nas pesquisas dele.

HL - Acho que isso é que a gente devia lutar para conseguir. Porque o bom administrador de ciência é aquele que é ativo na ciência, mas ele conhece todos e tem o respeito dos outros, entende? Porque um cientista só respeita um outro que realmente tenha valor científico (*rindo*). Quer dizer, respeita outros é claro. Vai respeitar o presidente da República, uma porção de pessoas assim, mas não na área dele, não é?

RG - Mas então, voltando ao Cardoso Fontes, eu perdi um pedacinho da história porque tive que atender a uma pessoa. O senhor falou a história da vela e eu não entendi. (*risos*). É alguma coisa que tem a ver com competência?

HL - Eu estava falando mais à propósito do César Pinto do que do Cardoso Fontes. O César Pinto era uma pessoa sarcástica, gostava muito de fazer brincadeira, não é? Ele tinha até uma série de cartas, umas coisas engraçadas que ele distribuía. E quando o Cardoso Fontes conseguiu reproduzir a tuberculose passando o germe da tuberculose por determinados filtros, então ele achava que aquilo era uma forma filtrável do bacilo da tuberculose. E o César Pinto dizia: "Não, isso é porque a vela que ele usou estava

rachada". Então o germe passou (*rindo*). Quer dizer, ele tinha coisas desse tipo, não é? Mas isso não é nenhum desdouro, nem para um nem para outro. Era mais uma brincadeira do César Pinto.

RG - Mas o Cardoso Fontes não seria um mau pesquisador?

HL - Quer dizer, ele não era uma pessoa...

RG - Brilhante?

HL - Não. Não sei na área dele. É possível que os trabalhos dele sejam até... Eu não posso avaliar. Mas, ele tinha, por exemplo, a presença do Chagas. O Chagas fazendo uma conferência era qualquer coisa. Ele tomava conta do auditório, compreende? O Oswaldo Cruz tinha aquela personalidade que todo mundo se lembra, não é? Até foi caricaturada.

WH - Isso se sentiu no Instituto, Dr. Hugo, essa presença marcante?

HL - Eu creio que sim, eu creio que sim. E daí começou o Instituto a diminuir um pouco o prestígio que teve com o Chagas e com o Oswaldo Cruz, sem dúvida nenhuma. Mas depois esse prestígio foi muito retomado, no tempo do Aragão. O Aragão sim, era uma pessoa marcante no Instituto. Depois do Fontes veio o Aragão, não é?

RG - O Cardoso Fontes ficou de 34 a 42. E o Aragão foi de 42...

HL - O Aragão já retomou muito, porque era uma personalidade que também foi muito discutida. Porque o que aconteceu aqui foi muito engraçado. O Oswaldo Cruz, era o Oswaldo Cruz. Nunca eu ouvi alguém fazer dentro do Instituto qualquer referência que não fosse muito elogiosa ao Oswaldo Cruz. Agora, o Chagas já naturalmente tinha amigos e inimigos, porque tinham colegas que se formaram junto com ele.

RG - Era uma pessoa mais de carne e osso.

HL - É. Já tinha colegas que diziam coisas. E o Fontes era uma pessoa muito modesta. Então, já diminuiu aquela autoridade de diretor que o Oswaldo Cruz implantou aqui e que não era propriamente uma autoridade de diretor, mas era uma autoridade de qualidade moral, de prestígio real sobre a comunidade dos cientistas daqui. O Chagas já não podia ter tanta, porque eram as colegas dele também que estavam no mesmo lugar. Entendeu o que eu quero dizer?

RG - Claro.

HL - Com isso eu quero dizer que não acho que um diretor seja diferente do outro. Eu sou muito contra qualquer direção desse tipo, vamos dizer, presidencialista. Eu sou anti-presidencialista. Eu acho que o presidencialista é um grande erro. Porque se a gente estabelece um direito, esse direito tem que ser comprovado sempre, não é? Como faz um primeiro Ministro numa república. Já o presidente é capaz de fazer coisas que o Reagan está fazendo, contrário a toda opinião pública. O diretor também pode fazer coisas assim. Eu tenho visto diretores aproveitarem que são diretores para fazer. Já tive até um caso de um diretor que era muito assim, que era o diretor do Instituto de Biologia Animal, do Ministério da Agricultura. Ele ficou 17 ou 18 anos na direção, e eu me dava muito com

ele. Quando ele saiu da direção, me disse: "Olha, se você soubesse como eu fiz tanta coisa errada! Agora, depois que eu não sou diretor é que eu vejo".

RG - Quem era?

HL - Era o... Eu não me lembro, não. Era um sujeito do Piauí, um sujeito muito simpático. Mas era diretor, porque não tinha outro que quisesse ser e porque ele era do Ministério da Agricultura. E ele, depois que saiu é que reconheceu. Disse assim: "O diretor não devia ficar tanto tempo como diretor. O diretor devia ser sempre substituído pra ver o que fez de errado". Eu vou mais longe. Eu acho que diretor devia ser um cargo provisório. Não teve um ministro aí dizendo: "Eu não sou ministro, eu estou ministro". Eu acho que a gente devia estar diretor.

WH - Demitiram ele, por causa disso.

HL - Por causa daquela fama, foi um prestígio, uma homenagem muito grande que fizeram a ele, demitindo, não é? (*rindo*).

RG - Ele saiu prestigiado.

WH - Dr. Hugo, o senhor falou do prestígio que o Oswaldo Cruz tinha, que o Chagas já não tinha tanto e o Cardoso Fontes menos ainda. Eu queria lhe perguntar uma coisa. Existia dentro do Instituto questionamentos à administração do Chagas?

HL - Ah, sim. Muito.

WH - Que tipo?

HL - Muito questionamento. Muita discussão. Porque quando eu vim aqui para o Instituto se discutia muito. Naquela sala de almoço saíam, de vez em quando, umas brigas. A sala de almoço era em baixo ali daquele...

RG - Do quiosque?

HL - É. Daquele quiosque ali.

WH - Que tipo de discussão eram essas?

HL - Bom, discussão naturalmente muito elegante, geralmente. Mas havia muito questionamento, principalmente direto. "Você fez isso, não devia fazer", diziam. Isso era muito comum.

WH - E que tipo de coisas ele fazia que os outros cientistas criticavam?

HL - Nomeações. Ele nomeava uma pessoa pelo prestígio de um ou de outro. Questão de trabalho mesmo.

WH - Questão de trabalho?

HL - É. Agora, sempre com muita seriedade. Isso eu faço questão de dizer aqui. O

Instituto Oswaldo Cruz sempre teve diretores de uma seriedade enorme. Mas sempre houve corrupção em toda parte.

RG - Corrupção?

HL - A corrupção só começou depois que o Lagoa chegou procurando.

RG - A gente vai chegar lá no Lagoa. Mas quando o senhor fala de questionamentos, de que havia um clima de verdade, havia grupos identificáveis?

HL - Não. Aqui não havia formação de grupos.

RG - Nem por exemplo, em torno de setores, de áreas de pesquisa, onde as pessoas naturalmente são mais próximas?

HL - Não. Por exemplo, o Dr. Miguel Osório que era fisiologista estava sempre junto com o Travassos que era helmintologista. Havia mais afinidade pessoal do que afinidade no próprio grupo de pesquisa.

RG - Certo. Então havia grupos por área?

HL - Não. Não se formavam grupos, absolutamente. E havia muita independência. Havia o Dr. Genésio, que era helmintologista muito diferente de outros helmintologistas que haviam. Compreende?

RG - E as pessoas também se ligavam em torno de questões políticas mais gerais?

HL - Bom, uma das características de toda essa gente que eu conheci aqui no Instituto era a falta de politização, no sentido certo da palavra, da falta de conhecimento político.

RG - Eram meio desligados?

HL - É. Inteiramente desligados.

RG - Eles faziam aquela imagem do cientista clássico? Aquele cientista que não quer saber das...

HL - (*rindo*) Não sob todos os aspectos, mas enfim, em relação à política, eu acho que eram sim. Pessoas de uma inteligência brilhante e, no entanto, eram de uma ignorância política que dava dó.

RG - Esses mais velhos?

HL - Os mais velhos, claro!

RG - Os da sua geração já eram outra coisa?

HL - Da minha geração já eram bem diferentes. Apesar de ainda ter alguns que não eram... Tinham alguns que eram pessoas... Tive um grande amigo, o Gobert de Araújo, um microbiologista do tempo do Genésio Pacheco. Primeiro foi assistente do Genésio

Pacheco. Ele tinha uma formação muito religiosa. Era um tanto tímido. Agora, era uma pessoa muito correta, um caráter muito reto, entende? Isto era muito comum. Eu acho o seguinte: não havia grupos políticos no Instituto.

RG - Eu não me refiro à política partidária, mas à política assim mais geral, no sentido da percepção das mudanças que ocorriam no país. Era o período entre guerras...

HL - Por exemplo, o Dr. Miguel Osório era muito francês, estava sempre em Paris. Tinha uma idéia de política mundial melhor que qualquer outro, mas não aparecia isso em discussões.

WH - Então as discussões, esses questionamentos que o senhor fala, eram mais ao nível do Instituto?

HL - Ah, sim. Era uma coisa a nível de serviço.

WH - De direcionamento do Instituto.

HL - É. De relacionamento de pessoas dentro do Instituto. Coisa muito particular.

WH - O senhor falou, por exemplo, em críticas às nomeações. Havia críticas também em relação a área de pesquisa que eram mais desenvolvidas que outras, ou a alguma preferência?

HL - Muito, não. Eu sempre achei o pessoal muito acomodado nisso. Cada um fazia o seu, trabalho melhorava o seu laboratório. Sabe que sempre há isso, não é? Uns se fecham mais no seu laboratório, não querem saber de nada, pensam só no seu trabalho. Agora outros... O Travassos, Miguel Osório e o Genésio Pacheco estavam sempre trazendo gente nova. O Dr. Gilberto Villela, da bioquímica... Quer dizer, começaram a se formar grupos, verdadeiras escolas particulares dentro do Instituto.

WH - Ou seja, era difícil, se o senhor estava fazendo um trabalho na entomologia, a possibilidade de ir para outros laboratórios e colaborar com outras pesquisas?

HL - É. Mas eu fazia o trabalho de entomologia dentro do laboratório de helmintologia. A seção era mais ou menos pró-forma. O próprio Travassos fez muito trabalho de entomologia dentro do laboratório de helmintologia, numa época que ele começou helmintologista e acabou entomologista.

WH - Mas havia laboratórios fechados que não admitiam entrada de outras pessoas?

HL - Não! Isso não.

WH - Era aberto, era permitido?

HL - Sempre aberto, sempre. Para tudo. Agora, havia pessoas que ficavam mais ou menos individualizadas, separadas, só faziam aquelas coisas que eram obrigadas a fazer. Não tinha esse desenvolvimento que tinha esse grupo.

WH - E esses grupos se identificavam pelo seu trabalho científico?

HL - Pelo trabalho e pela escola que estavam fazendo. Foi o Travassos quem começou a reunir gente. Depois foi o Guilherme Pacheco, que veio de São Paulo, do Instituto Biológico para cá. Então começou a desenvolver muito a microbiologia aqui, a fazer uma porção de cursos. O Dr. Miguel Osório, também. No mesmo tempo, eles começaram a ter uma porção de assistentes, uma atividade grande. O Dr. Miguel Osório era até engraçado pois para ele o sábado, por exemplo, não era sábado inglês, era sábado português: a gente ficava aqui sábado até tarde porque lá no laboratório do Dr. Miguel tinha uma porção de pessoas que trabalhavam em outros lugares e que freqüentavam o laboratório, que tinha um movimento grande. Depois veio Genésio, o Gilberto Villela, que também desenvolveu muita gente. Esses quatro grupos foram os mais importantes aqui.

RG - Eram os grandes núcleos daquela época.

HL - Eram os núcleos que eu assisti se formarem.

RG - Havia outros setores com os quais o senhor não tinha maior contato?

HL - O Dr. Guilherme Pacheco tinha o pessoal dele da microbiologia. Mas havia, por exemplo, um microbiologista muito simpático, que era muito nosso amigo que era o Dr. (*inaudível*) que trabalhava aqui em cima, nesse andar de cima, e era microbiologista também, isso era comum. O desenvolvimento se fez a partir de determinados pesquisadores.

RG - São os núcleos centrais, e que dão todo um caráter para a Instituição. São essas grandes linhas.

HL - É. Isso é que eu acho que desenvolveu muito o Instituto. Porque no começo havia trabalho individual muito grande. Mas nesse tempo, na década de 30, é que começaram a se desenvolver, a ter gente nova. E essa gente, que foram o Travassos, Miguel Osório, Genésio Pacheco, o...

RG - Villela?

HL - O Villela foi por pouco tempo, não é?

RG - Ele era mais velho que o senhor?

HL - Pouco.

RG - É da sua geração, quase.

HL - Já contei uma anedota que passava pelo Instituto? Que no Instituto tinham os subversivos, os marginais e o Dr. Villela. Sabe disso?

RG - Contou.

HL - O importante é que o Dr. Villela realmente era muito conservador, mas não era nem marginal, que era uma espécie de bigorriho, e nem subversivo. Era o Dr. Villela.

WH - Os subversivos eram identificados por que características?

HL - Nós éramos considerados subversivos. Bom, isso já é outra história, mais adiante, não é?

RG - Isso é um outro período. Mas o senhor podia talvez explicar, porque já é a segunda vez que a gente está falando disso.

HL - Aconteceu o seguinte: depois do Dr. Aragão veio o Dr. Antônio Augusto Xavier.

RG - O Xavier veio depois do Aragão? Não foi o Olympio?

HL - Não! Foi o Xavier.

WH - Não. Primeiro veio o Olympio e depois o Xavier.

HL - Ah? Depois vem o Olympio! O Dr. Olympio era muito discutido, muita gente brigou com ele. Eu não briguei não sei porque. Ele examinou meu concurso na Escola, sempre demonstrou muita simpatia por mim. Ele teve aquele episódio com o Mello Leitão, não sei se vocês sabem disso. O Mello Leitão estava na Comissão do Livro Didático e reprovou o livro do Waldemiro Potsch, que era concorrente dele. Ele pelo menos devia se dar como suspeito. Mas eu conheci bem o Dr. Mello Leitão. O Dr. Olympio da Fonseca foi o perito do Leitão, de quem era muito amigo. E o Herman foi o perito do Potsch. Então daí a briga entre o Herman e o Olympio.

Fita 5 - Lado B

HL - Esse episódio do livro didático quem pode esclarecer muito bem é o Herman Lent. Vocês precisam fazer uma entrevista com Herman Lent. Aí houve um certo atrito. Porque o Mello Leitão também era muito camarada meu. Eu fui aluno dele na Escola de Veterinária e fui várias vezes a reuniões na casa dele, ali em Botafogo. Mas quando chegou na história do Potsch, nós todos ficamos do lado do Potsch. Quer dizer, não é ficar do lado, nós todos achamos que o Potsch é quem tinha razão. Sem a menor dúvida, ele tinha razão. Porque uma pessoa tinha razão. Porque uma pessoa tinha que, pelo menos, estar como suspeito. Não vai julgar o livro de um concorrente. Isso é vergonhoso, não é? E com isso, houve esse atrito entre o Mello Leitão e o Olympio. Porque o Olympio também ficou... Eu, que sempre me dava muito com o Olympio... Quer dizer, nunca cheguei a ter nem... Com o Leitão, não. O Leitão eu até nem cumprimentava mais porque ele era muito malcriado. (*rindo*) Se a gente cumprimentasse, ele podia não responder, zangado como ele estava. Mas o Olympio, quando veio para cá, já tinha havido essas coisas todas. Ele procurou dar um desenvolvimento grande ao Instituto, mas não tinha um pouco de... Um negócio que acontece com muitos diretores que não são pessoas muito sensatas: têm mania de grandeza. De forma que o Olympio fez questão, por exemplo, de instalar aqui um computador... um microscópio eletrônico, que nunca serviu para nada, porque não tinha ninguém para fazer nada com o microscópio eletrônico. Acho que só se justifica comprar um aparelho quando tem alguém que vai usá-lo, que tenha um plano para trabalhar com aquele aparelho. O caso do Olympio é que a atividade do Olympio aqui foi muito discutida também. Mas este Xavier era um homem absolutamente inoperante. Não era igual ao Fontes, não. O Fontes era uma pessoa que tinha um nome, uma coisa. Mas o Xavier... sei lá. Nunca fez nada. Não tinha condições de ser. Então,

houve um dia que o Juscelino veio visitar o Instituto e houve uma recepção para ele lá na biblioteca. E nessa hora, alguém passou uma carta para o Juscelino, contando as histórias do Xavier aqui (*rindo*). Que não era possível que o Xavier continuasse como diretor do Instituto. Que era um negócio assim... era uma vergonha para o Instituto.

WH - Quais eram as histórias do Xavier?

HL - O Xavier era um sujeito que nunca fez nada aqui. Ele era assistente do doutor Miguel Osório, mas nunca fez coisa nenhuma. Ele não fazia nada, era inteiramente inoperante. Quando ele foi nomeado diretor foi um negócio. Parecia assim um achincalhe ao Instituto, aos outros técnicos do Instituto. Então, foi passada essa carta e o Juscelino convidou o Amilcar Martins para ser diretor. Aí é que começou a história. Nós também nos dávamos muito com o Amilcar; e o Amilcar, muito mineiro, como ele é... Você conhece o Amilcar Martins? Precisa conhecer precisa chamar o Amilcar para contar a história.

RG - Ele vem sempre ao Rio?

HL - Não, nem sempre. Mas vocês precisam arranjar um jeito. Em último caso, têm que ir lá em Belo Horizonte. Mas ele vem aqui, porque tem reuniões do Conselho Diretor, do Conselho daqui.

RG - A gente quer entrevistá-lo.

HL - Mas então, inclusive eu dei vários telefonemas para o Amilcar, dizendo: "Você tem que aceitar isso, Amilcar. Você tem que tirar o Instituto do buraco em que está". Porque o Instituto estava num buraco com o Xavier. E então, o Amilcar veio para cá. E com isso nós todos tivemos uma certa participação na direção, não é? Eu fui tomar conta do Curso. O Herman era o chefe da Divisão. Aliás eu acho que o Herman já era chefe da Divisão. Ele também foi chefe de seção, mas acho que foi antes do Amilcar. Mas já era chefe aqui. O Teixeira era chefe da Seção de Helmintologia. Eram os três mais antigos da parasitologia: o Teixeira, na Helmintologia, o Herman chefe da Divisão de Zoologia e eu como chefe da Entomologia.

RG - Mas doutor Hugo, eu gostaria de voltar um pouquinho para trás porque...

HL - Sim. Mas aí, para contar a história dos...

WH - Dos subversivos.

HL - Você me perguntou dos subversivos. Então, quando vieram os bigorrilhos, era esse grupo que estava dirigindo o Instituto: o Tito Cavalcanti e nós, que estávamos na direção; o Haity Moussatché... Então, foi uma espécie de uma forra. E os outros ficaram mais ou menos marginalizados porque durante esse tempo, no Instituto, quem estava na direção era o pessoal que realmente estava trabalhando. O pessoal da fisiologia, da microbiologia, da bioquímica, pessoal que tinha bom desenvolvimento. E os outros eram mais ou menos marginalizados. Mas eles já eram marginais, mesmo. Então saiu essa anedota: que tinham os subversivos e o doutor Villela (*rindo*). Que não era nem marginal nem subversivo. Essa é que é a resposta à sua pergunta.

WH - Mas os senhores foram chamados de subversivos porque durante a gestão do

Amilcar em diante houve alguma mudança?

HL - Não! De maneira nenhuma; de maneira nenhuma! É que quando veio a revolução, alguém tinha que ser tomado como bode expiatório, não é? Pois nenhum de nós tinha nenhuma atividade política. De maneira nenhuma. O Perissé, o Goto e o Moacyr tinham pertencido ao Partido Comunista, mas já tinham saído, quer dizer, não tinham uma... Foi um negócio muito, muito... durante muito pouco tempo. Os outros, então, nunca tiveram a menor preocupação com política! Mas quando eles vieram aqui, o que o Lagoa ia fazer? O Lagoa tinha sido meu assistente, meu auxiliar de ensino na Escola de Veterinária. De forma que ele me devia uma porção de favores. E fazia... Não que eu gostasse de fazer, mas porque eu devia favores a um tio dele, que era o Tomás Rocha Lagoa, que me pediu para ficar com o Lagoinha, o Francisco, porque o diretor o estava perseguindo. Mas o diretor não estava perseguindo o Francisco; estava querendo botar o Francisco na linha e o Francisco estava pulando (*rindo*). Então, o Tomás Rocha Lagoa me disse: "O diretor te respeita tanto. Você podia ficar com ele aí como auxiliar de ensino. Aí, ele ficava mais folgado". E de fato, foi o que aconteceu. Agora, o Lagoa vinha muito... O meu laboratório era aqui, no segundo andar, esse laboratório grande aqui no canto e mais aquelas duas salinhas. E ele vinha muito... Acho que já contei essa história para vocês, não contei?

RG - Não.

HL - Não contei a história do Lagoa me visitando aqui?

WH - Não.

HL - Mas essa é uma história que dá muito para a gente compreender como é que foram as coisas. Porque o Lagoa vinha muito aqui. Saía da diretoria, vinha aqui falar comigo. Ficava conversando; sentava-se aí e conversava. E eu conversava muito com ele. Um dia, estava o Herman Lent na minha sala quando ele entrou e ele conversou com o Herman Lent. Sempre tivemos uma conversa muito amigável. E aí a conversa passou para as dificuldades que um diretor devia ter, e que ele devia ter como diretor. E ele disse: "Ah, isto é porque o Instituto tem uma porção de pessoas de grupos diferentes, é uma espécie de... - até foi essa a expressão usada - Isso aqui é um saco de gatos, como é que você está se arranjando?". Aí o Lagoa fez uma pose - ele sempre foi posudo - aumentou aquela pose dele, disse que ia governar o Instituto de acordo com o que ele tinha aprendido no Pentágono. Ele tinha sido aluno da Escola Superior de Guerra e tinha visitado o Pentágono por algumas horas (*rindo*). Estava na moda esse negócio de americano, porque a revolução era a parte do americano aqui. Então, o Herman deu uma gargalhada na frente dele não se conteve, não é? Deu uma tal gargalhada... Aí começou a implicância do Lagoa com o Herman. O Herman, não tem papas na língua, falou com ele que era um absurdo o que ele estava dizendo, onde já se viu uma coisa dessa e tal.

WH - O Pentágono tinha alguma idéia do que era o Instituto?

HL - É. O que era o Instituto e o que tinha o Pentágono com isso, não é? Quer dizer, de fato isso demonstrava mesmo o que foi a administração do Lagoa aqui. Ele não tinha a menor noção de nada.

RG - Mas o senhor disse que ele foi seu assistente?

HL - Foi meu auxiliar de ensino, não meu assistente. Assistente é diferente; assistente a gente escolhe, não é? Auxiliar de ensino é uma espécie de aluno graduado que arranhou um lugarzinho. Naquele tempo não era o auxiliar no sentido que tem hoje o termo. Seria assim uma espécie de preparador.

RG - Isto foi lá no Quilômetro 47?

HL - Não, ainda era aqui no Maracanã. Ainda não tínhamos ido para o Quilômetro 47. Foi muito engraçado, porque eu, como sempre, como fazia com todos, era rapaz moço, e achei que, quem sabe, ele podia realmente me ajudar no ensino, que é uma coisa importante. E então o convidei, pois ele gostava de microbiologia. No tempo da guerra então, tinha um ônibus ali na Quinta da Boa Vista e o meu laboratório era na Avenida Maracanã. Nós atravessávamos a Quinta e pegávamos o ônibus, vínhamos juntos para cá depois da aula. Então eu quis que ele viesse trabalhar a microbiologia dele com o doutor Genésio Pacheco que era, na minha opinião, o microbiologista que funcionava. Mas ele aglutinou lá no Lacorte que era um outro do tipo do meu. E aglutinou-se certo.

RG - Quem era o Lacorte?

HL - O Lacorte também esteve aqui muito tempo. Era um dos chefes aqui. E o Lagoa foi trabalhar com o Lacorte. Quer dizer, ele aglutinou no lugar. Mesmo tendo o Genésio Pacheco, que era um microbiologista muito bom, ele não foi para lá. Por mais que eu insistisse, ele foi dar lá no Lacorte.

RG - Mas quando o senhor diz "lá no Lacorte" refere-se ao Instituto Oswaldo Cruz? O Lacorte já estava aqui, nessa época?

HL - Não. Ele estava como uma espécie de estagiário. Ele foi estagiar com o Lacorte. Depois é que ele arranhou um jeito de ficar aqui.

RG - O Lacorte até dirigiu o Instituto interinamente durante um ano, não é?

HL - É. Ele é outro também igual a esse Xavier, do mesmo tipo. Só que o Lacorte publicava uma porção de trabalhos nessas revistas médicas, mas tudo coisa sem importância nenhuma (*rindo*).

RG - Bom, nós já estamos chegando a um tempo mais moderno. Seria bom talvez dar mais uma...

HL - Eu não sei se tenho alguma outra coisa a dizer do tempo do Olympio; não tenho assim muita coisa a dizer, não.

RG - Do Aragão a gente podia falar, pois ele foi uma personalidade, não é? Ele mudou alguma coisa aqui dentro do Instituto?

HL - O Aragão foi uma personalidade. Mas ele tinha um tal amor pelo Instituto! Basta a gente olhar aí por fora. Essas árvores que te aí fora, foram todas plantadas pelo Aragão, no tempo do Aragão.

RG - O senhor contou...

HL - Eu já contei isso, não é? O Aragão era um tipo que estava muito atrasado socialmente. Era um paternalista, compreende? E quem entendesse o Aragão como eu entendia, como o Tito Cavalcanti entendia, era amigo dele. Eu era um que gostava muito do Aragão. Aliás, eu me lembro que uma das últimas coisas que o Aragão fez foi combinar comigo para irmos ver um sambaqui, resto de comida de índio, que ele tinha descoberto aqui na linha auxiliar. Então nós tínhamos combinado de ir lá ver. Quer dizer, eu sempre gostei muito do Aragão porque ele tinha essa personalidade assim multiforme, gostava de muitas coisas. E, realmente, o trabalho dele aqui foi muito importante.

RG - Por quê?

HL - Primeiro porque ele estudou mixoma que era uma doença importante. Ele estudou muito o mixoma. Depois ele estudou e fez o ciclo evolutivo do *Haemoproteus columbae* que é esse protozoário do pombo doméstico, esse bicho cosmopolita. E depois fez muitos trabalhos sobre carrapatos. Os trabalhos do Aragão são clássicos, são muito importantes. Quer dizer, a vida científica do Aragão era muito importante, sem dúvida nenhuma. O que afastava muita gente do Aragão era aquele tipo paternalista dele. Quer dizer, ele era como um senhor de engenho. Ele fazia disso aqui um engenho. Quer dizer, ele tinha que mandar nos troços, fazer. E como sempre tem uma porção de pessoas que fica em torno, se aproveitando disso, ele tinha muita possibilidade de manter essa situação. Muita gente não gostava dessas coisas do Aragão. Agora, quem o conhecia bem e vivia aqui, percebia que ele era um sujeito defasado, mas que tinha qualidades. Pelo menos pelo que ele fez pelo Instituto, não é? Ele era um sujeito muito rico, de posses mesmo, que nunca precisou ser diretor e nem do emprego aqui no Instituto. Agora, durante o tempo do Aragão houve vários atritos. Mas não eram coisas sérias, porque o Aragão era realmente um sujeito que tinha condições de ser diretor do Instituto, pelo seu passado científico e tudo o mais.

WH - O senhor disse que ele mandava muito, que ele era paternalista. Ele mandava em que?

HL - Mandava em tudo. Ele tinha isso aqui como se fosse uma fazenda dele. Quer dizer, se a gente chegasse e pedisse a ele, por exemplo, para passar três meses fora, descansando, ele dizia: "Vai meu filho!" Agora, quando o Haity Moussatché precisou fazer mudança na casa dele e esqueceu de avisar, o Aragão cortou-lhe o ponto. Ele fazia coisas desse tipo assim.

WH - E ele mandava nas pesquisas também?

HL - Não. De maneira nenhuma! Isso nunca houve. Aqui a pesquisa sempre foi autônoma. Só mais recentemente é que houve essa interferência, só teve pesquisa médica. Foi uma das maiores besteiras que já se fez aqui.

WH - Então ele deixava aberto para a pesquisa básica?

HL - Ah, sim. Nesse aspecto tínhamos uma liberdade absoluta. Nunca nenhum diretor que eu conheci nem sugeriu uma coisa dessa. De maneira nenhuma.

RG - Em relação à gestão anterior, do Cardoso Fontes, o senhor diria que o período do Aragão foi um período rico?

HL - Do Aragão? Ah, muito melhor, claro. Ele fazia coisas que muitos achavam errado, mas era uma pessoa atuante, compreende? Um diretor tem que ser atuante, sem dúvida nenhuma.

WH - Ele fazia coisas erradas? Por exemplo?

HL - Sim. Coisas que muita gente achava erradas, como essa história de ter que dar, quer dizer, pedir licença a ele para fazer alguma coisa.

WH - Mas eram sempre coisas pequenas ou tinha discussões mais amplas.

HL - Não. Não tinha. Não era coisa assim de interferência, de maneira nenhuma. A gente caçoava, por exemplo, que tinha que pedir sempre duas tesouras, pois se pedisse uma ele podia cortar o pedido e dar só meia tesoura, metade da tesoura. (*rindo*) Uma brincadeira, não é?

RG - Foi nessa época que a Fundação Rockefeller se instalou aqui?

HL - Não. A Fundação Rockefeller eu acho que foi antes. Aliás, a Fundação Rockefeller não se instalou aqui, e sim fez um prédio nos terrenos do Instituto, só isso. Não tinha a menor interferência aqui. De maneira nenhuma.

RG - Era isso que a gente queria saber.

HL - De maneira nenhuma. Quer dizer, havia uma certa interferência, por exemplo, quando alguns entomologistas que trabalhavam em mosquitos, vinham aqui para consultar o Costa Lima. Mas isso é uma outra coisa.

WH - Na época do Aragão, alguém me contou que houve uma crise entre ele e a Fundação Rockefeller. O senhor sabe algo sobre isso?

HL - Ah, isso não teve muita importância. Houve uma crise inclusive com o César Pinto, que distribuiu uma espécie de uma carta ao Dr. "Rockefeliz". Ele fazia uma porção de piadas e coisas. Mas não havia crítica, não. Uma crise assim maior, de uma crise maior eu não tenho notícia. Eu me lembro de certa coisa aí com a Rockefeller, mas não há nada de importante.

WH - E o doutor César Pinto criticava o quê, na Rockefeller?

HL - O doutor Pinto criticava a Rockefeller porque ela estava fazendo trabalho de espionagem para os americanos. No fundo, era um, pouco mais para fazer piada do que qualquer coisa. Ele caçoava muito. Quer dizer, ele tinha uma porção de piadas da Rockefeller, mas não era coisa séria.

WH - Não era verdade o que ele criticava?

HL - Não. Nessas coisas tem sempre um fundo de verdade. Que a Rockefeller era... A importância da Rockefeller é a maior prova da influência política que os americanos possam ter fora do país. Agora, que a Rockefeller fez um serviço muito bom, fez, sem

dúvida. E que a Rockefeller tinha bons técnicos, sem a menor dúvida tinha. Tinha um entomologista aqui, o Raymond Shanon, por exemplo, que era dos melhores que já houve em todo o mundo. Estava aí na Fundação Rockefeller, estudando mosquitos.

WH - Havia colaboração entre a Fundação e o Instituto?

HL - Bastante colaboração. Aqui, com o Costa Lima então, era completa. Havia colaboração com o César Pinto, com o Costa Lima. Mas mais com o Costa Lima. O Costa Lima era muito ouvido por eles lá. Qualquer problema que eles tinham de taxonomia de mosquito vinham aqui falar com o Costa Lima. O Raymond Shanon também era muito meu amigo, eu estava sempre lá. Ele era uma entomologia muito bom, de nome internacional. E o serviço que eles fizeram de febre amarela foi muito importante, claro, sem dúvida nenhuma. A gente sabe que tudo aquilo é feito como uma influência, um tipo de influência, mas que é benéfico, é benéfico, claro, sem dúvida.

WH - Mas foi durante a gestão do Aragão que a Fundação Rockefeller se desligou.

HL - É. Talvez houvesse... Eu tenho uma idéia de que houve qualquer coisa que feriu certa suscetibilidade do Instituto, o fato da Rockefeller ter feito qualquer coisa. Mas eu não estou bem lembrando do que é. Quer dizer, eu me lembro de uma certa coisa. Até que o César Pinto aproveitou para fazer uma daquelas cartas dele. Assinava um nome suposto e distribuía pelo Instituto todo.

RG - O Aragão ficou de 1942 a 1950, não é?

HL - Ah, foram oito anos é?!

RG - São os dados que eu tenho, devem estar certos. Então, foi no fim da guerra, no período de redemocratização, do fim da ditadura aqui no Brasil. Foi aquele período em que o Partido Comunista foi legal, não é? Deve ter sido nessa época que os pesquisadores daqui se filiaram?

HL - Aí é que aconteceu. Não sei se eu já contei isso também. Já contei?

RG - O que?

HL - É um detalhe talvez que fosse... Como é que apareceu esse negócio da... Porque saiu no jornal, um dia, que o Prestes, quando era senador, tinha feito uma denúncia no Senado de que os americanos continuavam com a base naval no Rio Grande do Norte, apesar de já ter acabado a guerra, e que o Brasil precisava adotar uma solução. Enfim, o Prestes dizia que durante a guerra se justificava uma base naval americana, mas que depois da guerra não tinha mais justificção para isso. E aí os americanos tiraram logo o negócio de lá. Então, o Prestes promoveu essa retirada. E por isso o Aluísio Neiva, que era do Partido Comunista e estava aqui no Instituto, era funcionário do Instituto, passou o famoso telegrama de congratulações ao Prestes, porque ele teve uma atitude democrática e patriótica.

RG - O Aluísio Neiva era pesquisador?

HL - Era. Trabalhava também naquele laboratório do doutor Gudín, lá da cirurgia

experimental. Ele era o terceiro. Eram o Gudín, o Murilo e o Neiva. Então, várias cópias foram distribuídas para cada um assinar. O Herman assinou, eu assinei, o Tito assinou, o Ubatuba assinou, o Haity assinou. E eu me lembro quando o Teixeira de Freitas assinou, ele era muito conservador.

RG - Só vocês assinaram?

HL - Não. Tinha mais uns...

WH - Outros?

HL - Não. Não todos. Daqui do Instituto foram só os dez que aproveitaram para demitir, sob a alegação desse telegrama.

WH - O Masao Goto assinou, o Domingos Machado assinou.

HL - O Masao Goto, o Perissé... Mas também o Teixeira de Freitas. Eu me lembro perfeitamente, eu estava na sala quando o Teixeira de Freitas estava no microscópio, e o Aluísio chegou com aquele telegrama e botou em cima da mesa. O Teixeira leu, com aquele jeito dele muito bonachão, tirou a caneta assim e assinou com a maior naturalidade, viu? Quem é que ia achar que estava errado você passar um telegrama a um senador da República que tinha providenciado um ato patriótico, não é? Quer dizer, não fez sentido. Mas então, o Teixeira de Freitas depois ficou amigo do Rocha Lagoa, e não houve nada com ele (*rindo*).

WH - Era o Gilberto Teixeira?

HL - Não, era o João Teixeira de Freitas, o helmintologista. Não era o Gilberto Teixeira. Mas então, esse telegrama depois é que foi...

RG - O pivô, não é?

HL - O pivô não, foi um pretexto muito descarado. Eu me lembro daqueles inquéritos. O Olympio da Fonseca, quando eu cheguei lá, tinha uma cópia do telegrama e um calhamaço deste tamanho que era sabe sobre o que? Sobre a discussão que houve no Senado quando perguntaram ao Prestes se o Brasil lutasse contra a Rússia, de que lado ele ficava. E o Prestes começou com aquela... Ele não ia dizer que ficava com a Rússia e não ficava com o Brasil, não é? Então, naquela do Senado, eles queriam atribuir o telegrama, em vez de ser, ao negócio da base, à atitude do Prestes durante a questão da possível guerra com a Rússia. Quer dizer, uma coisa vergonhosa, um negócio inteiramente sem sentido, que só se podia imaginar naquela época. Tudo foi armado. O Olympio da Fonseca fez um papel muito sujo com o Lagoa, porque no final das contas eles eram comparsas. O Olympio da Fonseca foi um dos sujeitos mais brilhantes que apareceu aqui no Instituto. Ele era micologista. Quando eu vim para cá, em 1931, ele estava na Seção de Micologia. E logo depois ele foi fazer concurso para a cadeira de parasitologia na Escola de Medicina. E todo mundo ajudou o Olympio da Fonseca, todos. Até o Travassos, o Costa Lima, todo mundo. O Costa Lima era muito amigo dele. O Costa Lima, o César Pinto, todo mundo o ajudou. E ele fez um concurso brilhantíssimo, um concurso excepcional. Para começar, ele estava tão bem preparado que já tinha, sobre todos os pontos que podiam cair, os quadros dos murais prontos. Quer dizer, um luxo,

não é? Depois serviram para as aulas dele. Mas quando ele acabou de fazer aquele concurso, nunca mais ligou para aquilo. Foi só para fazer o concurso.

WH - Aí começaram os desentendimentos?

HL - Quer dizer, não é bem isso. Ele levou vários assistentes para lá e acabou brigando com todo mundo. O Olympio era um terrível. Agora, ele era uma pessoa de valor, sem dúvida nenhuma. Esse foi também o caso de um diretor que tinha prestígio, que tinha realmente valor, que era um professor catedrático da Escola de Medicina e tudo o mais, mas que para o Instituto o mal dele foi essa mania de grandeza que ele tinha, de comprar microscópio eletrônico. Ele fazia questão de ter tudo. Todos os assuntos tinham que ser estudados no Instituto, o que é uma bobagem, não é? Quando a gente tem uma pessoa que sabe uma coisa, a gente chama para trabalhar. Quando não tem, não vai abrir uma vaga e procurar um sujeito qualquer quando não tem um bom, não é? E isso ele cansou de fazer aqui. Até caçoavam de que o sujeito passava na rua e ele chamava. Encheu o Instituto com uma quantidade enorme de gente. O começo do declínio do Instituto foi exatamente esse fato do Olympio da Fonseca de botar gente à vontade aqui. Desde o tempo do Oswaldo Cruz havia muito aquela história de só botar gente que já estagiava aqui. E de preferência gente que fazia o Curso de Aplicação do Instituto, compreende? Gente já conhecida, já avaliada. Então, assim muita gente boa apareceu. Agora, no tempo do Olympio, não, isso era por pistolão? O sujeito chegava, telefonava para ele: "Ah, quero botar meu filho lá". E o Olympio botava o filho, sem nenhuma escolha.

RG - Mas por que? O que estava por trás desse comportamento? O que ele desejava? Porque ele era inteligente, não é? O senhor falou que ele era brilhante.

HL - Ele era inteligente, sim, mas é que ele mantinha o prestígio como uma coisa muito política, no sentido amplo de facilitar o sujeito que é importante. Ele não tinha um discernimento maior. Quer dizer, ter ele tinha, mas não usava esse discernimento maior para escolher.

WH - E quais eram as ligações políticas do Olympio?

HL - Ele não tinha propriamente uma ligação política partidária; eram ligações de pessoas influentes. Um sujeito influente qualquer - fosse ministro, fosse general, fosse um amigo dele ou da família, fosse qualquer coisa - fazia um pedido e ele botava. Aliás, o meu pai era muito amigo do pai do Olympio. Os dois tinham um sítio aí na Serra do Mar e viajavam juntos todo fim de semana. E a família do Olympio é uma família muito importante, o irmão do Olympio, o Flávio da Fonseca, foi uma das pessoas mais interessantes de São Paulo, que ajudou um colosso de gente. Ele era um tipo completamente diferente do Olympio. Era um sujeito simples e muito bom, o Flávio da Fonseca.

RG - Vocês eram da mesma geração, o senhor e o Olympio?

HL - Não. O Olympio era bem mais velho que eu.

WH - Doutor Hugo, é nessa época mais ou menos, na gestão do Aragão, que se dá o fim da 2ª Guerra Mundial e a bomba atômica no Japão. Como é que refletiu essa situação da bomba dentro do Instituto e na ciência aqui no Brasil?

HL - Entre nós, é claro que a bomba atômica foi considerada um crime enorme. Eu me lembro muito bem, que quando cheguei aqui encontrei o Haity Moussatché e o Haity estava inteiramente abafado, admirado: "Como é que podia ter acontecido uma coisa dessas?" Isso sem dúvida nenhuma. Mas a própria terminação da guerra acho que não teve muita influência aqui no Instituto. A gente estava muito à margem dessas coisas.

RG - Isso deve ter atingido mais os físicos, não é? O pessoal da área da física é que sentia mais essa questão da bomba, não é?

HL - Claro!

Fita 6 - Lado A

WH - O senhor falou de um grupo que estava questionando o Olympio, e existe uma solicitação feita por pesquisadores ao Vargas, pedindo a demissão do Olympio da Fonseca. O senhor conhece esse episódio.

HL - Não, não tenho idéia.

WH - Não sabe do que se trata?

HL - Ah, não! Houve um abaixo-assinado, disso eu tenho idéia, sim. Que houve um abaixo-assinado pedindo ao Vargas a destituição do Olympio, é.

WH - E quais eram as razões alegadas nesse abaixo-assinado?

HL - As razões alegadas é que ele protegia alguns e não dava coisas para outros.

WH - Ele realmente privilegiava um grupo e não privilegiava outro?

HL - É. Ele realmente formava grupos. O Olympio sempre foi assim. Isso é uma característica dele. Para os amigos tudo, para os inimigos nada, para os indiferentes, a lei (*rindo*).

WH - E quem eram os inimigos do Olympio?

HL - Não eram propriamente inimigos. Tinha, por exemplo, o Herman Lent, que realmente não suportava o Olympio porque o Herman Lent tinha posto algumas dúvidas no caso do Mello Leitão com o Potsch, mas o Herman Lent nunca mandou dizer nada. Ele dizia assim: "Isso é uma desonestidade, o Olympio fez uma desonestidade". Isso ele dizia mesmo. De forma que o Olympio tinha raiva do Herman. Agora, aos outros ele não dava muita importância. Mas de qualquer maneira era aquela história: "Para os amigos, tudo". Isso prejudica. Nenhum diretor pode dar tudo para os amigos. Quer dizer, dá o que os amigos precisam ter, o que há necessidade de ter.

WH - Na época do Olympio também houve uma reformulação dos cursos aqui dentro do Instituto, não é?

HL - É. Houve uma reorganização dos cursos.

WH - O senhor podia contar que reorganização foi essa?

HL - Não. Mas isso é capaz de estar bem documentado lá no curso.

WH - O senhor foi professor, durante esse período?

HL - Fui professor do curso no tempo do Olympio, mas havia muita diferença porque, primeiro, o curso era muito longo, no tempo do Olympio, acho que em vez de ser em dois anos, era em um ano ou um ano e meio, talvez. Houve uma coisa assim. Mas não foi uma coisa muito diferente, não. Depois sim, é que o curso praticamente acabou. Já não tinha muito sentido aquele Curso de Aplicação, com todas as matérias, completamente diferentes.

WH - Quando foi que o curso praticamente acabou?

HL - No tempo do Amilcar se acabou com aquele curso. Nós tentamos fazer outros. Houve, por exemplo, um curso de microbiologia, com dois ou três meses de duração. Também me lembro de um curso de micologia, que se fez aqui. Fizemos também um curso de entomologia, mas esse não tinha quase alunos. Foi aí que apareceu o José Jurberg e o Pedro Jurberg. Como não tinha quase ninguém no curso, nós os trouxemos para cá, para o laboratório e foi até muito bom.

WH - Aí se fizeram cursos setoriais?

HL - É. Aí houve uma modificação muito grande.

WH - Na época do Amilcar?

HL - Na época do Amilcar.

WH - Se incorporaram novas áreas nessa época?

HL - Não; não foram feitas em muitas áreas. Acho que também houve um curso de patologia, não estou certo. Isso só vendo, porque deve ter assentamento lá no curso. Isto estava bem anotado lá. Vocês já viram lá alguma coisa do curso?

RG - Não.

HL - No arquivo do curso deve ter esses assentamentos; é interessante para ver o número de alunos e tal. No tempo em que eu estive lá, tinha um rapaz muito bom da secretaria que fez uns levantamentos assim, a meu pedido, do número de alunos. Era uma espécie de estatística das coisas que houveram lá.

RG - O senhor acha que isso deve ter ficado lá?

HL - Ah, eu acho que ainda está lá, sim. A dona Marli está lá, não é?

RG - A gente ainda não tem contato com essa área.

HL - Ah, valia a pena ver. Quer dizer, o curso continua, pois eu tenho vindo dar aulas. E lá devem ter aqueles livros, aquelas coisas todas.

RG - É dessa época a sua contratação, não é? Quando o senhor realmente se efetivou.

HL - Não. Eu vim em 1949, no tempo do Olympio. Foi no tempo do Olympio que eu fui contratado aqui. Foi em 1949.

RG - Como se deu essa contratação sua? Foi na época em que abriram vagas?

HL - Não, na época eu acho que o Olympio conseguiu vaga. Porque antigamente havia uma coisa muito engraçada aqui, que era a verba da manqueira. Vocês já ouviram falar, eu já contei para vocês, não é?

WH - O senhor já contou.

HL - Isso era uma coisa muito importante. E eu tenho a impressão de que nesse tempo ainda havia a verba da manqueira. Acho que eu fui contratado pela verba da manqueira, mas isso não posso te garantir.

WH - A verba da manqueira já tinha acabado em 1949.

HL - É? Então é capaz de ter havido alguma outra verba para substituir, qualquer coisa assim. Eu sei que era um negócio muito precário.

WH - Aí o senhor entrou na época que o Olympio conseguiu abrir vagas?

HL - É.

WH - Não houve concurso nessa época?

HL - Não, não houve concurso. Mas aí entramos eu, o Sebastião de Oliveira, o Domingos. Todas as pessoas que já tinham trabalhos aqui. Inclusive trabalhos nas *Memórias*, de tudo.

WH - E quem indicou essa contratação dos senhores?

HL - Eu não sei. Acho que a iniciativa partiu do próprio Olympio. Até diziam que na lista tinha também o filho dele. Eu não sei bem se era verdade isso. (*rindo*)

WH - O filho dele?

HL - Ele quis contratar o filho dele. Mas como tinha várias pessoas que já estavam trabalhando aqui há muito tempo sem ser do Instituto, ele botou essas pessoas também.

RG - O filho dele era pesquisador?

HL - O filho eu acho que era estudante de medicina ou alguma coisa assim. Não sei que fim levou o filho. Porque o Olympio tinha dois filhos: um eu acho que já morreu, mas o outro era mais moço, acho que ainda está vivo.

RG - Bom, eu acho que o senhor também está interessado em avançar mais nessa parte, só para passar pelas gestões todas, entrou uma pessoa que parece que foi muito bem quisto, que foi o Laranja.

HL - Ele foi muito bem quisto.

RG - Foi uma gestão curta, mas parece que foi muito importante, não é?

HL - É. Porque o Laranja era uma pessoa muito prática, tinha muita capacidade administrativa, tinha muito hábito de administrar. Ele era da saúde pública, tinha várias gestões lá, e foi uma pessoa muito amável, muito ativa, procurava dar tudo que a gente precisava. Foi uma gestão muito positiva, a do Laranja.

RG - Ele dinamizou a casa e teve o apoio dos pesquisadores.

HL - Apoio total. E ele fez questão. Chamou todo mundo lá e conversou, compreende? Quer dizer, ele era realmente um administrador moderno. Ele fazia questão de chamar todo mundo e discutir os problemas.

RG - Foi ele quem instalou o Conselho?

HL - Não. A primeira coisa que o Laranja fez foi botar o Tito Cavalcante como secretário. E aí, pronto: abriu. Porque o Tito era muito querido, muito apreciado, muito conceituado. De forma que ele, como diretor, chamou o Tito para botar lá, e todos acreditaram que ele realmente estava querendo fazer uma administração consciente. Então, foi muito boa a administração do Laranja, sem dúvida nenhuma.

WH - Em que sentido?

HL - No sentido de que providenciou o material, providenciou as coisas todas, ativou o Instituto. Foi muito bom o Laranja. Depois é que veio o Tito, não é? O Tito veio depois do Laranja.

RG - Não. Depois veio o Xavier. O Laranja ficou de 1954 a 1955 e logo depois veio o Xavier, de 1955 a 1958.

HL - Ah, depois é que veio o Xavier! Interessante. Foi quando veio aquele Vice-presidente. Eu acho que foi quando o Getúlio deu o tiro, se matou.

WH - O Café Filho?

HL - Aí houve uma coisa importante aqui. Quando o Getúlio foi substituído pelo Café Filho, o Café Filho era amigo do Xavier. Foi ele que fez essa besteira de botar o Xavier.

WH - Quer dizer que a nomeação dos diretores sempre tinha a ver...

HL - O Café Filho foi um dos camaradas que mais tapeou todo mundo. Ele era um sujeito muito conceituado, porque era advogado dos trabalhadores nas salinas do Rio Grande do Norte. Era muito conceituado como um camarada que tinha apoio popular e tudo. Até eu votei nele para Vice-presidente. Mas depois, quando chegou lá, fez besteira de todo o

tamanho. Foi um sujeito reacionaríssimo. E foi o que aconteceu com o Instituto. Ele botou essa porcaria desse Xavier na direção, substituindo o Laranja que era um sujeito de primeiríssima. Mas também, é o tal negócio. O Laranja não era um pesquisador tradicional do Instituto, e, no entanto, foi talvez o único camarada que veio de fora, mais ou menos imposto, e que soube prestar serviço aqui. Realmente, nesse pequeno período, ele foi uma beleza. Todo mundo fala muito bem dele. E principalmente por isso, porque a primeira coisa que ele fez foi botar o Tito de... No fim, ele era um administrador muito inteligente. Chegou numa comunidade, de fora, viu que um sujeito era muito conceituado, e chamou aquele para ajudá-lo como secretário. Então, ele comprou todo mundo, não é? Quer dizer, se impôs realmente. Isso é muito importante.

WH - O Laranja era parente do Getúlio, parece.

HL - Ah, não sei. Ainda outro dia eu me encontrei com ele, aqui. Ele está bem mesmo, forte. Foi naquele dia daquela homenagem.

RG - É. A gente tem que falar com ele.

HL - Ah, sim. O Laranja é importante. Ele deve saber uma porção dessas coisas que eu não sei de administração (*Interrupção de fita*). Meus alunos lá são relaxados. Sabe o que é isso? Isso é fenol que eles deixam em cima da bancada. Olha aí: me queimei. Tive que botar uma coisa para o lado de cá.

RG - Isso aqui no laboratório?

HL - Lá na Faculdade Santa Úrsula. A gente bota a mão assim, e o fenol queima. Eu acho que o CNPq foi a coisa mais importante que já aconteceu na ciência do Brasil, porque começou a possibilitar o aparecimento de gente para começar a trabalhar. E a prestigiar aqueles que trabalham, dando maiores facilidades a quem está trabalhando. Isso foi muito importante para a ciência no Brasil. Pelo menos para o nosso grupo foi importante isso, sabe? Mesmo que a política nem sempre esteja muito certa. Eu acho, por exemplo, que o Conselho de Pesquisas, mesmo durante todo o tempo do Couceiro, não foi talvez tão rijo quanto precisasse ser, não cobrasse tanto.

RG - Foi liberal demais?

HL - É. Eu acho que essa liberalidade não é boa. Quer dizer, tinha que apertar mais as pessoas que dirigem, que são os orientadores, não os novos. Porque geralmente, quando uma pessoa não trabalha, a culpa não é daquela pessoa e sim do orientador. Se uma pessoa não dá para trabalhar num determinado assunto, o orientador devia dizer logo: "Você vai procurar outro caso". Eu mesmo já tive que fazer isso uma vez. E foi com uma das pessoas que eu mais gostei de lidar, um rapaz de um grande valor, um estudante; mas ele veio trabalhar comigo e não tinha habilidade manual. Tinha uma vontade enorme de trabalhar, mas a mão dele não funcionava. Era incapaz de fazer um risco de desenho; ele não prestava o lápis em cima do papel. E esse rapaz - foi muito engraçado, foi lá no quilômetro 47 e eu tinha uma turma grande trabalhando comigo - chegou e organizou tudo, ele tinha uma capacidade de organizar. Fez umas pastas, botou as coisas de trabalho em andamento aqui. Ficou tudo uma beleza lá. Mas ele mesmo não podia trabalhar. Então, um dia eu disse para ele: "André, você não tem jeito". Ele já tinha compreendido, era tão inteligente que já tinha compreendido. E esse rapaz foi para um outro setor. Foi trabalhar no Raio X

e trabalhou muito bem; depois fez várias coisas e hoje está muito bem na profissão dele. Mas ele não dava para aquele negócio. A gente tem que dizer.

RG - Doutor Hugo, o senhor participou, na época, dos debates em torno da criação do CNPq?

HL - Não, de maneira nenhuma. Isso foi mais ou menos feito com o Almirante Álvaro Alberto e algumas pessoas ligadas a ele na Academia de Ciências. Primeiro foi a decisão, depois os colegiados é que resolveram. Acho que isso é que foi bom no Conselho, porque o Conselho não é dirigido discricionariamente por um presidente: ele tem aqueles colegiados todos. Quer dizer, a formação do Conselho foi muito bem feita. Por isso ele é eficiente, não é?

RG - O senhor acha que chegava a ser um bom modelo?

HL - Ah, sim. Eu acho que sim. Acho que foi um bom modelo.

RG - O senhor nunca participou? O senhor não gosta dessa parte de gerenciamento?

HL - Não, não gosto. Nunca participei, nunca me chamaram. Eu já fiz parte, por exemplo, de reuniões sobre formação de gente, as coisas excepcionais. Daqueles colegiados do Conselho nunca fiz parte.

RG - Eu disse que o senhor não gosta porque me lembrei que numa época o senhor contou que foi chamado para algum cargo na diretoria da Academia, e que trocou com Gilberto Villela.

HL - Ah, é. Bom, mas aí é porque eu não gosto mesmo de ser tesoureiro. Aconteceu uma coisa familiar muito engraçada. Eu sempre tive muita dificuldade de lidar com dinheiro, quer dizer, não sei, não consigo dar valor ao dinheiro, de maneira nenhuma. Mas a minha mulher tem uma capacidade enorme de resolver essas coisas. De forma que aí foi muito bem: ela resolve e eu não tenho trabalho. Acho que a minha vida doméstica seria um fracasso se a minha mulher fosse parecida comigo. (*rindo*) Acho que a gente não tinha conseguido fazer casa, não tinha conseguido fazer nada, porque eu não tenho o menor jeito. É claro quando me chamaram pra Academia... Foi o Chagas que me chamou, o Carlos Chagas Filho, e ele me dá, ainda mais, um cargo de tesoureiro, é uma confiança grande. Eu, de maneira nenhuma, nem pensei em recusar. Mas na primeira oportunidade que vi o Villela... Eu sabia que o Villela era muito capaz com esses negócios de dinheiro. E de fato: ele aplicou o dinheiro da Academia em ações e não sei mais o que. Eu sei que foi uma beleza para a Academia.

RG - Deu tudo certo.

WH - Doutor Hugo, com o CNPq, os próprios cientistas passaram a ocupar cargos dentro do Conselho?

HL - É. Mas o que eu acho mais importante do CNPq é que, pela sua estrutura, todas aquelas resoluções são feitas por colegiados. Aqueles projetos vão todos à discussão. Eu acho que isso é que é o sucesso do CNPq. A prova é que durante todo esse tempo ruim que nós passamos, o Conselho ainda continuou funcionando.

WH - Esses colegiados eram formados por cientistas?

HL - Sim. Por cientistas e geralmente por cientistas que tem projeção. Por exemplo, o Arnaldo Coelho fez parte do Conselho, o Cândido Simões, lá do Museu, também. Agora está lá um rapaz muito bom, que é o filho do Arlei, como é o nome dele? O Herbert Shubart.

RG - Schumann?

HL - Schubart, Herbert Schubart. Eu não sei como eles descobrem o sujeito que tem jeito para isso. Lá está também o Ubirajara, de São Paulo, que é muito bom na parte de zoologia. É ele quem vai julgar os projetos de zoologia. E depois, eu tenho a impressão que mesmo chamando qualquer um que seja uma pessoa responsável, vai funcionar bem, porque o sujeito fica fazendo uma coisa pública. Eu sou muito fã dos colegiados. Eu acho que os colegiados é que resolvem os problemas. Eu, por exemplo, que fiz parte das congregações e do Conselho Universitário lá no quilômetro a vida toda, sei como isso vale. Eu me lembro que uma vez eu tive uma discussão lá sobre uma coisa que eu achava que não era certa. Eu estava sozinho, mas os meus argumentos fizeram com que todo mundo ficasse de acordo. Eu acho isso muito importante. Quer dizer que uma pessoa sozinha influi no colegiado e todo mundo vai de acordo com aquela pessoa, porque os argumentos são de tal ordem que o sujeito não pode nem falar mais. Eu me lembro de muitos casos assim lá na Congregação. Houve tempo em que eu era o mais velho da Congregação, então eles me ouviam muito. E muitas vezes aconteceram coisas assim.

RG - Mas com a criação do Conselho, foi a primeira vez que os cientistas tiveram espaço no governo, não é?

HL - É, eu acho.

RG - Houve verbas destinadas para serem gerenciadas pelos cientistas.

HL - É. Eu acho que isso é que é a coisa importante. Agora, o sucesso é da organização.

RG - Mas o Conselho foi criado numa época assim bem nacionalista, não é? Houve a questão do petróleo. Foi nesse contexto que o Conselho foi criado.

HL - É. Aliás a luta do "Petróleo é Nosso" também é uma coisa muito importante. Preciso não esquecer isso. Isso não é do Instituto, mas é uma das coisas.

RG - O Instituto participou?

HL - Não, não participou, mas eu por exemplo, me lembro que dava um dinheiro todo mês para aquela luta daqueles dois generais aposentados. Como era o nome deles? Um era o Leitão de Carvalho e qual era o outro? Eram dois.

RG - Ah, agora eu não estou me lembrando.

HL - E depois eles tiveram até a ajuda do Arthur Bernardes, que tinha sido um péssimo Presidente da República, mas que tirou o pé da lama quando começou o negócio do

petróleo, porque ele era nacionalista. Ele apenas não dava para Presidente. Era um Presidente poltrão e não funcionou. Mas na hora, ele era nacionalista. Eu acho que essa história do "Petróleo é Nosso" é um exemplo muito bom.

RG - E todo mês havia uma contribuição? Como é que era dada?

HL - Sim. eu dava. Até há pouco tempo eu ainda encontrei um recibo lá em casa.

RG - Quem cobrava?

HL - O povo.

RG - Mas a quem o senhor dava o dinheiro?

HL - Ah. Tinha gente que aparecia lá em casa todo o mês para cobrar.

RG - E essa campanha não era muito ligado ao pessoal do Partido Comunista?

HL - Não! De maneira nenhuma. O Partido Comunista é claro que apoiava, não é?

RG - Mas eram amplas as forças.

WH - Mas doutor Hugo, quando foi criado o CNPq, quem assumiu a direção foi o Almirante Álvaro Alberto. Depois, em 1955, ele foi exonerado do cargo.

HL - Deve ter sido à pedidos, não é? Pois ele sempre teve um prestígio completo, mesmo na Academia. O Álvaro Alberto sempre foi muito querido, muito conceituado, porque não só ele ajudava muito as pessoas, como ele era uma pessoa de um procedimento muito reto, muito correto. E ele tinha valor também como pesquisador.

WH - Mas não houve nenhum problema, por exemplo, entre a direção que o Álvaro Alberto estava dando ao CNPq e a direção que o governo pretendia dar?

HL - Isso eu não posso lhe garantir. Não tenho a impressão que não. Que o Álvaro Alberto deixou o Conselho porque se sentia cansado, ou tinha que fazer outras coisas. Logo depois veio o Couceiro. Acho que o Álvaro Alberto foi substituído pelo Couceiro. Ou talvez tivesse visto que uma pessoa como o Couceiro seria melhor para o Conselho do que ele mesmo.

RG - Mas seria melhor por quê?

HL - Porque já estava dinâmico, mais por dentro do ambiente todo. Porque o Couceiro era muito capaz.

RG - E o senhor lembra quando começaram as gestões para a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia?

HL - Tenho uma idéia sim. Houve um movimento grande, aqui mesmo, no Instituto.

RG - É. O Herman participou, não sei se o senhor...

HL - O Herman participou, o Haity Moussatché também. Assinamos várias coisas, sem dúvida nenhuma.

WH - E o senhor participou dessas discussões todas?

HL - Não muito. Sabe, eu sempre tive uma vida meio fora dessas coisas. Nunca tive muita possibilidade, nunca senti muito prazer nessas coisas. Eu sou meio existencialista. (*rindo*) Só faço as coisas que eu gosto. Quer dizer, apoio nunca deixei de dar. Mesmo quando esse apoio implicava assim numa coisa que me prejudicasse em relação ao ambiente tradicionalista, que é muito comum, principalmente no meu tempo. A gente tomava uma atitude que ia contra o conservadorismo dos outros e a gente ficava mais ou menos marcado por isso. Diziam: "Ah, veja só, fulano é um ingrato. Eu ajudei tanto e agora está fazendo uma coisa que não está de acordo com o que eu penso". Muita gente pensa assim. Eu nunca me furtei a isso. Mas também nunca tive o prazer de fazer essas coisas. Isso eu me penitencio, porque realmente eu não tenho esse prazer. E eu não costumo fazer o que eu não tenho prazer.

RG - O senhor não participava na parte das gestões, mas o senhor tinha uma posição, não é? Sempre tinha uma posição em relação a isso.

HL - Ah, sim. Apoio completo. Esse negócio de pagar recibo para a Petrobrás eu nunca deixei de fazer. Quer dizer, aquilo não implicava em sacrifício nenhum, mas eu digo é a coisa que eu acho que sim. Nunca me furtei a essas coisas, mas nunca tive prazer em fazer.

RG - Isso é uma coisa de personalidade, não é?

HL - É, eu acho. Porque quando a gente não faz bem uma coisa, é melhor não fazer. Deixa outro fazer melhor. Eu sempre fui dessa opinião. Quando eu me meto para fazer uma coisa, é para fazer bem feita, com amor, com vontade. Se não sair bem, não é por falta de vontade de fazer. Agora, quando a gente já vai fazer uma coisa forçado, não pode sair bem.

RG - Mas o senhor por exemplo era muito amigo do Herman, não era? Já dessa época? Vocês eram muito próximos.

HL - Sim. Sempre fui. Desde que conheci o Herman, sempre fui.

RG - E vocês discutiam essas questões do por quê?

HL - Ah, muito. Cansávamos de discutir.

RG - Então vocês debatiam, trocavam opiniões?

HL - Conversávamos muito. E sempre que ele precisava de um apoio qualquer, eu sempre dava. Assinando ou não assinando ou fazendo coisas mesmo, não é? Mas nunca estive assim à testa de uma coisa desse tipo. Por menor que seja o envolvimento.

WH - Mais uma coisa Dr. Hugo. O que se pretendia com a criação desse ministério, na

época?

HL - Se pretendia ampliar as atividades do Conselho de Pesquisas. Isso era uma coisa muito importante. E tomar conta mesmo da pesquisa, porque acho que a interferência do governo na pesquisa é contraproducente. Porque a pesquisa, para ser oficial, realmente ela tem que ter apenas o apoio, não a direção. O governo tem que financiar, mas não dar opinião. Não tem que dar opinião.

RG - Vocês achavam que o governo interferia muito?

HL - Não. Mas sempre interfere. Se não nomeia uma pessoa adequada para um determinado cargo. Quer dizer, se o pessoal que trabalha na ciência fosse providenciar a nomeação de pessoas para o Instituto, por exemplo, não ia, por exemplo, chamar o DASP para fazer um concurso. Eu já participei de banca do DASP. Numa ocasião botamos, num concurso do DASP, seis pessoas lá no Museu Nacional, seis dos graduados, que agora praticamente morreram todos, só tem o Milton Santos. E o que é que DASP tem para fazer uma programação de concurso? O concurso tem que ser feito por quem entende do assunto. E mesmo o concurso está errado, eu acho. Eu já fiz concurso, sei que o concurso está errado. É muito mais lógico que você examine a vida da pessoa, a produção, ainda mais em ciência. Ninguém tem a menor dúvida, quando examina os trabalhos de uma outra pessoa. Esses concursos para professor catedrático que eu tenho participado... Quando a gente vai para uma banca de exame já sabe perfeitamente. Quando se examina uma tese a gente sabe perfeitamente se aquele candidato deve passar naquele mestrado ou no doutorado ou não. A tese é muito mais importante do que todo o resto. De forma que eu acho que essa interferência é que devia ser completa. O governo não tem nada que se meter nisso. O que o pessoal tem que fazer é discutir e fazer valer a opinião de todos.

WH - Agora, Dr. Hugo, com a criação desse ministério, existia ao mesmo tempo algumas posições que diziam que mesmo criando-se esse ministério, quem iria assumir o cargo de ministro seria um político. Então os problemas continuariam, não é?

HL - Não. Aí já é um pouco diferente. Eu acho que se o cargo de ministro fosse um só para obter financiamentos e sucessos, e discutir, vamos dizer, um plano de governo, de reunião ministerial, discutir verbas e coisas, está bom que ele seja político. Agora, ele não pode pensar nada. Quem tem que pensar é o colegiado dos cientistas de cada grupo, é quem tem que discutir. Agora, para conseguir as verbas e conseguir coisas do governo, não há inconveniente nenhum que o ministro seja político. Acho que o ministro não deve ser um cientista.

WH - Agora, essas discussões giravam em torno de financiamentos, era o ponto principal ou havia outras questões também que implicariam em mudanças com a criação desse ministério?

HL - Não. Com a criação desse ministério, o que eu acho que o mais importante seria que as decisões fossem tomadas totalmente pelos cientistas. Isso não tem a menor dúvida. Era como se pensava. A criação desse ministério foi mais ou menos um negócio imposto, como está agora. Mas a gente espera que as coisas melhorem. O importante é ter criado, pois há sempre uma possibilidade da gente ter uma interferência maior.

WH - Inclusive, uma pessoa que estava muito mobilizada na época era o Leite Lopes, não

é? E essa era uma época desenvolvimentista, de implementação de grandes indústrias multinacionais no país. Ele fazia uma crítica a essa industrialização que era a impossibilidade de se desenvolver pesquisas no Brasil devido a que essas grandes indústrias já vinham com toda essa tecnologia.

HL - Sim. Com tudo já terminado.

WH - O senhor acha que isso também era uma proposta, dentro da criação desse ministério?

HL - É. Eu acho que sim, acho que isso também é importante, claro.

WH - E como o senhor vê essa questão?

HL - Bom. Eu acho que a tecnologia já trazida com tudo prontinho para se resolver aqui, é um inconveniente muito grande. Sem a menor dúvida que é. Agora, quando a gente não tem a possibilidade de substituir isso por uma outra coisa, não tem argumentos para fazer. Mas eu acho que toda vez que se pudesse fazer...

WH - Mas não tem possibilidades em que sentido?

HL - Vamos dizer, uma indústria que não tem uma tecnologia nacional.

RG - Quando ainda é muito incipiente, não é?

HL - É. Quando aquele setor ainda está incipiente, é claro. Mas a maior parte dos casos não é assim, não. Já se pode fazer muita coisa.

RG - Quer dizer, a idéia justamente era investir maciçamente na ciência nacional, na tecnologia para suprir esse atraso?

HL - É claro. Sem dúvida.

RG - Esse é que era, acho, o grande movimento da época.

Fita 6 - Lado B

WH - O senhor vinha dizendo, Dr. Hugo, que essa mobilização concentrou as pessoas ligadas à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Quem eram as pessoas que estavam nessa Sociedade?

HL - A Sociedade para o Progresso da Ciência, com aquelas reuniões que ela faz, tão freqüentes, dão a chance de muitas idéias surgirem. Eu acho que a Sociedade é uma coisa muito importante. Quer dizer, muitas dessas idéias são discutidas e sugeridas e até apresentadas. Porque vem um, às vezes com uma idéia completamente estapafúrdia, mas chega em público e diz aquilo, todo mundo começa a discutir e às vezes surge uma coisa muito boa.

WH - E essa Sociedade junta pessoas de todo o Brasil?

HL - De todos os setores. Aliás, no Instituto tem várias pessoas que estão muito ligadas à Sociedade para o Progresso da Ciência.

RG - Quem são essas pessoas?

HL - O pessoal nosso. O Herman Lent, por exemplo. O filho dele, Roberto Lent, podia dar boas informações sobre esse movimento.

RG - O pessoal mais jovem.

HL - É. Eu não estou muito a par não, mas sempre ouço as coisas.

RG - Mas o senhor diria que a SBPC tinha já uma importância significativa naquela época? Ou é só mais recentemente?

HL - Ah, seguramente, E teve importância mesmo durante todo esse período aí de ditadura. Foi muito importante. O único grupo que dizia qualquer coisa era esse pessoal da SBPC.

RG - Eles continuaram mantendo as reuniões, não interromperam as...

HL - Continuaram mantendo e foi muito importante.

RG - Qual era o papel da Academia Brasileira de Ciências naquela época, nesse período da década de 50, ou antes?

HL - Bom, a Academia sempre foi muito conservadora. Mas na Academia, por exemplo, com o negócio da nossa cassação, houve sessões lá. O Mário Vianna Dias, por exemplo, fez uma reclamação seríssima lá. Foi até mais importante do que qualquer outra, porque da Academia não se podia esperar uma posição talvez tão importante como essa. Acho que a Academia não se resguardou, não. O pessoal todo da Academia fez força. Também comigo.

RG - No seu caso particular, o senhor contou, que eles lhe deram todo o apoio, não é?

HL - Eles me deram um apoio completo.

WH - Mas as pessoas da Academia e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência não eram as mesmas?

HL - Não. A Academia é bem diferente da Sociedade para o Progresso da Ciência.

WH - Em que sentido?

HL - A Academia de Ciências ainda é um pouco conservadora demais para o meu gosto.

WH - Conservadora como?

HL - Conservadora assim como manter aquelas sessões, aquela limitação do número de membros. E não pode mesmo ser muito diferente, porque senão o dinheiro não dá, as

verbas não dão. Agora, a Sociedade para o Progresso da Ciência é absolutamente aberta, é absolutamente popular. Coisa completamente diferente. A Sociedade para o Progresso da Ciência é uma sociedade que tanto pode ter 5 mil membros como pode ter 250 mil, é a mesma coisa. A estrutura dela não se modifica. E a Academia não pode.

WH - Isso lhe dá um caráter de ser uma sociedade crítica, de idéias?

HL - Sim. Mas a Academia também é uma sociedade crítica, sem dúvida nenhuma. Agora, tem moldes mais conservadores. Isso é que eu digo, não tem aquela possibilidade e nem tem mesmo possibilidade de ser do tamanho da... Seria interessantíssimo se a Academia de Ciências tivesse todas as sessões como tem a Sociedade para o Progresso da Ciência. Mas isso já é praticamente impossível dentro dos moldes dela. Eu agora me lembrei de uma coisa. Que o pessoal não é tão conservador assim, porque o Chagas por exemplo, uma vez disse com muita graça, porque ele é uma pessoa muito simpática. Conhecem bem o Dr. Carlos Chagas?

RG - Não.

HL - O Chagas disse assim: "Pois é, eu só acredito que o sujeito seja comunista se ele me mostrar - ele pessoalmente, não uma outra pessoa - o recibo daquele mês que deve ter pago a mensalidade do Partido Comunista". (*rindo*) Compreende? Quer dizer, para um sujeito conservador, que é presidente da Academia Pontifícia de Roma, eu acho que esse ponto de vista...

RG - É um ponto de vista bem liberal, bem esclarecido, não é? Pouco preconceituoso.

WH - Dr. Hugo, e essas propostas, essa discussão toda sobre o Ministério de Ciência, o projeto científico que se tinha idéia naquela época, como era recebido dentro do governo, na época do Juscelino?

HL - Olha, até posso garantir que o Juscelino e o governo do Juscelino tenha tido muito essa preocupação de desenvolver ciência. Ele estava mais querendo desenvolver o suporte para uma futura possibilidade de ciência. Não tenho dúvida que é um princípio que a gente pode admitir num grupo político, que o Juscelino era um desenvolvimentista, sem dúvida nenhuma. Era muito liberal, muito.

RG - E ele contou com o apoio da comunidade científica naquela ocasião?

HL - Eu acho que sim. Pelo menos aqueles amigos dele. Eu me lembro que quando ele estava em Brasília, João Muges, que era diretor da Fundação Zoobotânica e do Museu Nacional, era muito amigo dele. Um que faleceu há pouco tempo. Ele contava com todo o prestígio do Juscelino. É claro que se nós estivéssemos num governo como o governo do Juscelino era mais simples para o desenvolvimento da ciência, porque era mais acessível, sem dúvida nenhuma.

RG - Nesse período, depois do Xavier, na época do Juscelino, veio o Amilcar, não é?

HL - Ah, sim. Para o Instituto foi uma abertura completa. Foi um período de grande abertura.

RG - O Amilcar conseguiu fazer um bom trabalho aqui?

HL - Ah, sim. Sem dúvida nenhuma.

RG - Contou com verbas?

HL - Com o apoio de todo mundo. E com as verbas que podia.

RG - E depois entrou o Tito, substituindo o Amilcar.

HL - E depois do Tito veio o Travassos da Rosa, que também foi um diretor muito bom.

RG - Que pegou o período do Jango, não é?

HL - É. E antes de vir o Lagoa, ele sofreu pressões tremendas dos bigorrilhos aí. Coitado, ele era um homem já velho, mas muito liberal e muito amigo nosso e de todos. E ele sofreu, eu sei que ele sofreu muito com as coisas. Muitas vezes ele comentou comigo.

WH - Que tipo de pressões ele sofreu?

HL - Ah! Pressões de aposentar gente, de botar para fora, de fazer coisas tremendas.

RG - Na época do golpe? Já depois de 64?

HL - Depois do golpe. Ele ainda estava aí depois do golpe. Depois eles o tiraram, porque viram que ele resistiu à pressão. E botaram o bigorrilho mor, que foi o Lagoa, não é?

WH - É dessa época também a criação da Universidade de Brasília. O senhor participou da criação?

HL - Não, não participei.

WH - Como é que o senhor sentiu essa criação da Universidade de Brasília em termos científicos?

HL - Bom. A Universidade de Brasília era uma necessidade. Não se pode compreender que uma capital não tenha uma universidade. Mas foi muito assim precipitado. Hoje em dia parece que ela já está melhor, mas ainda sofre muito com as conseqüências daquela arrumação meio desordenada do começo. A gente vê a Universidade Federal do Rio de Janeiro, apesar de todos os inconvenientes que ela teve, de ser uma universidade que trazia uma porção de professores à moda antiga, desses de fazer conferências. Na Escola de Medicina, por exemplo, os professores faziam conferências, não eram professores modernos. Na Escola de Direito, muito menos. Melhor era a Escola Politécnica que sempre foi uma escola mais prática. Mas apesar disso a Universidade do Rio de Janeiro tem possibilidades de fazer mais coisas do que essas universidades feitas assim, fabricadas a toque de caixa. A gente vê, por exemplo, a Universidade de Belo Horizonte é muito boa. Porque tem a coisa tradicional, aquele estilo mineiro, a coisa que vai aumentando, aos pouquinhos. A Universidade de São Paulo nem tem graça, porque foi a primeira universidade que teve realmente prestígio do governo e se formou bem. Mas mesmo a de Belo Horizonte é um bom exemplo.

RG - Na sua área, o Rio de Janeiro é o maior centro?

HL - Não. A Universidade em São Paulo está boa e em Belo Horizonte está muito boa. No Rio de Janeiro até que agora não está boa, não. Já esteve melhor.

RG - Já que estamos falando disso, na época da criação da USP falou-se que eles pegaram os cérebros cariocas e levaram para São Paulo.

HL - A USP pegou muito, é. Mas ainda hoje, a parasitologia, por exemplo, está muito boa em Minas.

RG - Em Minas?

HL - Em São Paulo, em Campinas, em Minas está muito boa. Em Belo Horizonte está muito boa.

RG - Mas a Universidade de Brasília sofreu muito com o golpe, também.

HL - Pois é. Eu acho que o que aconteceu com a Universidade de Brasília, foi ter sido muito arrumada às pressas. Qualquer atividade científica tem que brotar, germinar direitinho, ir crescendo, crescendo biologicamente, não é? Não pode ser muito remexida, senão...

RG - Fica uma coisa muito artificial?

HL - E principalmente no Brasil... Isso é uma idéia que eu gostaria que vocês tivessem. Uma coisa que eu penso é o seguinte: qualquer instituição, seja ela escola, instituição isolada, qualquer coisa, ela nunca deveria ter um quadro que fosse obrigado a completar. Devia ter verbas e de acordo com a discussão geral dos técnicos, dos cientistas duma determinada instituição, ou professores, devia convidar para fazer parte daquela instituição toda pessoa que realmente tivesse valor, que demonstrasse o valor. Entende? Assim nós teríamos, por exemplo, o Instituto Oswaldo Cruz com seções muito boas, ainda que faltassem algumas por falta de gente. Quer dizer, eu não compreendo como é que ainda hoje se faz uma instituição da mesma maneira que se faz uma repartição burocrática. Na repartição é preciso ter chefe, datilógrafa, ter não sei que, ter aquelas coisas todas. Aqui não devia ser assim. Devia ter a possibilidade de encaixar todas as pessoas que demonstrassem um conhecimento bom em qualquer época. Então, a instituição ia crescendo muito naturalmente. Não era obrigada a ter todas as especialidades. Às vezes podia até morrer gente e depois passar 10 anos, 20 anos sem ter ninguém naquele setor. Isso acontece em toda a parte do mundo.

WH - E na gestão Joaquim Travassos, como é que estava essa situação no Instituto?

HL - No começo... antes do golpe, porque ele assumiu antes do golpe, não é?

RG - Ém 61 e ficou até 64.

HL - Foi muito boa, porque o Travassos da Rosa era uma pessoa excepcional.

WH - E essa situação de ter gente trabalhando em diversas áreas.

HL - Sim. Gente prestigiando os que trabalham. Porque para mim a direção do Instituto sempre foi boa quando as pessoas que trabalham lá eram prestigiadas. Acho que isso é a coisa importante. E, por exemplo, o Xavier e o Olympio não discerniam. Para o Olympio todo mundo estava bom, ia tocando. E o Xavier era pior, porque ele reunia aquele grupinho, conseguia tudo para eles e não dava a menor bola para ninguém.

RG - Qual era o grupinho dele?

HL - Ah, essa mediocridade maior que tinha aí; uns camaradinhos aí que eu nem estou me lembrando direito quais eram.

RG - De diversas áreas?

HL - É. O Lacorte, essa gente que nunca...

WH - O próprio Olympio?

HL - O Olympio estava muito fora daqui. Ele tinha o laboratório aqui, mas só vinha às vezes. O Olympio nunca foi... Não sei, nunca soube direito o que o Olympio fazia.

WH - Mas naquela época do...

HL - A época do Joaquim Travassos foi muito boa. Ele era muito presente, sempre muito amável com todo mundo, muito amigo. Qualquer coisa que se pedia ele estava sempre pronto. Porque o Instituto nunca teve verbas assim muito grandes, mas sempre esteve melhor do que os outros. O Museu Nacional, por exemplo, nunca teve um tostão para comprar selo. (*rindo*). Isso nunca aconteceu no Instituto.

RG - O Museu Nacional sempre viveu numa situação de penúria.

HL - Nunca teve. Nunca teve um tostão para comprar selo. Uma instituição internacional, que faz toda a correspondência externa, mas que nunca teve um tostão para comprar selo. Coisas do Brasil, não é?

WH - É nessa época, Dr. Hugo, que se começa a falar nas reformas de base. E a saúde pública é um dos itens dessa reforma, na época do governo Jango. Como é que se refletiu essa proposta das reformas de base na área de saúde pública, aqui dentro do Instituto?

HL - Olha: o Instituto sempre teve muita ligação com saúde pública, mas mais por causa dos cursos que dava, porque todos os médicos de saúde pública faziam o curso aqui. Começavam a fazer um Curso de Aplicação e depois um curso de saúde pública. Agora, eu nunca tive muita idéia dessas coisas de reforma de saúde pública aqui no Instituto. Quer dizer, o Instituto era muito presente por isso, porque tinha antigos alunos dos cursos que ocupavam cargos de saúde pública. Então vinham freqüentemente ao Instituto e tal.

WH - Mas nessa época houve uma ênfase dessa área de saúde pública aqui?

HL - Não. Disso eu não tenho muita idéia não.

RG - Quando o senhor disse que houve essa tendência de só prestigiar a área médica em detrimento das outras áreas? O senhor mencionou que isto foi um grande erro que, a partir de um certo ponto, se cometeu aqui no Instituto.

HL - Ah, sim. Isso é verdade.

RG - Isso foi quando? Foi depois do golpe?

HL - Não. Depois que nós saímos que veio esse... Eles fizeram algumas coisas boas, como por exemplo, chamar o Leônidas Deane. Foi uma excelente aquisição. Acho que o Leônidas Deane devia estar aqui sempre que ele quisesse vir. Mas isso foi por causa da ênfase, não é bem para as coisas médicas, mas para a medicina aplicada. Porque todos os trabalhos feitos aqui tinham que ser necessariamente de parasitologia ou de transmissores de doenças. Isso na minha área, na nossa área. De forma que isso prejudicou muito, porque o importante também é a pesquisa básica de zoologia de um modo geral. Porque não se faz parasitologia, sem ter uma base de zoologia.

RG - Isso acabou, de certo modo?

HL - Isso acabou. Sob certos aspectos, acabou. Porque eles fizeram questão que se fizesse só a pesquisa aplicada.

WH - E a cassação de vocês, de todo um grupo que estava ligado à pesquisa básica, poderia também ser resultado dessa vontade de transformar o Instituto só em medicina aplicada?

HL - Não. Essa cassação foi um ato exclusivamente político. Quer dizer, no plano de atemorização da população, nós entramos. (*rindo*). Sem a menor dúvida. Foi só para isso, só por isso.

WH - Mas Dr. Hugo. Esse período do Jango é um período muito movimentado politicamente. Como é que se sentia toda essa mobilização política aqui dentro do Instituto?

HL - Olha. Havia um pouco de inconstância, de instabilidade. Mas propriamente não teve coisas reais, vamos dizer, o aparecimento de fatos que influenciaram. Isso acho que não. O Instituto ficava mais à margem de todas essas coisas. Eu tenha a impressão que durante todo o tempo que eu estive no Instituto, de 31 até 70, nem a guerra mobilizou. É claro que a gente sentia isso em casa, na vida comum. Mas dentro dos laboratórios nunca se sentiu nada, de maneira nenhuma. Só depois que vieram os militares que, então, a gente sentia aquela pressão, uma pressão constante.

RG - Isso foi sentido desde o começo?

HL - Desde 64. Seguramente, desde 64.

WH - O senhor falou em instabilidade política naquele momento do Jango. Sentia-se a possibilidade de um golpe militar naquela época?

HL - Ah. A gente sentia, é claro. E depois não era só do golpe, porque eu ainda sou do tempo das outras revoluções, de forma que eu sabia da instabilidade. A gente estava vendo que de uma hora para outra, tanto podia acontecer na Argentina, na Bolívia, no Brasil ou no Peru. Era a mesma coisa. A gente sentia isso. Quer dizer, eu só senti realmente uma possibilidade de estabilidade durante o governo do Juscelino. Com essa gente sentia estabilidade. A gente sentia que o troço era democrata a todo pano, não é? Quando houve aquela revolta dos aeronautas, não sei onde, aí no interior, o Juscelino chamou o cara e passou um pito e mandou para casa. Isso aí a gente via que esse governo que faz isso está certo de que o Exército todo está por trás dele. Ele não tem ninguém que tenha possibilidade de fazer nada. Você faz uma revolução, chama o camarada, não vai prender, não vai fazer nada, só diz: "Oh, você deixa de ser besta viu, vá tratar da sua vida profissional e não se meta nessas coisas". Não é? A gente sentia. Aí a gente sente estabilidade. Mas quando a gente ouve, mesmo no tempo do Getúlio, dizer: "Ah, transfere o chefe do 1º exército, para o 3º, pega o do 3º, bota outro para lá", a gente estava sentindo a instabilidade. Isso a gente sente mesmo sem ser político nem nada. Agora, nada dessas coisas se refletiam dentro do Instituto.

WH - Mas não se comentava isso?

HL - O Instituto era uma coisa muito estável dentro do...

WH - Do contexto nacional?

HL - Do contexto, é. Mesmo essas mudanças de diretores não tinha... Quer dizer, quando o Chagas morreu o substituíram, depois quando o outro morreu substituíram pelo Fontes, não é? A gente não sentia a pressão.

RG - Os vínculos do Instituto com o Ministério da Saúde corriam também calmamente?

HL - Ah, sim. Muito bem, claro. Com grande prestígio para o instituto.

RG - Quer dizer que a mudança de um ministério por outro ministro não chegou nunca a abalar a estrutura interna do Instituto?

HL - Não se sentia, não se sentia.

WH - Aí veio o golpe de 64, em abril. Logo depois do golpe, o que aconteceu aqui no Instituto?

HL - Bom. Aconteceu a coisa mais séria aqui do Instituto e que deve ter acontecido em todo lugar, que foi a delação. As pessoas subalternas, sem categoria nenhuma, vão começar a acusar o outro de comunista. Isso era comuníssimo.

RG - Houve esse clima?

HL - Ah, sim. Isso era o que mais deprimia.

WH - Isso foi logo depois do golpe.

HL - É. Havia pessoas que se aproveitavam da situação. Aqui, porque no Museu Nacional

não houve um caso, sabia? Engraçado. É verdade que a quantidade de gente lá é muito menor que aqui.

WH - O senhor estava ligado ao Museu também?

HL - Eu ia muito freqüentemente ao Museu. Sempre fui.

RG - E esse clima de delação aqui dentro, foi isso que fez instaurar a comissão de inquérito aqui?

HL - Não! A comissão de inquérito foi coisa direta do Lagoa para pegar o Herman. Exclusivamente. Do Lagoa em combinação com o Olympio da Fonseca, tanto que ele foi o presidente da comissão de inquérito. Isso foi pra pegar o Herman Lent, sem a menor dúvida. Não foi pelo Haity Moussatché, nem pelo Tito Cavalcanti, nem nenhum dos outros. Eles aproveitaram que os três tinham sido do Partido Comunista, mas o negócio foi feito para pegar o Lent, não tem a menor dúvida.

WH - Por que eles queriam pegar o Lent?

HL - Porque eles tinham gana do Herman, porque o Herman tinha posto abaixo os podres deles todos. Isso não tem a menor dúvida.

WH - E não conseguiram. Pelo menos naquela época não conseguiram.

HL - Não conseguiram.

WH - Eles teriam cassado o Herman naquela época?

HL - Não! Cassar o Herman sozinho não podiam. Por que iam cassar o Herman sozinho? O Herman fazia parte de um grupo, não é? Eles tinham que cassar o grupo. Quer dizer, o pretexto era maior porque foi para cassar o grupo, para não dizer que era o Herman. E depois não era só cassar o Herman, não é bem isso, talvez eu não esteja explicando muito bem. Quer dizer, o Lagoa precisava aumentar o seu prestígio. Isso apareceu durante um inquérito daqueles, por escrito. Eu li. Uma comissão a propósito de um inquérito que houve no Ministério da Saúde para todos nós que tínhamos recebido grana de estrangeiros ou nacionais ou do Conselho de Pesquisas, porque eles queriam pegar se a gente tinha qualquer coisa de desonesto. E o presidente da comissão de inquérito chegou à conclusão, disse assim: "Nunca pensei que tinha um grupo que tivesse as contas tão em ordem como vocês".

WH - Esse era o inquérito do Olympio?

HL - Não. Do Ministério da Saúde, que era um outro inquérito.

WH - Quem era o Presidente?

HL - Ah, sei lá. O Herman sabe o nome dele. O Herman é quem tomou conta dessas coisas. Eu não sei o nome. Mas foi instalado no Ministério da Saúde.

WH - Vocês eram chamados para ir no Ministério?

HL - Fomos lá no Ministério. Eu li um parecer de um fulano daqueles, protegido do Dr. Rocha Lagoa, que apesar de ser considerado um mau pesquisador era um anti-comunista convicto. E o Lagoa fazia questão de mantê-lo, apesar de ser um mau pesquisador... Não se pode nem chamar de pesquisador porque ele nunca fez nada, ele fazia questão de manter aquele anti-comunista e por isso ele fez esse negócio. E caiu a sopa no mel, porque ele tinha uma gana do... E o Olympio deve ter tido uma participação muito especial contra o Herman, sabe? Porque o Olympio ficou muito desmoralizado com o tal processo do Mello Leitão, muito. Porque foi um negócio público. Ele tinha uma gana louca do Herman.

WH - Dr. Hugo, o senhor falou dessas delações que começaram a surgir logo depois do golpe...

HL - Ah, sim, logo depois. Uma mulher dessas que não gostava de um fulano foi logo delatar que o fulano era comunista.

WH - O senhor foi delatado?

HL - Não. Eu não. Isso era coisa só do Lagoa. Lá no quilômetro 47, onde eu fui professor, o maior delator era um sujeito chamado Barreira, um assistente que para aproveitar a onda, para ficar em melhor situação, foi logo delatando todo mundo. Um dia, na comissão - porque tinha um coronel de cavalaria que era o chefe do inquérito - alguém disse: "Quem podia dar boas informações disso era o Hugo Souza Lopes". Então esse delator disse: "Ah, não chamem o Hugo não, ele só vem aqui para dar aula". Compreende? É que eu não tinha a menor... Só mesmo do Lagoa.

WH - Pelo quilômetro 47 o senhor nem foi chamado a depor?

HL - Não, nem fui chamado. Disseram: "Não, não bota o Hugo nessa jogada que ele não sabe de nada, só vem aqui para dar aula".

WH - Quer dizer que no quilômetro 47 o senhor não teve nenhum problema?

HL - O Ubatuba teve.

WH - Que tipo de problema?

HL - Ficou preso no paiol de pólvora uma porção de tempo. Prenderam ele. Aquilo foi uma coisa horrorosa.

WH - Por que prenderam ele?

HL - Para averiguações, para intimidar. Porque lá a população era grande, com muitos alunos. E esses bigorrilhos tinham pavor de estudantes, sabia? Verdadeiro pavor. E lá no quilômetro 47 tinha uns estudantes daqueles terríveis. E tinha, parece, três ou quatro delatores desses. Mas lá faziam até o seguinte: tinham que arranjar gente para sentar nas mesas do refeitório, que tinham que ser completadas. À proporção que os alunos iam entrando e os professores também, junto com os alunos, ia-se completando uma mesa para poder completar a outra. E quando sentava um aluno, desses três delatores que

tinham lá, os outros levantavam. Tinha que arranjar gente para sentar na mesa porque senão...

WH - Eram alunos que delatavam outros alunos?

HL - É. Lá havia uns três delatores. E os estudantes apanharam eles. Pagaram lá no mato e apanharam. Apanharam tremendamente, todos três. Apanharam mesmo. Encheram-nos de pancada (*rindo*).

RG - Mas vocês conseguiram trabalhar nessa época ou toda a parte de pesquisa ficou muito parada?

HL - Não, conseguimos trabalhar sim.

RG - Apesar de todo esse clima?

HL - É. Nosso tipo de trabalho até distrai, não é? Quando a gente está preocupado, distrai.

RG - Quer dizer, até a época que vocês realmente foram cassados, vocês permaneceram ativamente pesquisando.

HL - Sim, trabalhando sempre, claro. Eu estava em São Paulo quando vi a cassação, na televisão (*rindo*).

WH - Ironia.

HL - É.

Data: 01/07/1986

Fita 7 - Lado A

RG - Dr. Hugo, depois de um longo intervalo entre o nosso último encontro e o de hoje, nós gostaríamos de retomar um pouco aquilo que já vínhamos falando da última vez, que era um pouco a história da instituição, não é?

HL - Através das administrações várias, é.

RG - Através das várias gestões, gostaríamos de acompanhar um pouco o que acontecia aqui no Instituto. E justamente a gente poderia retomar com esse período da década de 60, inclusive do golpe de 64 que foi a gestão Joaquim Travassos da Rosa. E aliás é um assunto que a gente tem muito pouca informação. Quer dizer, tudo o que o senhor puder nos contar sobre esse momento para nós seria novidade.

HL - Eu não sei se já falei com vocês que a administração do Dr. Laranja, que foi a anterior, foi uma administração muito eficiente. Isso eu já disse, mas talvez não tenha lembrado de dizer porque o Dr. Laranja logo obteve uma completa cooperação de todos os que trabalhavam realmente aqui. O Instituto sempre teve o pessoal que trabalhava e o pessoal que tinha emprego. Isso teve e ainda tem, a gente pode olhar pelo número de automóveis que está aqui fora. (*rindo*) Eu estava pensando. Aliás, uma coisa eu faço questão de dizer a vocês. Um dia desses, eu passei, vi tanto automóvel e pensei: "Se automóvel fizesse trabalho científico, a memória do Instituto Oswaldo Cruz deveria ter, pelo menos, dez vezes o volume que tem". Isso pela quantidade de automóveis que a gente vê. Mas sempre foi assim. Agora deve estar um pouco mais desenvolvido isso, mas sempre foi assim.

RG - Desde que o senhor entrou aqui?

HL - É. Porque sempre houve no Instituto - isso é uma coisa que eu acho que ainda não disse a vocês um pessoal, não precisa ser nem melhor nem pior nem de muita qualidade, mas um pessoal que levava a sério. Então, diariamente, vinha aqui, trabalhava, por menor espaço de tempo que tivesse, alguns ensinavam também, tinham outras atividades, mas que levavam o Instituto a sério. Então, o trabalho científico daqui é um trabalho continuado. Senão deu muita coisa num mês, vai dar em três anos, em cinco anos, mas vai dar.

RG - Um funcionário público?

HL - É, funcionário público. Agora, desse pessoal, alguns, apesar de não ter um trabalho científico intenso, eram ainda positivos, porque eram pessoas que ajudavam, pessoas que não atrapalhavam pelo menos. Isso era uma coisa que exatamente a seção de vocês podia fazer, uma estatística bem feita. Quantas pessoas estavam, quantas pessoas trabalhavam, quando trabalhavam e com o que tem nas *Memórias*² e pela produção pode ver também o que está em revistas estrangeiras, porque alguns, principalmente da área de Fisiologia e de Bioquímica, trabalhavam, publicavam pouco nas *Memórias*, publicavam mais nas revistas especializadas, estrangeiras.

² Refere-se às *Memórias do IOC*, revista científica publicada pelo Instituto Oswaldo Cruz.

RG - Quais áreas que publicavam pouco aqui?

DM - O pessoal da Fisiologia e da Farmacologia não era muito assíduo nas *Memórias*...

RG - Eles tinham outras publicações, outros vínculos?

HL - Mas é porque tinham as publicações especializadas, não é? Porque nessa área o pessoal todo tinha sua revista que é uma revista que já faz uma seleção grande de trabalhos e que todo mundo tem, quando quer trabalhar naquele assunto.

RG - Aqui, quais seriam as áreas que produziam para as *Memórias*?

HL - As *Memórias* tinham mais coisas de uns certos assuntos, quer dizer, certos assuntos quase não apareciam nas *Memórias*.

RG - Exato. Mas quais seriam esses assuntos?

HL - Tem que ver nas *Memórias*, tem que ver a produção científica, não adianta ver só nas *Memórias*, tem que ver também o currículo de cada uma das pessoas. Pelo menos dos que trabalhavam, na Biblioteca deve ter isso. É uma coisa que eu acho que se devia fazer. Havia também pessoas com uma produção científica reduzida, como por exemplo, o Gomes de Farias. O Gomes de Farias tem uma produção científica relativamente reduzida, não é? Trabalhou nessa sala. Quando eu vim pra Mangueiras, eu acho que ele trabalhava aqui. Mas foi quem fundou o Instituto de Tecnologia. Toda a tecnologia começou com o Gomes de Farias. Primeiro era uma técnica. E ajudava todo mundo, resolvia problemas para todo mundo.

RG - Qual o instituto que ele fundou?

HL - Esse Instituto de Tecnologia. O famoso Instituto Tecnológico, aqui do Rio de Janeiro. Hoje já deve estar com um desenvolvimento muito grande. Quer dizer, o professor Carneiro Felipe era uma pessoa de qualidades extraordinárias. Também ajudava todo mundo. Agora, tem alguns que não só não faziam nada, como atrapalhavam, como desmoralizavam o Instituto. Eu nunca me esqueço de dois camaradas que tinha aqui, quando eu vim pra cá, que causavam um escândalo enorme, porque eles tratavam de doenças venéreas e botavam em baixo do nome "do Instituto Oswaldo Cruz", no anúncio do Jornal. (*rindo*). Compreende como é? Quer dizer, muita gente era do Instituto para ter vantagens pessoais.

RG - E isso sempre existiu, não é?

DM - Então, isso é muito importante de ver. Agora, a primeira coisa que o Dr. Laranja fez, foi nomear o Tito Cavalcanti como secretário técnico. Quer dizer, com isso, todo mundo viu que ele estava querendo acertar. E todos deram um crédito de confiança a ele, que aproveitou e fez uma administração excelente. Depois veio o Joaquim Travassos da Rosa, que era um cientista de grande renome. Ele vinha de São Paulo, trabalhou muito tempo no Butantan; e tinha renome universal, era uma pessoa que tanto podia ser diretor do Instituto Oswaldo Cruz como podia ser diretor de qualquer instituto de qualquer parte do mundo.

RG - Mas ele já estava aqui no Rio ou veio direto de São Paulo?

HL - Não, acho que ele já estava aqui.

RG - O senhor não se lembra como é que se deu a indicação dele?

HL - Eu sei que ele era queridíssimo. Tinha uma influência enorme. Essa foi uma administração que era uma coisa natural. Depois, foi também uma coisa muito boa porque, como ele era uma pessoa insuspeita do governo militar, pois ele era muito conservador, o Instituto foi protegido por isso. Isso não tem a menor dúvida. Agora, ele sofreu muito. O rosto que o Travassos tinha quando imprimiram esse documento... Ele sofreu, se sentia... Queria fazer alguma coisa. Qualquer coisa, qualquer protesto que ele fizesse era importante para ele e para nós.

WH - É, porque inclusive ele continuou diretor depois do golpe, depois dos inquéritos. Porque ele continuou sendo diretor?

HL - Por causa disso, porque ninguém tinha algum pretexto para tirá-lo. Esses camaradas foram bem cara-de-pau, mas toda cara-de-pau tem seu limite, não é? Chega a um certo ponto que é demais.

WH - Mas ele tinha vinculações com os militares?

HL - Não! Absolutamente.

WH - E com o governo Jango?

HL - Ele tinha era um prestígio pessoal muito grande. E era uma pessoa absolutamente insuspeita sobre questão de subversão. Como é que eles podiam subversão. Como é que eles podiam dizer? É como o Dr. Villela. Quem é que podia dizer que o Dr. Villela era subversivo? Ninguém podia dizer isso.

WH - E a administração dele foi boa? O que ele realizou durante a sua gestão?

HL - Para o Instituto, a coisa mais importante era dar meios para o pesquisador trabalhar. Porque qualquer interferência direta da diretoria na linha de trabalho, qualquer opinião pessoal do diretor, não adianta nada. O que adianta é o diretor apoiar o trabalho científico dos outros. E isso o Travassos fazia diariamente.

RG - Ou seja, ele dava liberdade e dava apoio financeiro, material.

HL - Ele dava um apoio muito grande. Para mim pelo menos, pessoalmente, ele foi extraordinário.

RG - O senhor tem uma boa lembrança.

HL - Quer dizer, ele se interessava pelo trabalho, dava um apoio muito grande.

WH - O senhor costumava, Dr. Hugo, ir até a direção? Era hábito os pesquisadores irem até a direção para conversar sobre os trabalhos que eles faziam?

HL - Sim. muitas vezes. Com o Laranja, com o Travassos, sempre se ia. Depois então, com o Amilcar e com o Tito Cavalcanti, também. O Tito Cavalcanti, então, não resolvia nada sem reunir o pessoal todo e professor. Era de um grande espírito democrático.

WH - Isto se fazia informalmente ou tinha um conselho?

HL - Ah, não. Informalmente. Eu sempre achei que o Instituto não devia ser dirigido por um presidente. Continuo achando. Acho que para um instituto científico o diretor tem que ser executivo. Quer dizer. Qualquer linha de trabalho, qualquer discussão política de trabalho tem que ser uma coisa de debate. E discutida amplamente. Não só pelo pessoal muito graduado, por todos. O problema é esse.

RG - O senhor tem exemplos de lugares que acha que mantiveram essa linha ou isso é só um projeto ideal?

HL - Não. Em outras partes do mundo isso existe, porque, de fato, há até a opinião pública muito grande. E o jornal escreve, o diretor é importante para a política. Agora, já sabe como são as coisas, aqui, não é? Lá fora haveria uma opinião pública formada. É natural que num governo como o nosso não exista esta preocupação do diretor de só fazer coisas certas. Então fica fazendo só o que realmente está muito pensado, muito discutido. Agora, eu acho que isso devia ser uma coisa oficial. Quer dizer, nenhum homem devia tomar responsabilidade de decidir uma coisa política e científica. É contraproducente, inteiramente contraproducente.

RG - Tem que ser a comunidade, não é?

HL - Principalmente porque onde há, como no Instituto, uma porção de especialidades completamente diferentes, o que serve para um não serve para outro. Então, precisa sempre ter uma discussão ampla, muito ampla. Agora, isso era feito no tempo do Amilcar, no tempo do Travassos, no tempo do Laranja. Antes não, porque o Instituto vinha de uma época... Por exemplo, o Dr. Aragão, de quem eu acho que já falei aqui, era muito meu amigo, eu gostava imensamente dele, mas era um patriarca. É diferente. Nós vivemos num sistema patriarcal e passamos depois, com o Laranja, para um sistema mais democrata.

RG - Parece que com o Laranja se inaugura assim uma nova fase, que vai até 64 e acaba com a ditadura.

HL - Eu acho que sim. E com o Laranja que, de início, ninguém conhecia direito aqui. Eu, pelo menos, não conhecia. Mas logo que ele tomou posse, reuniu o pessoal aí, convidou o Tito e discutia as coisas e conversava.

WH - Isso foi iniciativa dele?

HL - Foi sim. Ele era uma das pessoas mais inteligentes com quem eu já lidei. Era muito inteligente, muito livre também. De forma que ele percebeu que esse é que era o processo certo.

RG - O senhor diria, então que, nesse período nessa fase final do Instituto, antes do golpe

de 64, isso se sentiu não só no clima como na própria produtividade? O Instituto naqueles 10 anos foi florescente?

HL - Ah, sim. Sem dúvida.

RG - Ele estava numa fase boa, cientificamente falando?

HL - Estava numa linha certa, vamos dizer. Se dessem mais uns 10 anos, o Instituto seria muito melhor.

WH - Que linha estavam se desenvolvendo nessa época, Dr. Hugo?

HL - Desde que eu vim aqui para o Instituto, em 1931, o que mais me impressionou foi o deixar fazer. Porque cada um ajudava o outro. Eu acho que já contei aqui uma frase que eu achei muito boa, dita pelo Dr. Godoy, que era um microbiologista. Foi um dos que inventou a vacina da manqueira, ele e o Machado. Seu trabalho era mais um trabalho técnico do que um trabalho científico, mas ele dizia para o Travassos: "Olha, Travassos, eu não entendo nada desse troço que você está fazendo. Justamente por isso é que eu respeito". Essa é que era a mentalidade do Instituto, entende? Isso é que era a coisa boa aqui no Instituto. Cada um respeitava o que o outro estava fazendo. Ninguém achava graça, nem os técnicos graduados nem os serventes. Porque é muito comum, em qualquer lugar aí, o sujeito achar graça porque o outro está pegando bichinho, porque o outro está fazendo uma coisa qualquer diferente. Porque ele não sabe, acha esquisito, começa a criticar. Aqui, se respeitava justamente por que não se sabia. Isso é que a coisa mais importante.

RG - Havia um espírito de comunidade científica.

HL - É. Que eu acho que vinha desde o Oswaldo Cruz.

RG - A gente está entrevistando técnicos também, nós estamos tentando fazer um trabalho paralelo com os cientistas e os auxiliares.

HL - Vocês sentiram isso, nesses técnicos antigos?

RG - A gente está começando.

HL - Vocês já viram o Chico Trombone, por exemplo?

RG - Já. É tão interessante ver como é que se dá essa relação entre o cientista e o auxiliar. O papel tão importante que o auxiliar desempenha nessa produção científica.

HL - Claro. É muito importante, importantíssimo.

RG - E essa coisa da comunidade, realmente existia.

HL - Existia. Talvez, depois, foi-se perdendo pelo grande número de pessoas, porque começa a aparecer uma porção de pessoas, aquilo dilui de uma tal maneira, e a relação entre eles se torna muito difícil.

RG - O senhor acha que o Instituto cresceu demais?

HL - É. O Instituto cresceu muito.

RG - Além das possibilidades dele?

HL - Não só cresceu demais, mas teve um crescimento errado. Porque uma outra coisa também que eu acho muito importante no Brasil é que as Instituições científicas são feitas nos moldes burocráticos. Uma repartição burocrática tem que ter uma pessoa para lavar o chão, tem que ter uma pessoa para atender à porta, tem que ter uma pessoa para atender o telefone, tem que ter uma pessoa para bater à máquina, tem que ter uma pessoa que saiba escrita para fazer os troços, para arquivar papel. Aqui é feito da mesma maneira, é claro. Não se pode imaginar uma repartição que não tenha um datilógrafo, que não tenha uma telefonista, que não tem uma pessoa.... Mas no instituto científico é ao contrário, quer dizer, a gente tem que ter o lugar para que na hora em que apareça uma pessoa capaz, venha ocupar esse lugar. Não adianta, por exemplo, fazer concurso pra ter um funcionário. Não adianta nada disso.

RG - Não adianta ter lugares pré-estabelecidos, não é?

HL - É. O lugar tem que ser criado, desde que apareça uma pessoa que esteja podendo trabalhar naquele assunto. Isso é que ninguém entende. Acho que ninguém entende uma coisa dessas. Aqui se tem o quadro, e tem que se preencher o quadro. Mas na verdade, acho que não tem que preencher o quadro. E não tem nem que ter quadro, não é? Tem que deixar as equipes científicas se formarem não porque existe um quadro, mas porque pessoas conversam umas com as outras, vêem que um está precisando do outro. Então começa a se formar uma equipe para trabalhar. Ou então o sujeito faz um trabalho individual. Quando ele tem uma pessoa para ajudar, foi uma pessoa que ele convidou, um estudante que ele convidou, que está começando a treinar. Assim aparece um segundo time. Mas tudo isso tem que ser muito naturalmente. Não pode haver um planejamento. Não existe um planejamento. Porque planejamento implica em formação de lugar. Planejamento tem que ser: "Vamos trabalhar neste assunto, nesta direção". O ponto de partida é uma pessoa que já sabe alguma coisa. Então é só deixar, porque vai aglutinando, em torno daquela pessoa e acaba formando uma equipe que dá um trabalho bom.

RG - O tempo da ciência é uma coisa a longo prazo, não é?

HL - É. Nas universidades isso fica mais aguçado porque precisa de professores. Aí é mais sério. Por exemplo, nos países muito desenvolvidos você tem uma porção de universidades que formou uma porção de gente e começa a fazer uma contra-dança, não é? Está precisando de professor de um determinado assunto, é só espalhar que está precisando que se oferece um aqui, outro lá, para ganhar mais, para ter um... aí se formam. Mas nossa universidade ainda é pior. Agora, uma coisa é pesquisa do universitário. O ensino só é bom quando existe pesquisa, claro. Mas isso não quer dizer que não possa haver um professor para ensinar certas coisas, mesmo que ele não seja um pesquisador. Às vezes até se forma um ambiente de pesquisa a partir de um professor que atenda à profissão. Não tem aquelas qualidades que a gente quer, mas é honesto, sério, sabe as coisas, já aprendeu ou mesmo é autodidata. Eu acho que esse é o fenômeno mais importante. Se no Instituto não tivesse quadro, nós não teríamos esses marginais todos que tomaram conta do Instituto. Na realidade o que aconteceu foi isso. Foi que cresceu

tanto a marginalidade em torno do trabalho científico no Instituto, que num determinado momento o número de cientistas era tão pouquinho, tão insignificante, que eles tomaram conta, não é? Porque o Lagoa não foi um fenômeno isolado. Em torno dele tinha todos aqueles marginais que vieram desde 1931 para cá. Eu via a trajetória desses marginais todos, que chegaram e formaram um grupo.

RG - E tomaram o poder?

HL - Já que os militares tinham facilidade, eles tomaram o poder. Foram lá com o papel de anti-comunistas. Aprenderam o fenômeno, não é? Eles usaram o anti-comunista para tomar conta das coisas.

RG - O senhor está querendo dizer que o golpe, na verdade, foi apenas um momento em que houve oportunidade de um outro grupo tomar o poder?

HL - Sim. Por que no Museu Nacional não houve golpe? Porque o Museu tinha um quadro que estava aparado há muito tempo, que tinha, por acaso, um pessoal remanescente, de outros tempos. Foi o contrário do que houve aqui. Lá no Museu havia um camarada que estava muito nervoso. Ele já tinha um pouco de mania de perseguição, e achou que ia ser preso e tal. E os outros todos apoiaram, foram lá. Foi o contrário do que houve aqui. Este sujeito, aliás, não estava de fato bem de saúde, e depois piorou muito. Mas foi exatamente o oposto. Aqui, o que aconteceu foi isso. Todos esses camaradas estavam loucos. Então, depois do período do Amilcar e do Tito e depois mesmo do Travassos, estavam assanhados, se considerando injustiçados.

RG - Eles estavam perdendo terreno.

HL - Eles eram também funcionários, mas não tinham prestígio, porque, é claro, não trabalhavam. Não podiam ter prestígio, não é? Nunca publicaram uma linha. Que prestígio eles podiam ter? Então faziam só coisas de farol. Quer dizer, não tinham conceito.

WH - Quer dizer que o questionamento que se fazia a essas pessoas era puramente científico, em termos da participação deles no trabalho científico ou havia outro tipo de incompatibilidade com esse grupo?

HL - Não, porque, de um modo geral, esses camaradas que estavam aqui, que faziam parte deste grupo, eram, primeiro, pessoas medíocres. Sabe que existe muita gente que não tem condição, não é só condição de cultura, mas condição intelectual? Tem que ter o mínimo. Não precisa ser nenhum gênio para fazer um trabalho científico, mas precisa ter pelo menos senso comum, não é? (*rindo*). Se não tiver o senso comum, que a gente chama vulgarmente de "*desconfiômetro*", começam a fazer besteira de todo tamanho. Esses, então, se sentiam injustiçados por causa disso. Principalmente depois dessa política toda de dar força a quem está trabalhando, de juntar gente nova.

WH - Que áreas, Dr. Hugo, estavam se desenvolvendo bem no período antes de 64?

HL - Bom. Aqui, o que se desenvolveu sempre muito bem foi primeiro a zoologia, de um modo geral e a parasitologia. Depois a microbiologia, também muito bem desenvolvida. E a fisiologia e farmacologia. Essas eram as áreas melhores. A anatomia patológica

também sempre foi muito boa aqui. Basta citar o Magarinos Torres que é uma das pessoas mais importantes em anatomia patológica que já houve. Então, essas áreas eram muito boas. Mas depois houve diretores, como o Olympio da Fonseca, que achavam que tudo tinha que ter tudo. Tem que ter um botânico? Então chamou um excepcional botânico, muito bom, lá do Jardim Botânico, e ele estava meio deslocado, não tinha muito o que fazer. Arranjou um assistente, que por sinal era uma pessoa excelente. Até hoje eu me dou muito bem com ele. Mas nunca formou um grupo aqui, porque não tinha muita razão de ser. É preciso ser um pioneiro muito importante, para poder começar uma botânica dentro do Instituto. Não tinha muito sentido. É claro que hoje em dia, qualquer problema de epidemiologia tem que ter um ecologista vegetal bom para poder fazer coisa boa. Não tem a menor dúvida. Mas é uma pessoa mais geral.

RG - Quer dizer que com essa mudança do regime político, muda o grupo que está na direção e há realmente uma transformação, não é?

HL - É claro.

RG - Pelo o que o senhor está dizendo está ficando cada vez mais claro que substituiu-se os cientistas, os pesquisadores, por um grupo de pessoas que eram digamos assim os burocratas da ciência.

HL - Os cientistas só não foram perseguidos e massacrados com o Dr. Villela. É preciso nunca esquecer que quando a gente fala dos marginais não nos referimos ao Dr. Villela, que está muito longe disso. E também aos assistentes dele, o Mitidieri, a Otília, o Abreu. O grupo dele não está nisso, é claro. Eles não foram molestados, mas não estavam nisso.

WH - Mas o Villela também era um bom pesquisador?

HL - Excepcional. Ele era o chefe da escola.

WH - Por que ele não foi molestado?

HL - Não foi porque ele era de tal maneira conservador que não podia pegar em nada. Ele não tinha esse espírito combativo que os outros tinham. Ele queria trabalhar, não queria saber de política compreende? Já conhece bem esse tipo de pessoa, não é? É como dizia o Garcia Lorca: “Até as pedras fazem política”. A gente, sem querer, faz política, mesmo sem ser político. Mas o Dr. Villela nem pedra era, estava além da pedra. (*rindo*)

RG - O senhor seria a pedra, no caso, porque o senhor sempre se coloca nessa posição neutra.

HL - Eu podia ser uma pedra no sapato de alguém. (*rindo*). Tinha algumas coisas em que eu tomava partido, é claro, não tem a menor dúvida. Mas não era assim de fazer política partidária. Política a gente faz sempre, não é? É crítica. Nunca me neguei a fazer crítica. Fazia crítica de todo o jeito.

WH - O senhor disse agora uma coisa interessante, que havia um grupo marginal, do Villela, que era uma pessoa conservadora, e um outro grupo. O senhor poderia defini-lo como um grupo progressista?

HL - Claro, sem dúvida.

WH - E como é que o senhor definiria um cientista progressista?

HL - Bom, é uma pessoa que não impõe limites. O sujeito não precisa ser branco, nem preto, nem amarelo, nem judeu, nem comunista. Isso eu acho que já contei para vocês, sobre o Dr. Chagas. Eu só admito que o sujeito seja comunista quando ele me mostra o recibo do último mês de pagamento do Partido Comunista. Quer dizer, acho que isso é que é importante. Um progressista não põe limites a essas coisas, porque não tem preconceito. Acho que um cientista não pode ser preconceituoso. Eu acredito que o Dr. Villela também não era preconceituoso.

WH - Mas ele era conservador.

HL - É uma questão de fazer uma autodefesa, já visando não ser molestado quando houver uma dessas coisas. Ele estava muito bem com o estado de coisas, quando a gente, todos os outros, estávamos aborrecidos com qualquer desses sistemas por aí. Uma pessoa conservadora, para mim, é uma que admite o poder econômico para se justificar. Eu acho o poder econômico um crime. Latifundiário, para mim, é um criminoso. Agora, o fazendeiro que tem um grande latifúndio, que funciona com a maior manada ou até o maior plantador de soja, eu acho que é um sujeito patriota, um sujeito de primeiríssima. Esse camarada que planta soja lá em Mato Grosso, que é o maior plantador de soja, para mim é um sujeito que tem um valor extraordinário, porque está produzindo. Agora, o outro que tem terras às margens do São Francisco, só para valorizar, para ter dinheiro, para vender um pouco quando ele quiser ficar mais rico, esse eu acho um criminoso. Porque tem tanta gente precisando trabalhar naquela terra boa, e ele não está querendo. Para mim, esse é um criminoso. Mas alguns sujeitos, quando vêem um ponto de vista desses, dizem: "Esse camarada é um comunista". (*rindo*)

RG - Mas quer dizer que haveria uma identidade entre vocês, não é?

HL - Sem dúvida. Claro. Uma identidade grande.

RG - Seria um grupo de cientista que discutiam sobre questões comuns?

HL - É, de pessoas que não tinham esses preconceitos.

RG - E que batalhavam pelos seus valores.

HL - Por uma democratização real. Não uma democratização no sentido do sujeito que tem o mesmo direito, desde que tenha dinheiro pode estudar, quem não tem dinheiro não pode. Acho que é errado.

WH - Dr. Hugo, o senhor falou em poder econômico. Como é que esse poder econômico se reflete na ciência, aqui no Instituto.

HL - Diretamente no Instituto e no resto todo não se reflete, mas reflete porque o país capitalista é subordinado ao poder econômico. Por mais que o Sarney não queira, ele tem, não é? A gente vê pela reforma agrária que eles tanto querem fazer, que sabem que é preciso fazer...

Fita 7 - lado B

HL - ... tanto a reforma agrária como outras coisas. Os grandes problemas, não é? Eu estava falando um pouco de mim mesmo. Eu acho que, pela minha formação, não sei se já contei para vocês que meu pai era uma pessoa muito liberal. Ele era dentista, era uma pessoa muito liberal. E eu sempre convivi com pessoas liberais, tive uma influência grande. O Travassos também, já falei com vocês, era um sujeito extraordinariamente liberal. De forma que eu acho que sempre me senti bem com essas coisas, sempre me senti meio aperreado com qualquer restrição.

RG - Com o pensamento autoritário.

HL - É. Depois, eu não sei se contei para vocês também que a minha babá era uma crioula que sabia francês?

RG - Não. Isso o senhor não contou.

HL - Não contei? A Bernardina era minha babá. Ela era uma moça enfeitada, criada no Asilo Isabel, que ainda existe hoje aqui, das freiras. E as freiras ensinavam francês. De forma que quando ela foi lá para casa - era uma menina de 17, 18 anos - ela sabia francês e tinha um bom gosto extraordinário. As minhas irmãs não compravam um vestido sem perguntar a opinião dela. Ela aí ficou meio para titia, porque era uma mulata gorda, mas depois namorou o "Seu" Batista, que era o chofer. Meu pai gostava tanto dela que comprou um automóvel para o Batista. Nós morávamos no Méier, numa chácara muito grande, que tinha sido uma casinha de pintura da minha mãe e que ele reformou para botar a Bernardina, que se casou com o "Seu" Batista. Foram morar lá e meu pai comprou um automóvel Benz para o "Seu" Batista botar na praça. Mas "Seu" Batista era um errado danado, nunca conseguia nada.

RG - Ele era o quê?

HL - Era um errado. Ele não era bom chofer, sei lá.

RG - Nada dava certo com ele.

HL - Nunca deu certo. Tiveram um filho que foi meu afilhado, o Jorge. Então, eu tive uma influência muito grande disso. Desde garoto aprendi a ver que o preto é igual a gente e às vezes melhor. De forma que eu acho que esse lado é também muito importante na minha vida.

RG - O senhor diria que isso era uma coisa até excepcional naquela época? Uma pessoa ver um preto como um igual?

HL - É. Ainda não havia, naquele tempo, o que é muito comum hoje, que é o menino escurinho ser primeiro aluno de uma classe. E isso influencia terrivelmente o ponto de vista de racismo dos brancos. É muito importante, não é? Um crioulinho esperto e capaz, honesto e valente. Isso eu acho uma coisa muito importante. E para mim isso funcionou, desde garoto. Mas depois, também acho que já contei para vocês que eu nunca estive em colégio público. A minha avó é que me ensinou, quando morávamos em Palmeiras. E

depois fui para o São Bento e lá eu sempre fui um aluno muito rebelde, muito travesso. Nunca consegui estudar. Até hoje eu não consigo estudar o que eu não tenho vontade. Outro dia escrevi na pedra, lá na Santa Úrsula, aquela frase do Bernard Shaw. Eu já falei com vocês?

RG - Acho que não.

HL - O Bernard Shaw tem umas introduções das peças que geralmente tem mais valor do que a própria peça. A crítica que ele faz, a apresentação dos personagens... Essa história é *A Profissão da Senhora Warren*, que era uma prostituta que se prostituiu para educar a filha num colégio bom, num colégio inglês. E quando a menina soube, se rebelou contra a mãe. O Bernard Shaw achou que aquilo estava errado. Então, fez exatamente ao contrário: criou um personagem que compreendeu a mãe. Mas então, numa passagem lá, na introdução, não sei a propósito de que, ele diz: "Fazer uma pessoa aprender o que ela não está com vontade de aprender é o mesmo que fazer uma pessoa comer serragem, que além de ser inútil é prejudicial". E é verdade, não é? (*rindo*) Eu acho que a gente só aprende o que quer aprender. E na minha vida de professor eu tenho sempre isso. Eu acho que a gente deve despertar no aluno o interesse de aprender uma coisa. Ou então, não ensina, não é? Eu acho que é uma desonestidade o professor ensinar uma coisa que não vai interessar ao aluno. De forma que eu sempre fui um aluno muito rebelde. Não gostava de fazer aquelas contas grandes que naquele tempo se faziam, aquelas contas de dividir quando não tinha ainda a maquininha de calcular. Eu sempre fui contra essas coisas. Mas depois, eu acho que eu contei para vocês também como é que fui fazer o curso de odontologia, não é?

RG - Contou.

HL - Depois fiquei na Veterinária e no segundo ano, o Travassos me convidou para cá. Aí é que eu acho que não contei maiores detalhes para vocês da minha vida aqui. Em agosto de 1931, eu vim para cá. E desde esse tempo fiquei frequentando o Instituto, até 1970, diariamente. Agora, aqui eu vi essas coisas todas que me entusiasmaram. Quer dizer, a gente ainda sentia a presença do Oswaldo Cruz e isso que vocês estão vendo, inclusive, nos auxiliares, esse sentido de colaboração.

RG - De dedicação extraordinária.

HL - Todos são amigos, todos criticam, todos fazem críticas, mas uma crítica sempre construtiva. E isso era uma coisa muito importante aqui no Instituto. Espero que volte a ser, futuramente.

WH - Dr. Hugo, o senhor estava falando desse grupo, que era um grupo que não tinha preconceitos em relação às pessoas, à ciência e do qual o senhor faz parte. O que mais caracterizaria esse grupo?

HL - Eu acho que o que mais caracteriza é esse sentido crítico das coisas. Por exemplo, uma das pessoas que mais se salientou nesse grupo foi o Herman Lent. E o Herman Lent, eu tenho certeza que se salientou muito porque ele é de um espírito crítico, é de muita vivacidade e pega sempre todos os lados de uma questão. Eu acho que isso é que é a coisa mais importante. Porque muitas vezes a gente, inadvertidamente, fica fazendo um negócio num sentido, acha que está muito bom. E é preciso que alguém diga: "Olha, você precisa

ver que isso não é assim. Isso pode também ser assim ou assado". E o Herman é muito disso.

WH - É uma pessoa que via.

HL - É. Ele nunca está contente com o que está acontecendo. E não é só ele. O Haity Moussatché também é muito assim. Como o Haity Moussatché é muito mais bem educado que o Herman, não aparece tanto. (*rindo*) O Haity Moussatché tem um cuidado danado quando fala as coisas, o que o Herman não tem. O Herman quando tem que dizer uma coisa, ele diz. Quem está habituado com ele sabe disto e não se aborrece porque está habituado com ele assim. Mas eu acho que isso é o que mais caracterizava esse grupo. Porque o que caracteriza muito os grupos que a gente está habituado a ver, é que são sociedades de elogios mútuos. Um elogia o outro, o outro elogia um: "Ah, fulano é formidável, sicrano é formidável". Isso é o que não acontecia aqui.

RG - Não era isso. Era o oposto.

HL - O espírito crítico fazia cada um andar o melhor possível. Eu acho que isso é que foi a melhor coisa desse grupo. Toda essa gente tinha um espírito crítico muito apurado. E cada um com muito cuidado de fazer as coisas porque sabia que ia ser criticado. É muito comum, em todos os grupos, se dizer: "Ah, eu hoje não vou fazer isso não". E o outro sujeito diz: "Ah, tá vendo. Fala dos outros e agora está fazendo a mesma coisa". É muito comum isso. É como disse o Herman, nesse convite de volta: "Eu sempre critiquei isso, portanto não estou em condições de ir para lá e trabalhar. Como é que eu vou agora aceitar?" Esse é o ponto de vista dele. Isso é que eu acho uma coisa muito importante. É que eu tenho certeza que qualquer um de nós, desse grupo, que está voltando pra cá, o dia em que sentir que não está podendo fazer o que está pretendendo fazer, vai renunciar imediatamente. Acho que isso é que é a coisa mais importante.

WH - Quer dizer. Eram pesquisadores ativos, que se mobilizavam e criticavam.

HL - É. Eu discuti muito isso com o Herman. Eu acredito que, conforme a experiência, 15 minutos da vida de uma pessoa podem valer um dia de outra. E principalmente dentro de uma instituição científica. O Herman poderia dar um grande auxílio ao Instituto no setor de biblioteca e de publicações, só com a presença dele. Não precisa nem ele sentar numa mesa, chamar gente para conversar.

RG - Poderia dar uma consultoria, uma assessoria.

HL - É, só com a presença. Acho que nem precisa haver reuniões para ele contar uma coisa, contar outra. Só a crítica que ele pode fazer nesses dois setores já seria para o Instituto uma coisa muito boa.

RG - Já justificaria.

HL - São dois setores muito descuidados, atualmente. Foram os que mais sofreram. E é a parte mais nobre da instituição, não é?

RG - O senhor acha que foram as áreas que mais sofreram?

HL - Esse negócio de separar livro novo, livro velho, e não sei quê... Eu não sei quem está na biblioteca, mas precisam ser pessoas que... Principalmente em biblioteca de periódico, que é uma coisa que precisa estar sempre com atenção. Porque a interrupção de assinatura de uma revista, às vezes, é uma coisa catastrófica. Quer dizer, a biblioteca precisa ter uma pessoa que realmente entendesse disso e que tivesse força moral. Vocês já ouviram falar na Dona Emília Bustamante, bibliotecária daqui?

RG - Nem sei se foi o senhor mesmo que já falou dela.

HL - Primeiro teve o Overberg, um holandês, que era o bibliotecário. Eu já falei dele aqui para vocês. Ele era um bibliotecário daqueles clássicos. Sabia todas as línguas, era muito capaz, tinha uma capacidade de trabalho incrível. Quando o Overberg se aposentou apareceu a Dona Emília Bustamante, que era uma pessoa muito séria. Tinha também a Dona Giselda, que era muito amiga dela e as duas trabalhavam juntas. Mas a Emília tomava mais iniciativa. E com isso a biblioteca ficou muito boa. Depois que vieram esses camaradas, ela saiu daqui e foi para a biblioteca da Escola de Medicina. Trabalhou lá muito tempo. Depois morreu com câncer, moça ainda, com uns 50 anos mais ou menos. Mas essa biblioteca é uma das coisas mais importantes que há para o Instituto. E a publicação mais ainda.

RG - O Herman então teria um papel muito definido na sua opinião.

HL - É, porque sempre criticou isso. Isso é que eu acho a coisa mais importante desse grupo, esse espírito de crítico e de auto-crítica. Quando a gente critica um amigo não deixa de ser também uma auto-crítica, não é? Com um amigo muito íntimo, a gente tem uma porção de coisas comuns. E quando a gente critica, também critica a si próprio. Acho que isso é que é a coisa mais importante.

WH - Esse grupo tinha também, Dr. Hugo, uma maneira específica de trabalho com ciência que o diferenciava?

HL - Não. Cada um trabalhava com o seu lado. Às vezes, trabalhando bem diferente. Mesmo em assuntos parecidos, mas trabalhando com bastante independência. Isso é muito importante também. Não havia um líder científico, é claro, porque o Haity e o Tito trabalhavam em assuntos muito parecidos, mas o Tito não era dependente do Haity, nem o Haity dependente do Tito. Cada um tinha a sua linha de trabalho. Agora, tinha a vantagem de poder discutir um com o outro. Como o Dr. Miguel, por exemplo, tinha muita ascendência sobre os dois. O próprio Dr. Miguel reconhecia, no Tito e no Haity, duas pessoas mais importantes para ele. O Mário Vianna Dias, também. Vocês já entrevistaram o Mário Vianna Dias?

RG - Não. Mas estamos querendo.

HL - É. O Mário Vianna Dias também foi uma pessoa muito importante para o Instituto.

WH - E na Zoologia, como é que era esse trabalho científico?

HL - O primeiro a vir para a Zoologia fui eu, a convite do Travassos, que achava que eu devia estudar esse assunto que eu estudo até hoje.

WH - Qual é o assunto?

HL - São Moscas.

RG - Dípteros?

HL - Dípteros de uma família só, os sarcophagídeos. Ele já tinha tentado influenciar o Severino Vaz. E eu me lembro que já tinha preparações do Severino Vaz, que eu vi, influenciado pelo Travassos. Mas então, desde o começo eu comecei a trabalhar nesse assunto. Depois vieram o Herman e o Teixeira de Freitas. Eu era aluno do Travassos na Veterinária e o Teixeira de Freitas e o Herman Lent eram alunos do Travassos no Curso de Aplicação do Instituto. E eu me lembro que o laboratório do Travassos funcionava no prédio do Quinino, no andar térreo, do lado direito de quem entra na porta. Tinha uma mesa grande, um microscópio. Veio o Herman, o Teixeira, então já éramos três para disputar o microscópio. Depois vieram o Cavalcanti Proença, o Domingos Machado, que também foi desse grupo, o Ferreira de Almeida. Então, o Travassos começou a aglutinar uma porção de pessoas no trabalho de taxonomia zoológica, principalmente helmintos e insetos. E assim foi indo. E como o Travassos era professor da Escola de Veterinária, quando ele teve que desacumular, eu fiquei como professor lá. Isso eu já falei para vocês. Mas a helmintologia continuou com o Teixeira de Freitas e o Herman Lent, até o dia em que o Herman resolveu estudar entomologia, muito influenciado por Arthur Neiva. Também já falei de Arthur Neiva, aqui. De forma que a Zoologia aqui era essa.

WH - Não havia também uma área de malacologia, ou trabalho com moluscos, conchas?

HL - Não. O Dr. Lutz trabalhou em muitas coisas, era um laboratório especial. E isso era uma coisa também muito importante aqui no Instituto: O Dr. Lutz não podia ser molestado, não podia ser aborrecido. O que o Dr. Lutz quisesse fazer, podia. Se ele quisesse ficar de cabeça para baixo e de perna para o ar o dia todo, ninguém ia perguntar porque o Dr. Lutz estava de cabeça para baixo. Era sagrado isso. Também é outra coisa muito importante, a mentalidade do Instituto. Quer dizer, cada um podia fazer o que quisesse sem que ninguém achasse que ele talvez pudesse fazer diferente ou fazer melhor ou pior. Acho que eu já contei uma história do Dr. Lutz, que enquanto enxergava, trabalhava em mosquitos e borrachudos e coisas pequenas, mutucas. Depois, quando ele já não enxergava mais, foi trabalhar com anfíbios, que ele podia segurar. Agora, ele trabalhou também com moluscos.

WH - O senhor também trabalhou com moluscos?

HL - Eu trabalhei com moluscos. Essa história minha dos moluscos é muito engraçada. Eu fui dar um curso de entomologia na Bahia com o Mangabeira. E na Bahia tem poucos insetos, porque é muito devastado, os insetos são raros. Nós fomos passar o fim de semana na beira da praia, e eu comecei a ver os moluscos marinhos e comecei a me interessar muito por eles. E então, como eu tinha uma certa folga nesse curso e como sempre acordei muito cedo, eu levantava e ficava vendo as conchas. Na Bahia clareia muito cedo, às cinco horas já está claro, às vezes até às quatro e meia já está claro. E como não tinha bibliografia nenhuma, eu resolvi imaginar como é que devia ser o sistema das conchas. Então, comecei a fazer os desenhos das conchas. E quando vim para cá, conferi o que estava certo, o que estava errado. Mas da segunda vez que eu fui à Bahia, no ano seguinte, aí já estava interessado pelas conchas. Então, trouxe um grande carregamento de conchas.

E durante dez anos eu trabalhei com conchas, inclusive aqui no Instituto.

WH - Juntamente com o seu trabalho com dípteros?

HL - É, ao mesmo tempo. Mas depois começou a prejudicar muito os dípteros e eu larguei as conchas.

RG - Ah, o senhor abandonou.

HL - Mas aí, nesse tempo, eu já estava no Km 47, e já tinha tido alguns alunos de moluscos lá, como o atual vice-reitor, o Hugo Resende, o José Luís de Barros Araújo, o Pedro (*inaudível*), o Paulo Fraga, que está agora no Espírito Santo. Mas o Hugo Resende e o José Luís continuam lá no Km 47, trabalhando com moluscos. E depois veio o Arnaldo Coelho, do Museu Nacional. Ele é quem ficou com a coleção toda daqui, pois a coleção ficou aqui. Quando eu saí, não podia levar a coleção. E eu tinha feito o seguinte: como muita pouca gente trabalha com moluscos brasileiros, principalmente moluscos marinhos, eu comecei a fazer troca de moluscos, e troca de moluscos com bibliografia especializada. Eu mandava alguns moluscos que eu sabia que eram mais raros, de muito valor, para vendedores principalmente nos Estados Unidos, onde eles vendem conchas e livros, literatura sobre moluscos. Então eu mandava e o sujeito ou me acreditava ou me mandava um cheque com pouco dinheiro que eu usava para comprar livros na Europa, principalmente na Suíça ou na França, ou para fazer assinaturas de revistas na Inglaterra. Tudo com o dinheiro dos moluscos. Portanto, durante esses dez anos eu fiz um comércio incrível.

RG - O senhor que organizou esse sistema todo.

HL - Quer dizer, eu voltei ao padrão monetário. Existe uma concha de molusco chamada Ciprêa Moneta, que foi a primeira moeda que existiu na África e nas ilhas da Polinésia. Então, eu trocava os moluscos por livros e revistas e tinha aqui uma bibliografia e uma coleção muito grande. E aí é que entra o Pedro Jurberg. Eu tive sempre a sorte de conviver com pessoas corajosas. Meu pai já era muito corajoso. Meu irmão mais velho também era muito corajoso. Eu nunca fui muito de enfrentar, mas sempre convivi com pessoas muito corajosas. E o Pedro Jurberg bateu pé. Disse: "Não, senhor, isso é do Dr. Hugo. Vamos pegar o caminhão, levar lá para o Museu e perguntar a ele onde é que ele quer que bote". Eu disse para botar no Museu e ele levou tudo para o Museu Nacional. Está lá, com o Arnaldo. Eles fizeram uma seção de moluscos no Museu Nacional, que hoje é uma seção muito boa.

RG - Mas ele bateu pé e disse não senhor para quem?

HL - Ah, para o pessoal que não me queria daqui. Quando eu saí daqui eu era tabu, entende? O sujeito que dizia que era meu amigo estava mal com a diretoria. Meu e de qualquer outro, porque tinha sido feita aquela propaganda toda. Então, o Pedro resolveu mandar para o Museu.

RG - Ele acabou que tinha que proteger a coleção?

HL - É, para proteger. Se ela ficasse aqui, ela desaparecia. Não tinha mais ninguém interessado.

RG - Nós gostaríamos que o senhor contasse um pouco desse período, que é o período negro. Talvez não lhe dê muito prazer falar sobre isso, mas para a história seria bom que ficasse registrado.

HL - Como eu já disse a vocês, a única coisa que realmente me causou aborrecimento foi a dissolução do grupo, porque eu nunca fui apegado a coisas materiais. Eu não consigo me apegar a nada material. Tem muita gente que não gosta de trocar automóvel porque fica apegado. Eu sempre tenho muito mais prazer com o novo do que o automóvel antigo. (*rindo*) Pois se é mais novo, se anda melhor, porque eu não hei de gostar mais? Quer dizer, eu me apego às pessoas, mas não me apego às coisas. Eu não consigo me apegar às coisas. Morei trinta e tantos anos numa casa que eu gostava muito, estava cheia de plantas, de coisas que eu gostava. Um dia precisamos mudar para um apartamento e eu fui sem a menor preocupação. Eu não consigo me apegar, às vezes fico mesmo admirado porque eu não consigo me apegar. Mas não sei, não dou valor a essas coisas. Então, o que de fato me preocupou foi essa dissolução do grupo. Mas, em compensação, eu encontrei no Museu Nacional um grupo mais ou menos equivalente.

RG - Mas e a linha de trabalho, não se rompeu?

HL - A linha de trabalho eu continuei lá. Eu nunca interrompi um dia de trabalho. Só houve uma pesquisa, uma atividade que eu tinha, que não pude continuar, que era um catálogo que eu estava fazendo sobre eulípteros acariptratos, e que dependia dessa bibliografia daqui. O meu laboratório era aquele do canto, no outro andar.

RG - No terceiro?

HL - Não, no segundo. Aqui mesmo. Era aquele do canto. Eu tinha as duas primeiras salas, numa delas tinha montado um negócio de fazer o catálogo. Era um catálogo que eu fazia fotografando o *Zoological Record* e recortando, fazendo fichas e depois conferindo com a bibliografia. Então tinha que ter muita manobra de livro, que eu fazia nas horas que estava...

RG - Quem trabalhava com o senhor?

HL - Eu, só.

RG - Mas não tinha um grupo com o senhor aqui?

HL - Não. Aqui, não. Só tinha dois serventes.

RG - Era só o senhor e os serventes?

HL - Eu e os serventes. O Antônio Rosa e o Frutuoso. E então, isso eu não pude continuar a fazer. Aí estão lá, oito fichários deste tamanho, interrompidos.

RG - O senhor interrompeu esse trabalho e ficou parado, desde então?

HL - Estava praticamente no fim. Esse eu interrompi. Aí ficou parado. Mas o trabalho científico mesmo continuou.

RG - Não houve uma ruptura?

HL - Não. Não houve absolutamente interrupção.

RG - Por que o senhor não trabalhava com uma equipe, então foi mais fácil?

HL - Não, eu não trabalhava. O Herman também não trabalhava com uma equipe. A gente às vezes tinha um assistente, um estagiário. Eu tinha, por exemplo, o Sérgio Pacheco, que trabalhava nessa sala aqui. Ele tinha a coleção, e a sala que fazia parte da coleção. Mas o Sérgio Pacheco foi também comigo para o Museu. De forma que não houve interrupção nenhuma.

RG - O Sérgio era uma pessoa mais jovem?

HL - Era. Estava fazendo o primeiro trabalho comigo, que terminou lá, eu acho. Mas depois ele foi para a Inglaterra e está agora como professor em Viçosa. Mas não interrompi nada, nada. Depois também teve coisa de coragem do Dalci Albuquerque. O Dalci veio aqui, contratou a Fink... Eu já contei essa história?

RG - Não.

HL - O Dalci Albuquerque foi meu aluno e era uma das pessoas mais importantes lá no Museu Nacional. Tinha feito estágio na França muito tempo, tinha sido diretor do Museu Goeldi, era uma pessoa muito influente no Conselho de Pesquisa. E ele, quando viu que saía daqui e deixei a coleção, contratou a Fink, que é essa transportadora. Às 8 horas veio com os empregados da Fink, foi lá, tirou uns seis armários que estavam na minha sala e levou para o Museu. Não disse nada. No fim pensaram que era qualquer coisa que alguém tinha mandado fazer, mas ninguém mandou fazer não, ele fez por conta própria. De forma que eu não tive interrupção por causa disso.

RG - Quer dizer, o senhor não teve uma ruptura, mas do ponto de vista da instituição não ficou ninguém aqui continuando o seu trabalho?

HL - Ah, sim. Modificou. A minha vida seria completamente diferente. Primeiro, eu tinha produzido muito menos, pois aqui eu tinha muito mais atribuições. Mesmo não sendo amigo do diretor, tinha muito mais atribuições aqui. Uma coisa e outra. E lá nunca mais ninguém me convidou para banca de exame, nem para examinar tese, nada disso. De forma que eu passei dez anos de férias. Umas férias muito boas. (*rindo*)

RG - Só fazendo o que o senhor queria.

HL - Agora eu estou ao contrário. Todo dia eu tenho uma coisa novamente.

RG - Mas ficou gente aqui depois que o senhor saiu? Ficou alguém para continuar mantendo a área?

HL - Sim. Os únicos que ficaram aqui, da nossa turma, foram o José Jurberg e o Pedro Lobo. Mas nesse trabalho de zoologia, taxonomia foi o José Jurberg. Ele é que ficou com toda a coleção. Teve o Orlando Ferreira, que era uma pessoa muito capaz, que também

tomou conta. Mas quem agüentou a mão foi o José Jurberg.

WH - O Pedro Jurberg?

HL - O José Jurberg. O Pedro estava na seção dele. Mas o José Jurberg é que tinha as coleções, com o que a gente tinha deixado aqui.

RG - Ele é que ficou mantendo.

HL - Ele é que ficou mantendo, cuidando para não se estragar. Mas mesmo assim muita coisa se estragou. Eu me lembro que esteve aqui o Artigas, um cientista chileno que se dava muito comigo. Mas veio aqui e pediu ao diretor para tirar da coleção os bichos da especialidade dele. O diretor disse: "Pois não, vai lá". E ele tirou o que quis. Quer dizer, aconteceriam coisas desse tipo. Isso estraga muito a coleção, não é?

WH - Dr. Hugo, eu queria voltar um pouco para trás. O senhor estava falando que na zoologia se desenvolviam trabalhos de entomologia, helmintologia e malacologia também, na área de moluscos. Depois veio o golpe de 64 e começam os inquéritos, mesmo antes da posse do Rocha Lagoa. E quem comanda esses inquéritos aqui dentro do Instituto é o Olympio. O senhor podia falar por que o Olympio foi organizar esses inquéritos e o que aconteceu com isso?

HL - Bom. O Olympio não gostava do Herman Lent. Queria tirar uma forra do Herman Lent.

Fita 8 - Lado A

HL - O Olympio da Fonseca fazia parte desse grupo. Ele não era um marginal, de maneira nenhuma. Era uma pessoa até muito preparada, muito culta, mas que também não estava trabalhando há muito tempo. Ele era professor da Escola de Medicina, tinha laboratório. Quer dizer, a vida dele não era mais de pesquisador. Mas ele fazia parte desse grupo. Então, a média toda desse grupo era demonstrar que era anti-comunista e que tinha um grupo de subversivos aqui dentro, muito perigoso. E isso era sopa no mel, o Olympio ficava muito contente, porque ele tirava a forra do Herman.

WH - Mas o Olympio era anti-comunista também?

HL - Ele era bastante conservador. Eu acho que sim. Acho que era também anti-comunista. Nós tínhamos, por exemplo, esse da lepra, o Souza Araújo, que vivia fazendo discursos anti-comunistas, mas num tempo em que ninguém estava dando bola pra isso. Então isso era uma posição, um direito que ele tinha e que não se discute. Ele pode ser *anti* o que ele quiser, desde que não tenha uma segunda intenção. Mas o problema do Olympio não era que ele fosse ou não fosse anti-comunista. Talvez não fosse muito, porque a família dele é uma família de gente liberal. O pai do Olympio era muito amigo do meu pai, eu sabia que era uma pessoa muito liberal. Mas o Olympio estava interessado em ser anti-comunista, porque esse era o prestígio dele com os bigorrilhos, com o pessoal que estava no poder. De forma que isso é que eu acho a coisa feia. Porque qualquer um tem direito de ser *anti* o que ele quiser. Eu não sou anti nada, acho que a gente não deve ser anti nada, mas é um direito que eu admito nos outros. Ele pode ser anti qualquer coisa. Agora, se o sujeito é anti qualquer coisa de caso pensado, para levar vantagem, isso é

muito feio, compreende?

WH - É o caso do Olympio?

HL - Isso é que aconteceu com o Olympio. Não sei se ele era anti-comunista ou não era. Eu sei que ele estava levando vantagem nisso, depois, fazia coisas sujas. Eu não gosto de falar dos outros, falo o que aconteceu comigo, porque a acusação principal era o famoso telegrama, um telegrama muito bem especificado que se tinha passado porque o Prestes tinha denunciado as bases navais americanas em Natal que não tinham sido desocupadas. E quando ele conseguiu que as bases fossem desocupadas, todos passaram um telegrama para ele. É claro que foi um telegrama providenciado por uma pessoa do Partido Comunista, mas ninguém podia se negar a dar parabéns a um senador da República que faz um ato que a gente está de acordo, com o que a gente está pensando. Então, tinha que assinar mesmo. Não podia nem pensar em não assinar. Mas naquele tempo não tinha xerox, e o Olympio tinha um maço de fotografias deste tamanho, com aquelas coisas da Câmara, em que o Prestes foi envolvido com o negócio de uma guerra contra a Rússia. O Prestes parece que não era muito vivo e não conseguiu-se sair muito bem desse negócio de guerra do Brasil com a Rússia. (*rindo*). O Olympio estava querendo me acusar de ter dado parabéns ao Prestes porque ele era a favor da Rússia contra o Brasil. Estava naquele papel todo. Quer dizer, inclusive ele era tão sujo que chegou a fazer um troço destes. Ele sabia, pois ele me conhecia muito bem, muito melhor do que a maior parte das pessoas daqui, sabia muito bem que eu seria incapaz de passar o telegrama para o Prestes. E estava me acusando disso. Então é sujo.

RG - O senhor nunca imaginou que ele seria capaz de fazer isso? Foi uma surpresa para o senhor?

HL - Não. Não foi surpresa. Porque eu acho que essas pessoas que se acomodam, que levam vantagem do estado de coisas... (*rindo*)

RG - Não são confiáveis.

HL - É. Fazem qualquer coisa, comem a mãe em picadinho, como traem um amigo, podem fazer qualquer coisa. Eram temíveis.

RG - Quer dizer que não foi uma decepção pessoal. O senhor não ficou nem magoado, o senhor não esperava grandes coisas do personagem.

HL - Não. Não esperava, de ninguém. Nessa posição, não podia esperar. Já que ele levou vantagem, estava numa posição para levar vantagem, o que eu podia esperar? Qualquer coisa ele podia fazer. Porque quando o sujeito começa a fazer, não tem mais...

RG - Então, o senhor ainda lembra na época em que ele instaurou os inquéritos. Como é que se desenrolou essa cena toda dos chamados inquéritos?

HL - Mas isso eu acho que eu já falei aqui. Que ao mesmo tempo se instalou um outro inquérito.

RG - Do general?

HL - Nós tivemos três inquéritos: o inquérito providenciado por esse grupo do Olympio, que era o presidente, o inquérito paralelo do General Falcão; e esse foi muito sério. Era completamente diferente. A gente sentia essa patifaria do tipo do Olympio. E no inquérito do Falcão a gente sentia que ele queria verificar as coisas. Fazia perguntas assim muito incisivas: "Qual é a sua relação com fulano de tal? O senhor gosta de fulano? Não gosta de fulano? O que acha de fulano?"

WH - Que fulano?

HL - Quando ele tinha tido, por exemplo, uma denúncia de um camarada qualquer, ele queria saber se esse camarada era meu inimigo, se eu tinha razão de ser inimigo dele, se eu falava. Era esse tipo de inquérito que eu acho muito técnico. Quer dizer, eu também não gosto de inquéritos nenhum, mas acho que se tem que fazer um inquérito, pelo menos que seja uma coisa...

WH - Pelo menos que seja técnico.

HL - Por exemplo, para descobrir um crime que a pessoa quer elucidar, claro que aí pode haver um inquérito. Qualquer coisa de polícia para mim é de dar arrepios. O mal do mundo é ter necessidade de existir polícia. Mas tivemos um outro inquérito, que eu acho que já falei também, sobre o negócio dos *grants*.

WH - Das verbas?

HL - Isso foi no ministério da Saúde. Eu não me lembro quem era, o responsável mas também era uma pessoa muito sensata.

Wh - E esse inquérito do General Falcão, que outro tipo de pergunta ele fazia?

HL - Ele fazia perguntas assim desse tipo, sobre nossas atividades, o que a gente achava de fulano, o que a gente achava de sicrano.

WH - Sobre posições políticas, ele perguntava?

HL - É, sobre ponto de vista perguntava diretamente. Ele perguntou assim para o Haity Moussatché: "Você é comunista?" O Haity MOussatché disse: "Não, eu não sou comunista porque eu não pertencço ao Partido Comunista. Agora, eu sou marxista. Eu acho que o marxismo é um troço muito bem baseado, tem muito boa base e a gente tem que discutir isso, que é uma coisa muito importante". Compreende? Quer dizer, coisas desse tipo.

WH - E para o senhor, que tipo de pergunta ele fazia?

HL - Ah, não me lembro. Fez umas perguntas sobre o que eu fazia, o que eu estava fazendo, quem era...

RG - Mas nesse inquérito ninguém foi indiciado?

HL - Não; ninguém. Nem no do Olympio. Não tinha razão nenhuma para indiciar. Dizer o que? Que a gente tinha assinado um telegrama? Todo mundo já sabia.

RG - Quando o Haity se autodenominou marxista, isso também não era considerado crime?

HL - Ah, não.

RG - Era coisa de pensamento, de foro íntimo.

HL - É. Aí eu acho que é. Pelo menos o Falcão não achou que fosse.

WH - Mas Dr. Hugo, naquela época o senhor era chefe da Divisão de Entomologia?

HL - Da Seção de Entomologia. E tomava conta do curso, era o encarregado do curso.

WH - E nessa época, o senhor mais o Herman Lent e o Haity foram afastados dessa chefia. E como é que aconteceu isso?

HL - Ah, não sei. Acho que eles fizeram uma substituição. Botaram como chefe da Seção de Entomologia o Geth Jansen, que também estava no grupo deles. Esse era bem marginalizado, porque era um sujeito muito inteligente, mas inteiramente analfabeto. Quer dizer, não sei se ele sabia ler. (*rindo*) Era um camarada muito inteligente, um contador de anedotas excepcional. O Travassos é que dizia sempre que tem camarada que tem Gutembergfofia. (*rindo*) O Jansen não conseguia ler. Ele morreu há pouco tempo, coitado, com muito pouca saúde.

RG - Mas ele não era envolvido com ninguém?

HL - Não. Ele vivia com a gente lá, e também foi muito sujo. Na hora, mudou logo, não é?

RG - Mudou de lado?

HL - Levou vantagem. Foi logo nomeado chefe da seção e tal.

RG - E ele não era ligado também ao pessoal?

HL - Ele era ligado, porque era casado com a Gisella Rouge que era uma veterinária e foi aluna minha e do Travassos.

RG - Como é o nome dela?

HL - Gisella Rouge. O pai dela era Rouge. Ela era uma pessoa muito inteligente, muito capaz. Ela era alemã, nasceu lá na Boêmia. Mas era uma pessoa extraordinária, filha de industrial.

RG - E ele era de que nacionalidade?

HL - Ele era uma das pessoas mais frecheiras que eu já vi na minha vida. Quer dizer, tudo quanto era mulher que aparecia aqui ele dava em cima. (*rindo*) Então, a primeira coisa que ele fez, foi afastar a mulher, porque a mulher estava trabalhando com a gente em

tripanosomose. Já tinha feito uma série de trabalhos. Mas aí ele a afastou, começou a fazer ciúmada com outros. Dizia a ela que estava com ciúme de fulano, de sicrano, para ela não vir mais aqui. Ela ficou numa situação... Tinha duas filhas já e acabou desistindo, para ele poder ter o campo livre. De forma que a relação dele era mais com a Gisella e com o Travassos o ajudou muito. Foi o Travassos quem o indicou para ir para o grupo do Evandro Chagas. Mas ele acabou não...

RG - Na época que houve assim essa guinada no país, para a direita, ele não se ligou aos grupos de inteligência?

HL - Não sei. Eu acho que ele era bem fascista, o Geth Jansen.

RG - Mas o senhor não se lembra dele ter vínculos com esses grupos?

HL - Ele não era propriamente fascista, ele estava levando vantagem com esse golpe de direita. Ele não era de direita, nem de esquerda, nem de centro. A atitude dele não era de pessoa fascista.

RG - O senhor acha que ele era mais um oportunista, aquele que está do lado de quem está por cima?

HL - É, um oportunista. Nem de fascista ele podia ser chamado. (*rindo*)

RG - Era demais para ele. (*rindo*)

HL - É, era demais.

Wh - Dr. Hugo, o Geth Jansen fez o curso da Escola Superior de Guerra?

HL - Acho que fez.

WH - Era comum os pesquisadores daqui fazerem curso na ESG?

HL - Não. O José Cândido de Carvalho também fez, e era o diretor do Museu Nacional. Eles convidavam as pessoas, alguns muito bons. Alguns muito bons.

RG - Quer dizer que fazer o curso em si não significava nada. Tinha gente de todo tipo fazendo.

HL - É. Até era muito meu amigo um rapaz que fez curso de veterinária lá, no tempo do Travassos, que até há pouco tempo era o presidente da Associação de Ex-alunos da Escola Superior de Guerra. Quer dizer, o fato de ser aluno da Escola Superior de Guerra não significava nada.

RG - Não estava havendo um compromisso.

HL - É. Agora já deve ser bem diferente. Mas, mesmo naquele tempo, a Escola Superior de Guerra inclusive convidava pessoas de um certo nível, entende? Justamente para ter o prestígio que ela precisava, no ambiente lá.

WH - O Rocha Lagoa também fez o curso?

HL - Sim. Mas o Rocha Lagoa era diretor do Instituto, então foi convidado. O José Cândido foi convidado porque era o diretor do Museu Nacional, mas era uma pessoa de grande projeção no meio científico. Foi Vice-Presidente do Conselho de Pesquisa. Então, eles o convidaram. Agora, convidaram o Lagoa também porque... Acho que, naquele tempo pelo menos, não tinha muito de ser de dentro, não. O sujeito era diretor, então eles achavam que estava no nível.

WH - Com a entrada do Geth Jansen para a Seção de Entomologia, aconteceu alguma diferença no trabalho do laboratório?

HL - Não, porque ele respeitava muito. Aliás, não estou certo se o Geth Jansen foi... Porque agora eu estou me lembrando que um alemão, o Rudolf Barth, é que era o chefe da seção. Aliás eu me dava muito bem com ele. Esse era fascista mesmo, ele era aquele fascista alemão, nazista. Ele era observador de Stuka, durante a guerra. Era um sujeito forte.

RG - O que ele fazia durante a guerra?

HL - Ele era observador de Stuka, aquele que tinha dois tripulantes, o camarada que dirigia o Stuka e o observador. Ele era o observador.

RG - Ah, é? E naquela época ele ainda estava na Europa?

HL - Estava na Alemanha.

WH - Ele veio depois da guerra?

HL - Quando ele veio para cá, nós o tratamos muito bem, porque ele tinha um certo valor como cientista. De forma que ele nos tratava também muito bem. Quando ele foi chefe da seção, ele me tratava muito bem. Vinha sempre aqui, conversava, perguntava o que eu achava das coisas. Agora eu não posso garantir que o Geth tenha sido chefe da seção; acho que o Barth é que foi. Com o Barth as coisas não mudavam, porque ele respeitava, compreende? Não mudava nada. Aliás, isso é muito importante, para vocês terem uma idéia daqui do Instituto, que esse respeito continuava, mesmo no tempo da ditadura.

WH - O próprio Rocha Lagoa respeitava o trabalho nos laboratórios?

HL - Ah, claro que sim.

RG - Dizem que depois que vocês saíram, isso não se manteve, mas talvez, até essa época, tenha se mantido essa tradição de cada pesquisador.

HL - É, eu acredito que sim. Porque, na realidade, muitos saíram daqui porque não agüentavam mais. O Emílio Mitidieri, o Jorge Fernandes...

RG - O Mário Vianna também saiu espontaneamente?

HL - Todos saíram, porque não agüentaram isso aqui.

RG - Por que?

HL - Eu tenho a impressão que houve uma época pior do que a do Lagoa - se é possível que fosse pior - com esse Guilarido. Me dava uma impressão horrível! Uma ocasião eu vim aqui, pois fizeram uma homenagem ao Neiva. E esse Guilarido convidou o Herman para fazer um discurso de lembrança do Neiva. O Herman era muito ligado ao Neiva. E quando esse Guilarido estava lá, falando coisas, eu pensei que ele não fosse médico. Ele tinha uma tal dificuldade em falar nesse calão médico, dessas coisas ligadas à ciência, que eu pensei que ele fosse colunista, qualquer coisa dessa.

WH - E ele era médico?

HL - Ele era médico parteiro. Quer dizer, um dos piores insultos que já se fez à memória do Oswaldo Cruz, foi botar esse camarada aqui. Foi horrível!

WH - Dr. Hugo, a gente podia falar um pouco da administração do Rocha Lagoa? Eu queria saber uma coisa: por que o Rocha Lagoa foi nomeado pelo Raimundo de Brito como diretor daqui? Que vínculos ele tinha com o Ministério da Saúde?

HL - Eu acho que tudo está resumido naquela frase que eles escreveram no nosso processo que, inclusive, nos deram para ver. E o camarada me dizia que o Rocha Lagoa era um mau pesquisador e um mau cientista, mas era um excelente anti-comunista. Acho que era por isso.

WH - Quem escreveu esse processo?

HL - Foi o tal processo lá do Ministério da Saúde, para justificar a denúncia que o Lagoa tinha feito. Porque foi o Lagoa quem denunciou, quem disse que fulano, fulano e fulano eram subversivos. Então, para justificar essa denúncia e levar a sério essa denúncia diziam que o Lagoa era um mau cientista e não tinha credenciais no meio dele, mas que veio para cá porque era um excelente anti-comunista. Essa é que era a razão.

WH - E ele não participou das articulações, do golpe militar?

HL - Não, não creio. O Rocha Lagoa é daquela família de políticos mineiros. Eu conheci vários. E políticos daquele tempo mesmo, de mandar dar surra no oponente, no sujeito que votou errado, desse tipo de politiqueiro. De forma que talvez por isso ele tivesse uma participação grande na parte civil do governo militar. Porque também tinha isso: os militares só tinham confiança... Aliás, eles tinham só confiança não, eles faziam pouco do civil. Porque todo militar faz pouco do civil, do paisano, como eles diriam. Paisano para eles não tem um valor maior. Mas eles usavam certos paisanos. E esse Lagoa era um deles. Ele não levava muita vantagem. Era uma vantagem pessoal, assim imediata. Mas projeção maior, nunca tinha. Repara que todos esses políticos, todos esses civis que serviram à ditadura militar, foram sempre usados. Todos eles. Eles eram usados, depois deixados por lá. Quando ficavam bem esbagaalhados, deixavam por lá. (*rindo*) Como fizeram com o Lagoa. O Lagoa foi processado, teve um processo deste tamanho. Também, ele meteu a mão sério, não é?

RG - Ele teve um processo de corrupção depois?

HL - Sim, dentro dos militares. Eu já contei para vocês a anedota do português que fazia falsário? O Lagoa é igualzinho ao português. O português era um falsário de primeira, um artista. Então, fazia notas muito bem e...

WH - Dinheiro?

HL - Dinheiro, era falsário. Então, ele estava falando com outro português: "E o Manuel", "Ah, o Manuel enriqueceu, mas a ambição é que acabou com ele. Ele fazia notas de 1 cruzeiro, fez notas de 2 cruzeiros, mas quando ele fez nota de 2 e 500..." (*rindo*) E o Lagoa andou fazendo nota de 2 e 500. (*rindo*) Por isso é que pegaram ele.

RG - O Rocha Lagoa exagerou, não é?

HL - O Rocha Lagoa andou preso.

RG - Ele chegou a ficar preso?

HL - Chegou a ser preso. Ele meteu a mão mesmo.

RG - Depois que ele dirigiu o Instituto, foi ministro. Aí depois é que houve esse processo?

HL - E como ministro é que ele fez uma porção de falcatruas e com essas companhias de remédios, essas coisas. É o tal negócio do poder econômico. Eles são também vítimas do poder econômico, sem dúvida nenhuma.

RG - Agora, o senhor dizia, que mesmo se afastando da chefia de seção e tudo, houve respeito pelo trabalho do vocês. Mas teve gente que não foi tão respeitada assim. Por exemplo, o Walter Oswaldo Cruz. Parece que ele teve o seu laboratório muito prejudicado. Ele e o trabalho dele.

HL - Ah, sim. O Walter realmente foi muito prejudicado.

RG - Como ele, não teve outros? O caso dele foi excepcional?

HL - Não. Não foi porque o Walter Oswaldo Cruz tinha montado uma equipe de gente trabalhando na hematologia. Uma porção de gente recebia dinheiro de fora, tinha um prédio lá todo montado com dinheiro de fora. E acabou tudo isso. Então, ele praticamente teve que parar de trabalhar.

RG - Mas por quê?

HL - É um pouco diferente. Porque nós tínhamos um trabalho muito individual. O meu trabalho, pelo menos, e o do Herman também. Mesmo o do Haity, que era um trabalho de fisiologia, mas muito limitado ao seu laboratório. E ali ninguém entrava. Agora, é claro que a falta de material... Mas tudo isso era muito contornado aqui, porque nós sempre usamos muito pouco material. Mas, por exemplo, nós tínhamos a gaveta de insetos e não foram feitas mais. A coleção não cresceu mais, mas também nós não víamos a possibilidade de crescer como crescíamos antes. Aí não era possível. Quer dizer, sob esse aspecto houve. Agora, o trabalho científico particular, esse não foi alterado.

WH - Vocês tinham financiamento externo no seu laboratório, e o do Herman?

HL - Não. Eu tinha uma suplementação que o Conselho de Pesquisas dava para os meus auxiliares. Eu tinha dois auxiliares com complementação do Conselho. Isso acabou.

WH - Houve problema?

HL - Quer dizer, não chegou a acabar porque também eles foram para o Museu. O Dalci continuou a pedir ao Conselho de Pesquisa dinheiro para o Antônio e para o Pedro e o Frutuoso também. Mas depois o Frutuoso ficou aqui. O Antônio é que tinha se aposentado, porque era pracinha; ele pôde se aposentar mais cedo e foi para lá, continuou a trabalhar lá.

WH - Quer dizer então que havia problema em relação às verbas que vinham de fora durante a administração do Lagoa?

HL - Ah, sim. Aí a gente não podia nem pensar em pedir verba. Mas eu continuava. Mesmo no tempo do Lagoa eu continuava com o auxílio do Conselho de Pesquisa, aqui.

WH - Ele não interferiu no seu auxílio?

HL - Não. Isso não. Nem podia. Como é que ele podia interferir? O Conselho de Pesquisa me dava dinheiro, direto. Eu prestava contas. Fazia um relatório das atividades dos meus auxiliares, ele nem sabia. Eu acho que ele nem sabia.

WH - Mas durante a gestão do Rocha Lagoa, toda essa parte do financiamento externo passou a ter que atravessar a direção.

HL - Sim. Mas aí eram *grants*. O Herman, por exemplo, tinha *grant* da Fundação Ford. Mas isso era o *grant* que vinha, material que eles mandavam. Prestava contas, estava liquidado. Foram esses *grants* e a bolsa que tinha do Conselho, também, que foram denunciados lá no Ministério da Saúde. Inclusive, até o Dr. Gilberto Villela também foi obrigado a fazer, porque os outros fizeram. Mas está claro que ninguém vai pedir um *grant* estrangeiro e não vai prestar contas daquilo, direitinho. Seria outra imbecilidade. Essa gente, para nossa felicidade, era muito burra, muito ignorante.

WH - Inclusive, na época, eu acho que a Fundação Ford suspendeu o financiamento de várias pesquisas, não foi?

HL - É, deve ter feito isso. Mas a questão é que, por exemplo, a Fundação Ford tinha dado ao Herman Lent microscópio, alfinetes e uma porção de coisas que estão sendo usadas ainda aí. De forma que aí não havia interferência. Quer dizer, novos *grants* é que não era possível. Mas talvez nem alguém precisasse, não é?

RG - Nesse momento, quando começou tudo isso e as coisas não paravam, iam até piorando, vocês chegaram a pensar alguma coisa? Em sair do país? Ou vocês conseguiram ver o que...

HL - Não. Mas isso aconteceu, não é? O Haity Moussatché, o Ubatuba, o Herman saíram.

RG - Mas eles saíram depois de terem sido cassados, não é?

HL - Não, porque tiveram logo oferecimento para ir para fora.

RG - Mas ninguém chegou a antecipar o que vinha pela frente?

HL - Não, porque alguns não precisaram sair. Eu, por exemplo, não precisava. O meu problema doméstico era mais simples que o dos que ainda tinham filhos menores. Eu já tinha filhos criados e tal, não tinha muito problema. Mas outros precisaram sair. O Herman precisou ir para a Venezuela, porque o dinheiro que ele tinha não dava. O Haity Moussatché, também. Está lá até agora. O Ubatuba foi para a Inglaterra.

WH - Mas isso depois da cassação?

HL - Depois da cassação.

WH - Mas e antes? Houve oposição ao Rocha Lagoa? Algum tipo de mobilização, oposição a ele?

HL - Não. Eu acho que naquele... a gente não podia fazer oposição ao Rocha Lagoa de maneira nenhuma.

WH - E à administração dele?

HL - Bom, a administração dele seguia, sem que a gente soubesse nada do que estava acontecendo.

RG - Entre vocês, esse grupo de pessoas amigas e companheiras, chegaram a fazer alguma coisa entre vocês, até uma coisa informal, para ver se seria possível fazer alguma coisa em conjunto?

HL - Sim, nós continuávamos conversando e.... Não. Acho que aí era absolutamente impossível fazer qualquer coisa naquela época, com a ditadura militar, nem se pensava. Não.

RG - Vocês só conversavam? Vocês não chegaram a pensar em reagir de alguma maneira?

HL - Ah, não, de maneira nenhuma. De maneira nenhuma. Cada um cuidava de si e continuava trabalhando como podia, depois veio a cassação, na qual a gente não teve interferência nenhuma. Aí foi um ato isolado dele. O Lagoa é que conseguiu. Como ministro, ele conseguiu fazer o Garrastazu assinar o negócio lá.

RG - O senhor estava em São Paulo, não é?

HL - Eu estava em São Paulo.

RG - E o senhor se lembra como é que foi?

HL - Não. Eu não senti muito. Eu mais ou menos, já estava esperando, não é?

RG - Não foi assim uma surpresa, um impacto, uma coisa horrível?

HL - Surpresa nenhuma.

WH - O senhor já esperava a cassação?

HL - Já.

WH - Mas Dr. Hugo, o senhor estava falando que não havia possibilidade de se mobilizar ou de se opor ao Rocha Lagoa. Mas o Herman Lent fala, no livro dele, que houve uma denúncia dos cientistas do Instituto, ao ministro da saúde, do que o Rocha Lagoa estava fazendo aqui no Instituto. O senhor soube desse caso?

HL - Sim. Uma ocasião, nós fomos ao ministro, aquele ministro, que era dono de hospital. Como é que chamava? Não sei bem. Por intermédio de um amigo, nós fomos falar com ele, apenas para dizer que ele estava metendo os pés pelas mãos. Mas isso foi uma coisa da qual eu nem estava me lembrando direito. Agora, de qualquer maneira, nós fomos lá juntos.

WH - E o senhor chegou a ir lá também?

HL - Eu cheguei a ir lá.

WH - E o que aconteceu nessa reunião?

HL - Esse ministro, eu acho que o filho dele tinha sido meu aluno, lá na Rural. Mas isso era uma coisa sem importância maior.

WH - Como sem importância maior?

HL - Porque o que a gente podia fazer numa ditadura militar contra um preposto dos militares? A gente pensando, como está pensando hoje, por exemplo, acho que nem pretenderia fazer. Sem quebrar absolutamente nenhum risco.

WH - Mas vocês foram lá e...

HL - Fomos lá. Agora eu estou me lembrando que houve uma ocasião que nós fomos lá, no ministro.

WH - E falaram com ele?

HL - É.

WH - E como é que foi essa reunião?

HL - Acho que conversamos, contamos as histórias e tal, o que estava acontecendo. Mas esses ministros também são totalmente comprometidos com essa situação toda. A única coisa que podia ter acontecido de ruim com o Lagoa foi essa história de ele ter abusado,

de ter se encheido de dinheiro, de coisas... Essa era a única chance.

Fita 8 - Lado B

HL - Em relação a essa época do Lagoa, o pior já tinha acontecido, que era o Lagoa ser diretor. O resto, a gente não podia fazer nada. Se opor não era possível. Porque no começo, quando o Lagoa foi diretor - eu acho que já contei para vocês - ele não hostilizava a gente, pelo contrário. Ele chegou a vir aqui ao laboratório, várias vezes, ele conversava...

RG - Ah, é? Eu acho que o senhor não tinha falado sobre isso.

HL - Eu já tinha falado. Pois eu não falei como é que surgiu o atrito entre o Herman e o Lagoa. Eles não se conheciam, praticamente. O Lagoa vinha aqui, ia para o laboratório de vírus, porque o Herman estava lá em cima, podiam ter se encontrado, cumprimentado. Mas uma vez o Lagoa veio aqui... contei para vocês, e negócio da... Como é?

WH - Contou sim. Do Pentágono, não é?

HL - Aí é que começou. Lembra? Mas o Lagoa vinha aqui ao laboratório, freqüentemente ele vinha aqui conversar comigo.

RG - Fazia assim uma política, não é?

HL - Estava querendo fazer assim uma espécie de média, porque eu tinha sido amigo dele na escola. Tinha-o protegido quando ele estava na malandragem com o diretor. De forma que ele tinha assim aquela camaradagem comigo. Trabalhou comigo lá uma porção de tempo. No tempo da dificuldade de gasolina, o meu laboratório era no Maracanã. Nós atravessávamos a Quinta para pegar o ônibus para o Instituto, que vinha da cidade e passava pela Quinta da Boa Vista. Mas quantas vezes nós viemos juntos. Quer dizer, toda semana. Eu tinha aula três vezes por semana; quer dizer, três vezes na semana nós saíamos juntos.

WH - O senhor dava carona para o Rocha Lagoa?

HL - Não; não dava carona. Ele vinha para estagiar com o Lacorte. Ele aglutinou no Lacorte. Mas isso eu contei também. Por mais que eu quisesse que ele aglutinasse no Genésio, ele aglutinou no Lacorte. Já era esperto.

RG - Já era um sintoma, esse tipo de atração.

HL - De forma que começou assim, com uma camaradagem grande. Mas nunca ele podia me convidar para nada, entendeu como é? Eu não podia ser chefe na gestão do Lagoa.

RG - O senhor não aceitaria?

HL - Não, claro. Não aceitaria, mas não é questão de... Talvez ele achasse que eu não aceitaria, também não ia convidar. Porque ele tinha que satisfazer o pessoal do grupo dele, não é? Quer dizer, formou veneno.

WH - Dr. Hugo, em relação à pesquisa científica, quando o Rocha Lagoa assume a direção

do Instituto, ele diz no seu discurso que no Instituto iria se trabalhar com assuntos do interesse médico e que resolvessem os problemas da saúde do povo, essa coisa e tal.

HL - Ele diz isso no discurso? Porque eu me lembro do discurso dele, foi muito amável com todo mundo quando ele tomou posse aqui. Pelo menos aqui, no ministério eu não li. Mas quando ele tomou posse aqui, ele fez um discurso muito agradável, muito simpático. Todo mundo foi cumprimentá-lo. Porque o negócio estava assim: ninguém hostilizou o Lagoa quando ele veio. De maneira nenhuma. Depois é que começou a história. Começou com essa gargalhada. (*rindo*) Até talvez não houvesse havido nada se não houvesse essa gargalhada.

RG - O senhor acha?

HL - É. Não haveria essa animosidade, não é?

WH - A gargalhada do Herman causou isso?

HL - É, a gargalhada do Herman, quando ele quis bancar o importante. Quer dizer, isso é o que caracterizava o grupo, compreende? O Herman não fez essa gargalhada porque fosse contra o Lagoa, ele faria isso com...

WH - Com qualquer pessoa?

HL - Que tivesse a coragem de dizer uma coisa semelhante, equivalente. Ele teria a mesma atitude com qualquer um de nós.

WH - Dr. Hugo nessa época em que o Rocha Lagoa foi diretor, muitos cientistas, inclusive o Herman, o Haity e o Tito Cavalcanti, freqüentaram reuniões com o ministro Roberto Campos, depois com o Magalhães Pinto, pela criação do Ministério da Ciência e Tecnologia, não é?

HL - Ah, sim. Mas eu não acompanhei muito isso.

WH - O senhor não acompanhou?

HL - Não, não acompanhei.

WH - Mas o que eles queriam era retirar o Instituto da área do Ministério da Saúde?

HL - Essa tentativa foi válida, é claro. Mas não deu certo. Nada disso podia dar certo.

RG - O senhor acha hoje em dia que foi uma ingenuidade esse tipo de contato?

HL - Não, ingenuidade, não. Eu acho que está certo que a pessoa tente. Como essas reuniões nossas com o ministro de agora, com o PMDB, eu também acho que são válidas. Tudo isso é válido. A gente, de longe assim, depois de passado tanto tempo, pode achar que isso seria inútil, mas na hora qualquer coisa era necessária. A gente não podia se entregar sem alguma luta. E a luta só de falar não adianta, a gente tem que fazer alguma coisa, não é?

RG - Houve várias tentativas, nesse meio tempo, de se articular alguma coisa na política científica, não é?

HL - Essa, por exemplo, de tirar o Instituto da área de saúde era até uma coisa interessante, porque era quase que escamotear. Mas hoje a gente está vendo que seria praticamente impossível. Ou se fosse para outra área ia ter um outro Lagoa, porque o problema não é do Lagoa, o problema é o que representa o Lagoa.

WH - Do que significou àquela época.

HL - Agora há muitos à vontade, por aí. É só querer achar um. Eu nunca sou capaz de incriminar uma pessoa e sim o que a pessoa representa. Por exemplo, o Arthur Bernardes foi um presidente horroroso. Aquele negócio de Trevelância, perseguiu os inimigos dele, aquela coisa toda. Depois, o Arthur Bernardes não foi um sujeito formidável com o petróleo? Demonstrou que era até patriota. Não sei se ele mudou ou se as condições é que são diferentes. Eu acho que a gente nunca deve acusar uma pessoa de uma coisa, acusar o que aquela pessoa está fazendo. Porque ninguém é ministro, o sujeito...

RG - Está ministro. Aquela história, não é?

HL - É, de estar ministro.

RG - Dr. Hugo, passado tudo isso, o senhor disse que a sua linha de pesquisa propriamente não sofreu, porque o senhor trabalhava de uma maneira muito individual, então deslocou-se e até ganhou.

HL - É. E depois, também, eu tinha muita atividade no Km 47. Eu contei que eu passava dois dias lá; ia para lá na sexta-feira ao meio-dia e ficava lá o resto da sexta-feira e o sábado, em contato com os alunos e com o pessoal que estava começando a fazer pesquisa lá. Eu estava muito entusiasmado com o que estava acontecendo no Km. E lá eu não fui absolutamente molestado. Eu pedi aposentadoria lá, em 64, mas continuei a ir lá, continuavam os rapazes a vir aqui. Quer dizer, essa atividade não foi interrompida.

RG - O senhor não perdeu totalmente o contato com a atividade docente, não é?

HL - É. Também isso deve ter sido muito importante para mim, porque eu não tive nenhuma alteração nessa atividade que para mim era muito importante, que era a da formação dos rapazes que estavam continuando a parasitologia lá.

RG - E anos depois o senhor foi convidado pela Santa Úrsula, chamou vários colegas, e vocês até montaram...

HL - Em 75, eu fui para a Santa Úrsula. Passei cinco anos só no Museu. Mas também, praticamente ia diariamente ao Museu.

RG - A pergunta que eu queria lhe fazer era sobre a sua concepção de ciência, pesquisa e educação. Eu queria saber se, com o passar dos anos e com essas mudanças todas que ocorreram no país, na sua vida, o senhor reformulou a sua concepção de que seria ciência.

HL - O que eu acho mais importante nessa atividade, não só de professor como de trabalho

científico, é o modo que a pessoa tem de se comportar, de viver, de raciocinar com naturalidade, quer dizer, com simplicidade, vamos dizer. Quer dizer, nada é difícil porque tudo a gente pode resolver, desde que tenha uma técnica para resolver. Isso tanto vale para o professor como para o pesquisador.

RG - Mas o senhor é uma pessoa muito modesta, Dr. Hugo. Isso a gente já percebeu, a sua modéstia.

HL - Ah, não! Isso não! Pelo contrário, eu não sou nada modesto.

RG - Sim. A gente sabe que o senhor é um pesquisador de fama internacional.

HL - Eu posso estar modesto, mas não sou. (*risos*)

RG - Agora, queria saber o seguinte. O senhor é uma pessoa culta, o senhor lê, o senhor cita autores. Existe uma filosofia por trás dessa sua concepção de ciência. O senhor podia falar um pouco sobre isso?

HL - Ah, é claro que sim, claro que sim. Eu estava querendo dizer exatamente isso. Quer dizer, o modo de vida da gente fica tão diferente, a gente olha para a vida de um modo especial e tão simples, que nada fica difícil. É só uma questão de tempo para resolver. Desde que a gente tenha uma determinada técnica. Acho que isso é que é a grande filosofia de todas as coisas no ensino e na pesquisa. Quer dizer, muitas coisas são inteiramente obscuras, claro que são. A maior parte das coisas a gente pensa a gente não resolveu ainda, mas a gente sabe que um dia poderá resolver, desde que utilize uma determinada técnica e que tenha paciência para resolver essas coisas. Mas essa é que é a simplicidade de todas as coisas, não é? Quer dizer, um assunto qualquer para ensinar ou para pesquisar é um assunto em que a gente está inteiramente ignorante, começa a saber uma porção de coisas, mas vai vendo que essas coisas não são suficientes para entender tudo. Então o que a gente esclarece já satisfaz. Por isso a gente tem que ser modesto, tem que ter modéstia. Qualquer coisa, uma coisinha à toa que a gente descubra, já é um passo adiante. Isso é que eu acho a coisa mais importante em qualquer trabalho científico e no trabalho de professor também. Quando o aluno pergunta: “Como é isso?” E o professor tem que responder. E muitas vezes a gente não sabe como é isso. Então tem que espiar para ver como é. Há sempre uma técnica da gente aprender como é a coisa. Nada é tão misterioso que a gente não possa aprender. Eu acho que essa é a coisa mais importante de todo esse comportamento, esse trabalho. De forma que aí a gente precisa ser modesto, porque as coisas pelo menos são trabalhosas para se fazer. Eu sempre junto os alunos lá na biblioteca do Museu, toda a minha turma. Eu tenho que fazer isso para mostrar a eles como é que a gente trabalha, como é que a gente toma conhecimento do que está feito naquele assunto que a gente quer trabalhar, que está feito anteriormente. Consultando os *referatus* e vendo a bibliografia que está feita. Então, claro, há uma série de dificuldades. Ali encontro dificuldades. Há trabalho até em japonês. Pode estar em japonês, pode estar em russo, mesmo em alemão, que seja mais difícil da gente aprender do que em francês ou inglês. Mas tudo se resolve, quer dizer, se resolve com paciência. Agora, tudo é trabalhoso. Isso é que eu acho que é a coisa mais importante de todo trabalho científico: é a paciência que a gente tem que ter para poder aprender as coisas. A gente nunca pode pensar que a coisa é tão difícil que a gente não possa aprender, a compreender como é. Mas tem que saber, descobrir cada coisa, ter paciência suficiente. Acho que essa é que é a grande filosofia do trabalho, como no ensino.

RG - O senhor se diria assim um continuador do Travassos? Um formador?

HL - Não, o Travassos tinha características muito especiais. O Travassos tinha uma capacidade de entender as pessoas, de descobrir as pessoas.

RG - E o senhor acha que não tem?

HL - Eu procuro fazer um pouco semelhante, mas eu acho que é muito difícil. Porque o Travassos tinha uma capacidade... Não sei, ele tinha um poder de aglutinação. Ele tinha um respeito pelos outros que não é comum; não é qualquer pessoa que é assim. Mas o Travassos era uma pessoa muito especial. É muito difícil aparecer um outro Travassos por aí. Por mais que a gente queira imitar, é claro.

RG - Ele foi aglutinador, em torno dele tinha um grupo grande.

HL - Seguramente, seguramente. E era um entusiasmador das pessoas. Ele entusiasmava qualquer um. Ele tinha um amigo, um verdadeiro amigo, que era a pessoa encarregada de tomar conta das instalações da Light no Cristo Redentor, lá nas Paineiras. E o Travassos era amigo desse homem. O homem vivia aqui, apanhava borboletas com o Travassos e conhecia uma porção de coisas sobre borboletas. E o Travassos conversava com ele como se o homem fosse um entomologista, entende? Essa capacidade que o Travassos tinha, sei lá, de admirar as pessoas, isso eu acho uma coisa extraordinária. Acho que eu nunca seria capaz de fazer. É uma coisa extraordinária.

RG - E do ponto de vista do conhecimento, o senhor acha que houve avanço, houve mudanças na área?

HL - Ah, sim. É claro.

RG - Há uma nova maneira de se trabalhar?

HL - Não. Nova não, mas uma maneira sempre mais aperfeiçoada. Depois que apareceu o microscópio de varredura... Se o Travassos tivesse o microscópico de varredura para ver as coisas que eu estou vendo hoje... (*rindo*). É uma coisa extraordinária. Quer dizer, a técnica é que muda, mas não a mentalidade das pessoas. Eu acho que um tipo como o Travassos teve ter havido em outras gerações anteriores também, pessoas assim, não é? Eu acho que são marcos, são pessoas que são muito importantes, que marcam e entusiasmam a pessoa para trabalhar num determinado assunto.

WH - Por exemplo, Dr. Hugo, uma questão que chama a atenção hoje é a especialização que a formação da área de biologia exige das pessoas. Na sua época isso não era desenvolvido, os senhores faziam o curso de geologia, o senhor trabalhou com dípteros e trabalhou também com moluscos.

HL - Sim. Mas eu acho que é exatamente isso. Isso é uma das coisas que o Travassos falava muito, desde o tempo que eu comecei. Para que o sujeito seja um bom especialista, ele precisa ter uma tal noção do que está em torno que talvez seja mais trabalhoso ter esta noção do que fazer a especialidade.

WH - E qual é a importância de ter essa noção?

HL - Porque tudo tem que ter um termo de comparação. Se a gente está trabalhando numa especialidade e não sabe com bastante detalhe todas as coisas que estão em torno, a gente não pode comparar a sua especialidade com as outras coisas. Quer dizer, a pessoa pode não trabalhar em outros assuntos, mas precisa ter o conhecimento daqueles outros assuntos. Uma coisa é trabalhar no assunto, outra coisa é o conhecimento daquele assunto. Acho que esse conhecimento, essa vivência dos outros assuntos é muito importante, principalmente para o professor. E na parasitologia isto é muito acentuado, porque o parasitologista tem que conhecer não só o parasito como os hospedadores. Os hospedadores são invertebrados, são vertebrados, aves, mamíferos. Então tem que ter um conhecimento. O que Travassos sabia, por exemplo, de anatomia de aves, era uma coisa impressionante. Acho que muito ornitólogo não sabe o que o Travassos sabia, pelo fato de necropsiar aves, abrir aves. Quer dizer, isso é que é a coisa importante. Acho que quanto mais fundo a gente vai numa especialização, mais tem que ter conhecimento em torno. Eu sempre gostei muito de astronomia. O que a astronomia tem com isso? Eu estava no Km, com aquele céu limpo, sem poluição, eu deitava na grama e sabia o céu direitinho. Tinha o mapinha do céu para poder comparar. Sempre gostei muito disso. Via a época em que começam as estrelas cadentes, em que região. Acho uma coisa linda, isso. Quer dizer, eu acho que isso é importante. Como coisa de literatura, de arte. Eu acho que o brasileiro, por exemplo, que não tem um conhecimento desse pessoal bom nas artes plásticas, não está no seu ambiente. E na literatura também, não é?

WH - E como é que é, Dr. Hugo, fazer ciência num ambiente brasileiro?

HL - Bom, isso também é outra coisa que o Travassos sempre dizia com muita precisão. Ele dizia: "Há uma época certa da pessoa ir para o estrangeiro". Ele era inteiramente contra isso de fazer o mestrado no estrangeiro, fazer curso inicial, se preparar no estrangeiro. Ele achava, como eu também acho, cada vez me convenço mais, que a pessoa, no Brasil, tem que esgotar todas as possibilidades que ele tem no seu ambiente, no seu lugar. Quando ele esgota isso, então aí ele vai lucrar muito no estrangeiro. Porque quando a gente vê qualquer coisa do estrangeiro, a gente vê como o estrangeiro é tão ignorante das coisas do Brasil. Eu já lhe contei a história do Dr. Lutz com o professor Marcus? O professor Marcus era um alemão muito importante que veio aqui para ensinar zoologia em São Paulo. E, como todo alemão que se prezava, a primeira coisa que fazia era ir visitar o Dr. Lutz, que era famoso, conhecido por todos. Então, o Dr. Lutz brincava com esses camaradas por causa da ignorância que eles tinham das coisas do Brasil. Um dia, chegou o Marcus ele pegou um pedaço de pita e disse: "Você já viu essa madeira?" O Marcus segurou aquilo, era leve. Depois pegou um pedaço de uma madeira pau-ferro, um troço desse pesado, deu para o camarada, ele ficou com medo. Depois pegou uma lombriga que estava dentro de um vidro grande e perguntou: "Você já viu isso?" O Marcus disse assim: "Deve ser um animal marinho, não é Dr. Lutz?" E o Dr. Lutz falou: "Precisamente, pois se está no rim de tudo quanto é cachorro. Você é que não sabe as coisas aqui do Brasil". O que ele queria dizer é que o sujeito que vem de fora, muito sabido, vem aqui para o Brasil para ensinar o quê? Ensinar numa escola, num ambiente que ele não conhece. Então, o professor Marcus disse para ele: "Mas o senhor está me passando uma sabatina, hein Dr. Lutz?" E ele disse assim: "E precisamente você está perigando, você está perigando". (*rindo*) É o tal negócio, acho que tem muita coisa para se aprender no Brasil, antes de ir para fora.

WH - Quer dizer que o Brasil ainda não esgotou todo esse conhecimento que se tem que ter aqui dentro. Mas, ao mesmo tempo, em termos de técnica, tecnologia e tal, se traz muito a ciência que se faz no exterior. Como é que se dá isso na área de entomologia, essa convivência?

HL - Na área de entomologia e na área de zoologia, de um modo geral, o brasileiro leva uma vantagem enorme, porque está no meio do material. Ele pode apanhar todo o material que quiser para estudar. Agora, a única dificuldade que ele tem é que geralmente os bichos, as espécies que foram descritas, os tipos, estão nos museus estrangeiros. Mas a gente pode ir lá buscá-los. De modo que nem essa restrição existe, realmente.

WH - Mas os tipos para a fauna brasileira são os tipos estrangeiros?

HL - Não, não. Os tipos da fauna brasileira podem estar em museus estrangeiros. Mas o brasileiro pode mandar buscar os tipos ou pode ir lá ver os tipos. Isso é outra coisa que pode, até é muito agradável arranjar. Isso não é bem estudar no estrangeiro. Isso é estudar no Brasil e precisar ver uma coisa que está no estrangeiro, não é?

RG - Então, na sua área, o senhor diria que o Brasil não está numa posição particularmente inferior em termos de conhecimento?

HL - Não, de maneira nenhuma. Pelo contrário, está numa posição muito superior. Isso eu sempre digo para os meninos que estão trabalhando comigo. O trabalho que a gente pode fazer aqui é tão superior, porque tem os bichos vivos. Pode-se estudar populações de bichos e plantas. Um gringo vai ver um bicho espetado, um bicho seco. Nós aqui temos o bicho vivo e podemos fazer coisa muito melhor.

RG - E o senhor acha que existem diferentes linhas de pesquisa na sua área, quer dizer, não pesquisando outros animais, mas outras escolas?

HL - Não. Ainda ontem eu recebi um trabalho de um norueguês, muito bem feito. Quer dizer, você vê: a pessoa quando está num ambiente muito desenvolvido, como é a Noruega - cientificamente os países escandinavos são muito desenvolvidos - faz um trabalho excepcional. Mas, de um modo geral, os trabalhos que a gente recebe, mesmo americanos, são muitos deles muito inferiores aos que se fazem aqui. Não tem dúvida nenhuma. Tem técnica, tem tudo, é claro.

RG - E mesmo no Brasil, quais são os grandes centros, institutos ou locais?

HL - É o Rio; quer dizer, em zoologia. Aqui em Manguinhos e no Museu.

RG - Aqui no Rio o Museu é o centro, por excelência?

HL - Aqui no Instituto também, com o Travassos, e com o Lutz. Em São Paulo existe o Departamento de Zoologia. Agora tem grupos muito bons na Universidade de Campinas. Curitiba está uma coisa excepcional, porque a pós-graduação em Curitiba é qualquer coisa de muito especial, nessa área de entomologia, principalmente. E o Rio Grande do Sul, um pouco. Belo Horizonte também está muito bem. O Brasil tem muitos lugares.

RG - Tem vários centros importantes?

HL - Muitos.

RG - Lá na Santa Úrsula vocês já conseguiram criar um?

HL - Na Santa Úrsula nós temos um pouco de dificuldade em espaço. Mas agora o Dr. Arouca disse que vai fazer um convênio com a Santa Úrsula e que vai botar o Instituto à disposição da Santa Úrsula. Eu estou muito contente.

RG - Quer dizer que com essa volta de vocês, vai haver um acordo. Muito interessante, não é?

HL - É. Isso é uma das razões pelas quais eu estou achando que devia voltar.

RG - O senhor está achando que deve voltar porque não vai romper com...

HL - Também isso. Além de tudo, eu acho isso muito importante. O pessoal da Santa Úrsula está muito espalhado, os ex-alunos. Estão aqui, no Fundão, em toda a parte. Eles lá têm um curso muito prático, de forma que têm tido muito sucesso em todos os lugares.

RG - Na Santa Úrsula?

HL - É, o pessoal da Santa Úrsula.

RG - O grupo todo daqui foi para lá?

HL - É. Nós temos um curso muito prático lá. Não só conosco, mas com o pessoal de peixes, de crustáceos, de vermes.

RG - É outro pessoal?

HL - É. Um pessoal que já estava lá quando nós fomos.

RG - Não foram vocês que montaram a equipe?

HL - Foi gente criada pela madre Fátima, gente boa. De forma que eles têm um curso muito prático. Quer dizer, o aluno quanto sai de lá tem uma noção muito boa de zoologia. E têm tido muito sucesso no Fundão, aqui em Manguinhos, mesmo. É bonito demais, todo lugar que a gente vai tem aluno da Santa Úrsula.

RG - A gente está fazendo essa entrevista hoje, aqui, e está muito próximo do dia que seria a volta, não sei se efetiva ou simbólica, dos pesquisadores cassados e aposentados.

HL - Deve ser aí em começo de agosto, não é?

RG - Já tem um dia certo?

HL - Acho que no dia 5.

RG - Quer dizer, fora o Herman que está com essa questão de princípio, ele acha que não

poderia.

HL - Eu tenho a impressão que também tem a senhora dele, que está precisando de mais cuidados dele.

RG - E os outros, pelos menos aqueles com os quais o senhor tem contato, estariam?

HL - Eu acho que sim. O Sebastião de Oliveira já assinou o contrato. Ele me disse.

RG - Ah, é? O senhor vem aqui toda semana, mas o senhor não tem nenhum vínculo?

HL - Eu tenho vindo agora com muita frequência porque o negócio do Pedro está funcionando lá. Eu estou batendo um trabalho no computador. (*rindo*)

RG - Que negócio? Conte aqui para a gente o que é que o senhor está fazendo aqui.

HL - Bom. Eu estou com um grupo aí estudando moscas sinandrópicas, quer dizer, moscas que vivem em torno das casas.

RG - Não são moluscos, não é?

HL - Não. São dípteros. De forma que tem um grupo aí, já estamos criando uma porção de espécies e vendo o desenvolvimento dessas espécies. Quer dizer, estudando cada espécie com todos os detalhes. Então dá trabalho para uma porção de gente.

RG - Como é que ocorreu a sua volta?

HL - Bom, essa volta ocorreu de um modo muito engraçado. Foi o Josemar de Almeida, que é professor do meu neto, Hugo José, filho da minha filha mais velha. E ele convidou esse meu neto para trabalhar com ele nessas coisas.

RG - Aqui em Manguinhos?

HL - Não, em moscas. Então, ele veio para cá. Mas aí eu vi um grupo aqui, que estava começando. E tem uma porção de gente aí, recentemente formada e alguns estudantes, e nós estamos trabalhando. Formou-se um grupo grande lá no laboratório do Pedro Jurberg.

RG - Aí veio o seu neto e o seu neto é que chamou o senhor para vir?

HL - Mais ou menos, não é? Eu já estava com vontade vir para trabalhar com o Pedro Jurberg, que começou a trabalhar comigo em moluscos.

RG - E hoje em dia ele é que chefia esse setor?

HL - Ele é que é o meu chefe lá.

RG - É uma coisa interessante, não é? De repente o jovem discípulo acolhe novamente o professor.

HL - Isso é muito bom. Acho que mais me dá satisfação é um tipo assim como o Pedro,

que evolui todos os dias. Todos os dias que eu encontro o Pedro, ele já está melhor. Eu me lembro que uma vez ele foi examinar uma tese de bacharelado, lá na Santa Úrsula. E a atuação do Pedro me surpreendeu. Eu achei que ele estava tão bem! Então, foi a primeira vez que eu vi o Pedro depois dessa atividade grande dele aí. E cada dia ele está melhor.

WH - Ele lhe surpreendeu por quê? Em que sentido ele estava bem?

HL - Não sei. Eu acho que tem pessoas assim...

RG - Que não param de crescer.

HL - Que estão sempre melhorando, que não se satisfazem com o que são, querem sempre fazer coisas diferentes. Estão sempre perguntando, questionando. Isso é a base de todo trabalho científico, não é?

WH - Parecido com o Dr. Herman e com esse grupo aqui.

HL - É. Pois é! Parecido. Aliás, o Pedro outro dia me disse uma coisa muito engraçada. Ele disse: "Olha, eu procuro ser assim como o senhor, acomodar as coisas, ver, ajudar. Mas às vezes eu tenho que ser como o Dr. Herman". (*rindo*) Eu achei tanta graça. O Pedro é muito engraçado. É um tipo assim muito questionador. Isso é que é. A vida vai para frente é para essa gente, não é?

RG - Quer dizer que o senhor acha que com o Pedro aqui, por exemplo, todo esse setor teria a chance de crescer novamente?

HL - Eu acho que o Instituto precisa fazer força para obter de volta... Ainda ontem eu estava falando com o Emílio Mitidieri, que era uma figura principal do Gilberto Villela, que ele tem que voltar. Ele está no Instituto do Câncer, o pessoal está prestigiando ele, mas ele tem que voltar. Eu ainda vou conversar isso com a direção aí.

RG - O senhor acha que tem um grupo de pessoas que não foi cassado, mas que se afastou e que deveria voltar?

HL - Ah, sim. Exato. Inclusive o Mário Vianna Dias, o Jorge Guimarães, que está em Niterói.

RG - Alguém tem contato com o Mário Vianna ainda? O senhor sabe?

HL - Tem. A gente sempre tem contato.